

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GUILHERME ANTÔNIO SILVA

**O /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA**

Uberlândia  
2016

**GUILHERME ANTÔNIO SILVA**

**O /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Cursos de Mestrado e Doutorado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa 1: Análise e descrição linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia  
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S586r Silva, Guilherme Antônio, 1984-  
2016 O /R/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia /  
Guilherme Antônio Silva. - 2016.  
120 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Fonologia - Teses. 3.  
Linguagem e línguas - Variação - Teses. 4. Linguagem popular -  
Uberlândia (MG) - Teses. I. Magalhães, José Sueli de, 1967-. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística. III. Título.

---

CDU: 801

GUILHERME ANTÔNIO SILVA

O /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre  
em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-  
Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade  
Federal de Uberlândia (MG) pela Banca Examinadora  
formada por:

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães – UFU/MG  
Orientador

---

Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves

---

Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende Santos

Uberlândia, 25 de fevereiro de 2016.

Aos meus pais, José Antônio e Eliane Luiza; Ao Prof.  
Dr. José Sueli de Magalhães;  
À minha amiga e colega de mestrado, Fernanda  
Alvarenga;  
Ao meu amigo e irmão de consideração, Wellington de  
Sousa Santos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. José Sueli de Magalhães pelos ensinamentos, pela paciência e dedicação, por ter acreditado em mim, oportunizando-me o crescimento intelectual.

Às Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha e Dr<sup>a</sup>. Adriana Cristiane Critianini, pelas contribuições quanto da qualificação deste trabalho.

A Giselly Oliveira Lima, amiga em todos os momentos.

Aos amigos e colegas do Curso Mestrado em Linguística;

Ao meu amigo, Deyvisson Rafael, e a minha amiga, Adriana Célia Alves;

Ao meu pai, José Antônio, pelo amor incondicional e apoio permanente em minhas decisões e escolhas;

A minha mãe, Eliane Luiza, pelo amor incondicional, paciência e companheirismo.

As minhas irmãs, Ariele Maria Vieira e Jéssica Dias Bartasson, por fazerem parte da minha vida.

Aos meus familiares e, em especial, a minha madrinha, Maria Perpétua da Silva, por ser uma segunda mãe, pelo apoio e carinho.

A todos aqueles que contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar a realização do /R/ no fim de sílaba (coda) na cidade de Uberlândia-MG, levando-se em conta aspectos variacionistas e possíveis fenômenos fonológicos que perpassam a realização variável deste segmento. Utilizamos a metodologia variacionista laboviana, a qual nos deu suporte necessário para investigar e sistematizar a variação de uma comunidade linguística. O *corpus* foi constituído por 5139 ocorrências de /R/, sendo 2528 realizações retroflexas, 2480 apagamentos e 132 ocorrências de outros segmentos. Os informantes da pesquisa foram estratificados por: sexo; faixa etária; escolaridade; nascidos em Uberlândia/MG ou terem chegado até os cinco anos de idade nessa cidade. Além das variáveis extralingüísticas (sexo, faixa etária e escolaridade), estabelecemos como variáveis linguísticas: contexto seguinte; contexto precedente; tonicidade da sílaba; item lexical; posicionamento da coda na palavra; e, por fim, tamanho da palavra. Após as análises estatísticas computadas pelo software Goldvarb, os contextos favorecedores à realização retroflexa foram: segmentos coronais no contexto seguinte; segmentos labiais no contexto precedente; sílabas átonas; substantivos e outros; e palavras com uma sílaba. Os contextos que favoreceram o apagamento foram: segmentos dorsais no contexto seguinte e verbos. As variáveis extralingüísticas favoreceram a variação menos escolaridade. Assim, o fatores sexo masculino e a faixa etária de 26 a 49 anos favoreceram a variante retroflexa, enquanto o fatores sexo feminino e a faixa etária mais de 49 favoreceram o apagamento.

Palavras-chave: rótico; coda silábica; variação fonológica.

## ABSTRACT

The aim of this research is to describe and analyze the realization of the /R/ at the end of the syllable (coda) in the city of Uberlândia-MG, taking into account variationist aspects and possible phonological phenomena that permeates the variable realization of this segment. We used the labovian variationist methodology, that gave us the needed support to investigate and systematize the variation of one linguistic community. The corpus was compound by 5139 occurrences of /R/, which 2528 were retroflex realizations, 2480 were deletions and 132 were occurrences of other segments. The informants of this research were stratified by: sex; age group; scholarly; they were born in Uberlândia or they arrived in this city before fifth birthday. Beyond the extralinguistic variables (sex, age group and scholarly), we established as linguistic variables: following context; previous context; tonicity of syllable; lexical item; coda position in the syllable; and, at last, the word size. After the statistic analisis computed by the Goldvarb software, the favoring contexts to the retroflex realization were: coronal segments in the following context; labial segments in the previous context; unstressed syllables; nouns and others (non verbs); and words with one syllable. The favoring contexts to deletion were: dorsal segments int the following context and verbs. The extra linguistic variables favored the variation less scholarly. So, the factors male sex and age group from 26 to 49 years favored the retroflex variant, while the factors female and the age group with more than 49 years favored the deletion.

Keywords: rhotic; syllabic coda; phonological variation.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Resultado total das variantes do /R/ .....	p. 65
<b>TABELA 2</b> - Porcentagem de segmentos retroflexos e fricativos .....	p. 68
<b>TABELA 3</b> - Apagamento e manutenção do /R/ .....	p. 79
<b>TABELA 4</b> - Variável sexo/ Realização do [l].....	p. 81
<b>TABELA 5</b> - Variável sexo/ Realização retroflexa / coda final .....	p. 82
<b>TABELA 6</b> - Faixa etária .....	p. 84
<b>TABELA 7</b> - Faixa etária / contexto coda final .....	p. 85
<b>TABELA 8</b> - Contexto seguinte .....	p. 87
<b>TABELA 9</b> - Contexto precedente.....	p. 90
<b>TABELA 10</b> - Tonicidade da sílaba.....	p. 92
<b>TABELA 11</b> - Tonicidade da sílaba / coda final.....	p. 93
<b>TABELA 12</b> - Posição da coda na palavra.....	p. 94
<b>TABELA 13</b> - Item lexical.....	p. 97
<b>TABELA 14</b> - Item lexical / coda final.....	p. 99
<b>TABELA 15</b> - O apagamento de acordo com item lexical em Uberlândia, RJ e SSA.....	p. 102
<b>TABELA 16</b> - Tamanho da palavra.....	p. 103
<b>TABELA 17</b> - O apagamento do /R/ por saliência fônica no PB - Dialetos do RJ... p.	104

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Presença de -R retroflexo em determinadas áreas .....	p. 27
<b>FIGURA 2:</b> A representação arbórea da Aproximante retroflexa [ɿ] e Aproximante alveolar [ɾ].....	p. 28
<b>FIGURA 3:</b> Forma da onda e spectrograma da sequência " <i>redor pra e</i> " na sentença " <i>digo redor pra ele</i> ", produzida por N.R .....	p. 33
<b>FIGURA 4</b> - Comparação entre os segmentos retroflexo e aproximante palatal.....	p. 34
<b>FIGURA 5</b> - O correlato acústico da aproximante retroflexa, onde se lê "tive sorte".....	p. 35
<b>FIGURA 6:</b> Representação do /R/ por meio do feixe de traços.....	p. 43
<b>FIGURA 7:</b> Vista de Uberlândia.....	p. 54
<b>FIGURA 8:</b> Vista central de Uberlândia.....	p. 55
<b>FIGURA 9:</b> Localização da cidade de Uberlândia em Minas Gerais.....	p. 56
<b>FIGURA 10:</b> Mapa destacando a cidade de Uberlândia e sua posição estratégica para a logística.....	p. 57

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> - O /R/ no Latim.....	p. 22
<b>QUADRO 2</b> - A vibrante no galego-português.....	p. 22
<b>QUADRO 3</b> - Os róticos no PB.....	p. 25
<b>QUADRO 4</b> - Caracterização dos sons de /R/ pelos traços distintivos.....	p. 44
<b>QUADRO 5</b> - Células de pesquisa: sexo feminino.....	p. 64
<b>QUADRO 6</b> - Células de pesquisa: sexo masculino.....	p. 64
<b>QUADRO 7</b> - As ocorrências da variante “outros” em relação ao grau de escolaridade 0 a 11 anos de estudo.....	p. 77
<b>QUADRO 8</b> - As ocorrências da variante “outros” em relação ao grau de escolaridade com mais de 11 anos de estudo.....	p. 78
<b>QUADRO 9</b> - Apagamento do /R/ em SSA, POA e Uberlândia, no contexto de coda final.....	p. 83
<b>QUADRO 10</b> - Ocorrências de /R/ no contexto seguinte.....	p. 89
<b>QUADRO 11</b> - Ocorrências de /R/ no contexto precedente.....	p. 91
<b>QUADRO 12</b> - Ocorrências de /R/ na sílaba átona e na sílaba tônica.....	p. 92
<b>QUADRO 13</b> - Exemplos de /R/ na coda medial e na coda final em Uberlândia.....	p. 97
<b>QUADRO 14</b> - Ocorrências de /R/ segundo o item lexical.....	p. 98
<b>QUADRO 15</b> - Ocorrências de /R/ em não-verbos.....	p. 101
<b>QUADRO 16</b> - Ocorrências de /R/ em relação ao tamanho da palavra.....	p. 106
<b>QUADRO 17</b> : Os fatores favorecedores da variação do /R/.....	p. 108
<b>QUADRO 18</b> : Tipos de regras para o apagamento do /R/.....	p. 110

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b> - Porcentagem de segmentos retroflexos e “outros”.....	p. 68
<b>GRÁFICO 2</b> - Realização retroflexa em Uberlândia, Campinas e interior paulista..	p. 72
<b>GRÁFICO 3</b> - Realização da variante “outros”, considerando a variável independente escolaridade.....	p. 75
<b>GRÁFICO 4</b> - Realização da variante “outros”, considerando a variável independente faixa etária.....	p. 76
<b>GRÁFICO 5</b> - A realização retroflexa e o apagamento.....	p. 80
<b>GRÁFICO 6</b> - Apagamento do /R/ em posição de coda final, por faixa etária, no Rio de janeiro, em Salvador e Porto Alegre, na década de 70.....	p. 86
<b>GRÁFICO 7</b> - Apagamento do R em posição de coda, por faixa etária, em Uberlândia.....	p. 86
<b>GRÁFICO 8</b> – O apagamento do /R/ em coda final e medial.....	p. 96
<b>GRÁFICO 9</b> - Apagamento e realização do /R/, de acordo com o item lexical....	p. 100
<b>GRÁFICO 10</b> - Apagamento do /R/ em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador, na década de 70, de acordo com a classe morfológica.....	p. 101
<b>GRÁFICO 11</b> - Apagamento do R em posição de coda final, na fala padrão do Rio de Janeiro, (25-35), nas duas décadas, levando em conta classe morfológica.....	p. 102
<b>GRÁFICO 12</b> - Apagamento do R por saliência fônica no Rio e em Uberlândia..	p. 105

## Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Objetivos .....	18
1.1.1	Objetivo geral.....	18
1.1.2	Objetivos específicos .....	18
1.2	Hipóteses de pesquisa .....	19
1.3	Organização da dissertação .....	19
2	APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	20
2.1	Revisão da literatura sobre o /R/ .....	20
2.1.1	O /R/ no Latim e no Galego Português .....	21
2.1.2	Sobre o estatuto dos róticos no PB .....	23
2.1.3	As variantes do /R/ no Português brasileiro .....	25
2.1.4	O correlato acústico do /R/ retroflexo .....	32
2.1.5	A estigmatização do retroflexo .....	35
2.2	Teoria Fonológica: Traços distintivos.....	40
2.3	A teoria variacionista laboviana.....	45
2.4	Contexto da Pesquisa.....	50
2.4.1	A coleta e a seleção dos dados .....	50
2.4.2	O programa estatístico .....	51
2.4.3	Localização e Escolha do Município pesquisado .....	53
2.5	Seleção das Variáveis .....	58
2.5.1	Variável dependente .....	58
2.5.2	Variáveis independentes.....	59
3	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	65
3.1	A variante do /R/ predominante em Uberlândia.....	67
3.1.1	A variante retroflexa.....	69
3.1.2	A variante “outros” .....	74
3.2	O apagamento e a realização retroflexa.....	79
3.3	As variáveis selecionadas pelo programa <i>GOLDVARB X</i> .....	80
3.4	Análise das variáveis independentes .....	81
3.4.1	Sexo.....	81
3.4.2	Faixa etária .....	84
3.4.3	Contexto seguinte .....	87
3.4.4	Contexto precedente .....	89
3.4.5	Tonicidade da sílaba .....	91
3.4.6	Posição da coda na palavra .....	94

3.4.7	<b>Item lexical.....</b>	<b>97</b>
3.4.8	<b>Tamanho da palavra.....</b>	<b>103</b>
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
5	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A variação é uma característica inerente às línguas naturais. Seja no nível fonológico, morfológico, sintático ou lexical, a realização de diferentes estruturas não interfere na interação entre os falantes. Isso ocorre, porque, embora possa haver diferentes formas de produção em qualquer um desses níveis, a percepção por parte dos falantes dificilmente é afetada. Considerando esses aspectos, com este trabalho pretendemos refletir sobre a variação fonológica, particularmente no que se refere às formas diversas que o /R/ pode assumir em posição de coda silábica entre os falantes de uma região específica, qual seja, o Triângulo Mineiro, aqui representado pela sua maior e principal cidade: Uberlândia.

Segundo Callou e Serra (2013), vários trabalhos comprovaram o polimorfismo do /R/, ou seja, as diversas formas desse segmento. Defendem ainda que há a mudança, não somente em relação ao ponto de articulação, de anterior para posterior, como também no que se refere ao modo de articulação, de vibrante para fricativa.

As autoras observam que sempre houve a tentativa de se relacionar as variantes regionalmente e, subjetivamente, classificá-las. Isso, referindo-se às formas de prestígio, até há algum tempo, como a realização ápico-alveolar, isto é, um “erre” pronunciado como uma vibrante, que era a forma mais “culta” para a linguagem do rádio, do teatro e da televisão etc. As pesquisadoras acrescentam ainda que o falante, por não ser especialista na área, não percebe a variante do /R/ que pronuncia, nem em relação a sua pronúncia, nem a do seu interlocutor, no entanto faz uma exceção no que se refere ao chamado /R/ caipira, por ser socialmente estigmatizado.

De acordo com Lindau (1975), os sons de /R/ estão presentes em aproximadamente 75% das línguas do mundo, dentre as quais, 18% apresentam contrastes com dois ou três desses segmentos. Para Monaretti (2001), o /R/ é produzido pelo dorso ou ponta da língua contra a arcada dentária superior ou contra os alvéolos, no que tange à vibrante [r]; ou ainda contra o véu palatino, por pequenas oclusões. Segundo a autora, pode haver uma obstrução total da passagem do ar pela língua, o que acarretaria o desaparecimento da vibração e o surgimento de um som fricativo ou aspirado. Estes seriam as realizações chamadas de r-forte, porém, a pesquisadora afirma que há outros sons de /R/, como r-fraco ou tepe [r]. Há, ainda, as demais aproximantes, dentre elas, o retroflexo, que é produzido com o levantamento da ponta da língua que se curva em direção à região palato-alveolar.

Além dessas observações, há de se considerar os estudos de Labov (1972), segundo os quais, os aspectos sociais influenciam a estrutura linguística. Vários trabalhos nesta área tomaram tais estudos como referência, inclusive, a presente dissertação, em que nos propomos pesquisar sobre a variação do /R/ na posição de coda, na fala dos moradores de Uberlândia-MG. Esta cidade está situada onde o /R/ é considerado como símbolo da fala caipira, assim como no Sul de Minas Gerais, em São Paulo e no Paraná, o que confirma o posicionamento de Monaretto (2001), quando observa que a realização do /R/ caracteriza diferentes regiões.

O nosso interesse pelo estudo do /R/ retroflexo justifica-se pelo fato de este se tratar de um fenômeno da língua que caracteriza as diferenças dialetais. Segundo Callou e Serra (2013), os sons do /R/ variam em ponto e modo de articulação, no entanto, há de se considerar a questão do preconceito no que se refere à realização retroflexa, a partir dos estudos de Amaral (1976), que a caracterizavam como uma variante estigmatizada, o /R/ caipira. Vale observar ainda que, para Monaretto (2001), é na posição de coda (fim de sílaba) que o /R/ sofre maior variação, caracterizando, dessa forma, as diferentes regiões brasileiras.

Para a realização desta pesquisa, fizemos um recorte de ocorrência do /R/ de acordo com as seguintes variantes: retroflexo[amo<sup>1</sup>]; apagamento [amoø]; e outros<sup>2</sup> (como fricativa velar, fricativa glotal etc.), [amox],[amoh] etc.

A investigação do /R/ foi feita, a partir de sua realização em contextos determinados, considerando os seguintes dados:

- i) <porta> e <pardo>, em que o /R/ vem seguido de um segmento [coronal] e [-contínuo] na coda medial;
- ii) <parceiro> e <orgia>, em que o segmento antecede uma consoante [coronal] [+contínuo], também na coda medial;
- iii) <amor> e <falar>, nos quais o /R/ é realizado na coda final.

Na revisão da literatura sobre a utilização do /R/ no Português Brasileiro (PB), verificamos que esse segmento se manifesta de várias formas. Por isso fizemos um recorte sobre a variação do /R/ nas variantes -retroflexo [ᵷ], apagamento ø e/ou outros, embora o enfoque seja a realização retroflexa, por se tratar de uma variante mais

---

<sup>1</sup> Utilizamos o símbolo [ᵷ] correspondente à aproximante retroflexa para caracterizar os sons retroflexos na cidade de Uberlândia, conforme LEITE (2004).

<sup>2</sup> Pelo fato de, nesta pesquisa, não fazermos uma análise acústica, utilizamos o termo "outros" para os demais segmentos.

marcada socialmente. Não obstante, procuramos descrever e analisar o que ocorre com o /R/ em determinados contextos na cidade de Uberlândia, segundo as variáveis linguísticas e extralinguísticas, que são discutidas posteriormente. Além disso, uma vez que, nesse município, não há estudos sobre a ocorrência do o /R/, como processo variável, este estudo poderá contribuir para trabalhos futuros a respeito dos róticos, termo que diz respeito aos sons de /R/, pelo motivo da perda do contraste fonêmico. Em virtude disso, constituem-se como um grupo que se difere de outras classes de sons pelo fato de não serem reconhecidos, por meio de características fonéticas comuns, mas por serem grafados pela mesma letra (FERRAZ, 2005).

Contudo, discordamos desse posicionamento, pois a classificação ou nomeação fonológica pode não estar diretamente ligada à escrita e nem mesmo ao próprio som produzido. O contexto fonético-fonológico pode alterar, na superfície, a pronúncia de um som da forma em que ele se encontra na subjacência, como em “poste” ['pɔʃtʃi], em que o som de /s/ se palataliza por um processo de assimilação regressiva do traço palatal, gerando a forma de superfície [ʃ]; ainda, convenções de escrita podem caracterizar um som diferentemente de como ele está na subjacência, como em “exemplo” [e'zẽmplu], em que o som de /z/ é grafado com o “x”, que também designa sons de [ʃ], como em xícara ['sikarə]. Além disso, podem existir línguas ágrafas que contém róticos e, nesse caso, não teria como haver a relação entre grafia e sons.

No entanto, concordamos com o fato de que esses sons não podem ser reconhecidos por características fonéticas comuns, por exemplo, há casos de sons [+anteriores], como as vibrantes e as aproximantes em ['porte], [a'rare], ['aʃ], que são produzidos na parte anterior do aparelho fonador; e também [+posteriores], como os sons fricativos ['pɔxtə], ['hapidu], ['ah], que são produzidos na parte posterior do aparelho fonador.

Não há uma convergência sobre estatuto fonológico do /R/ no PB, assim, como não há um acordo de sua descrição como um segmento (trata-se de um ou dois segmentos, trata-se de uma vibrante [r] ou um tepe [ɾ] etc.), o que resulta em muitas discussões sobre sua natureza. Por esse motivo, utilizamos o "/R/", não como um arquifonema, mas como a designação subespecificada dessa consoante. Em relação à variação do /R/, Leite (2004, 2010), constatou sua variação, em estudos sobre o rótico nas cidades de São José do Rio Preto e Campinas. Tomando por base as pesquisas da autora, consideramos que há variação desse segmento na coda em Uberlândia, mesmo que por meio de uma observação intuitiva. Segundo Amaral (1920), o /R/ pode ser

pronunciado como um segmento retroflexo, o chamado r caipira, por exemplo, em [‘pórt<sup>h</sup>o], [‘a<sup>h</sup>], [‘se<sup>h</sup>] etc.; assim também em outros segmentos como: [‘pɔx<sup>h</sup>ta], [‘ah], [‘te<sup>h</sup>] etc. Portanto, existe a necessidade de um estudo dessa natureza nessa cidade, o que sustenta a análise proposta nesta pesquisa.

No Brasil, há muitos estudos relacionados à variabilidade dos sons de /R/ , dentre os quais, destacamos Callou (1979), Leite (2004, 2010) e Rennicke (2010). Sobre o assunto, na área da Fonologia, pesquisas importantes têm sido desenvolvidas por estudiosos interessados em descrever o Português Brasileiro. Dentre estes, há estudos sobre o /R/ no PB que buscam analisar os eixos diatópico/geográfico ou diastrático/social e, ainda, a relevância das variáveis linguísticas nesse processo de variação. Embora exista a presença do retroflexo em quase todo o território brasileiro, como aponta Brandão (2007), este é um segmento estigmatizado e considerado “*rcaipira*” , conforme Amaral (1920).

Definido, pois, o /R/ em posição de coda como nosso objeto de estudo, para alcançarmos a meta de investigá-lo melhor, apresentamos, a seguir, os objetivos geral e específico que nos nortearam nesta pesquisa.

## 1.1 Objetivos

### 1.1.1 Objetivo geral

Descrever e analisar a realização do /R/ no fim de sílaba (coda) na cidade de Uberlândia-MG, levando-se em conta aspectos variacionistas e possíveis fenômenos fonológicos que perpassam a realização variável deste segmento.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- ✓ Analisar processos fonológicos que ocorrem com o /R/ em coda, seja medial ou final;
- ✓ Identificar a(s) variante(s) do /R/ que prevalece (m) na cidade de Uberlândia;
- ✓ Verificar fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a realização do /R/ e de suas variantes;

- ✓ Contribuir para a discussão sobre o estatuto desse segmento no PB.  
Na sequência, apresentamos as hipóteses que nortearam nossa pesquisa.

## 1.2 Hipóteses de pesquisa

Partimos da premissa de que a realização do /R/ circunscreve dentre os fenômenos variáveis da fala dos cidadãos überlandenses, com este trabalho investigamos os fatores (as variáveis independentes) que podem favorecer a variação desse segmento. As variantes linguísticas e extralingüísticas estão diretamente ligadas às hipóteses de pesquisa, pois, para cada variante, seja linguística ou extralingüística, há a hipótese do favorecimento ou desfavorecimento em relação à variação.

Portanto, para este estudo, formulamos as seguintes hipóteses:

- ✓ A variação do /R/ é condicionada pela natureza do segmento que antecede e que sucede o rótico;
- ✓ A proeminência acentual condiciona a realização retroflexa do /R/;
- ✓ A posição medial da coda R favorece a realização retroflexa;
- ✓ A presença do R em coda final favorece seu apagamento;
- ✓ A variante apagamento é favorecida nos verbos, mas que nos outros itens, considerando os itens lexicais em que o R ocorre em coda;
- ✓ O ponto de articulação da vogal precedente favorece a realização do /R/ em sua forma retroflexa;
- ✓ O tamanho da palavra condiciona a realização do /R/ mais que seu apagamento;
- ✓ A faixa etária com mais de 49 anos pode condicionar a utilização da variante retroflexa;
- ✓ O grau de escolaridade de 0 a 11 anos de estudo pode favorecer a ocorrência do retroflexo;
- ✓ A variante retroflexa pode ser condicionada pela variável independente sexo feminino.

## 1.3 Organização da dissertação

A partir dos objetivos propostos e das hipóteses aventadas, procedemos a investigação de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer a variação do /R/. Para tanto, apresentamos, na sequência, o Aparato Teórico-metodológico, seguido da Análise Estatística dos Dados e Discussão dos Resultados e as Considerações Finais. Esta dissertação organiza-se, portanto, em quatro capítulos, sendo que o Capítulo 1 corresponde à Introdução, em que se encontram a justificativa os objetivos gerais e específicos e as hipóteses de pesquisa.

No Capítulo 2, Aparato Teórico-metodológico, tratamos da revisão da literatura, retomando estudos que abordam o /R/, desde o Latim até o Português Brasileiro, levando em consideração aspectos teóricos, variacionistas, dialetais, atitudes linguísticas, e acústica. Ainda no Capítulo 2, apresentamos uma discussão fonológica sobre os traços distintivos, por meio dos quais, sustentamos a descrição do contexto línguístico do /R/. Em relação à teoria variacionista laboviana, por meio de uma discussão sobre a teoria e a metodologia, descrevemos o tipo e o modelo de pesquisa utilizados. Ainda, fizemos uma explanação sobre a Sociolinguística Variacionista para indicar o contexto da pesquisa e detalhamos a constituição do *corpus*. Definimos as variáveis linguísticas e extralinguísticas e apresentamos uma breve descrição do software *Goldvarb X*.

No Capítulo 3, Análise Estatística e Discussão dos Resultados, discutimos os resultados estatísticos analisados pelo programa *Goldvarb X*, comparamos esses resultados com outros realizados no Brasil, principalmente com os estudos de Monarettto (2001) e Leite (2004), e descrevemos os fatores que favoreceram a realização retroflexa e o apagamento.

Nas Considerações Finais, apresentamos as principais conclusões sobre a variação do /R/ no falar überlandense, retomando os objetivos propostos e as hipóteses levantadas.

## 2 APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1 Revisão da literatura sobre o /R/

Para melhor compreender os róticos, apresentamos alguns estudos realizados sobre esse segmento. A partir de uma demonstração de como era o /R/ no Latim e no

Galego Português, podemos ter uma visão diacrônica de como o rótico manifestou-se ao longo do tempo. Apresentamos como alguns pesquisadores como Monaretto (2004) e Camara Jr. (1970) concebem o /R/ fonologicamente no PB. Em seguida, abordamos estudos que tratam do retroflexo no PB, tais como as pesquisas de Rennicke (2010) sobre atitude linguística e os trabalhos de Leite (2004, 2010) sobre atitude linguística e sociolinguística, realizados em Campinas e em São José do Rio Preto, e ainda os estudos de Callou (1979) que tratam do apagamento do /R/. E por fim, apresentamos o posicionamento de Ferraz (2005) e Leite (2004), a respeito do correlato acústico do retroflexo e, então, discorremos sobre o preconceito em relação ao chamado r caipira.

### **2.1.1 O /R/ no Latim e no Galego Português**

Para observarmos o comportamento do /R/ ao longo do tempo, apresentamos uma descrição de como era esse segmento no Latim e no Galego Português, para, posteriormente, analisarmos o /R/ no PB. Segundo Back (1970), o /R/ no Latim manifestava-se como uma vibrante que era realizada como apical e, também, como forma geminada: a vibrante simples [r]; e a vibrante geminada [rr]. Em seu estudo, o autor faz uma análise teórica sobre as mudanças que ocorreram do Latim para o Galego-Português, até chegar ao Português. Para tanto, faz uso de uma análise diacrônica para apresentar como eram os fonemas no Latim e como passaram a ser pronunciados no Galego-Português, até a pronúncia dos sons no Português.

Segundo Back (1970, p.33), não há a existência de dois fonemas para a vibrante no Latim, mas apenas um. A forma geminada explica-se da seguinte maneira:

As consoantes geminadas foram interpretadas como sequência de dois fonemas iguais, realizando-se o primeiro como alofone implosivo; o segundo, como alofone explosivo. Caía, portanto, a fronteira silábica entre os dois fonemas.

Segundo o autor, existe a manifestação fonética, porém, havia apenas uma única articulação que se diferenciava da articulação simples por ser mais longa, conforme exposto no Quadro 1, a seguir.

### QUADRO 1 - O /R/ no Latim

/R/ no Latim	
Vibrante simples	r
Vibrante geminada	rr

Fonte: Back (1970)

Em relação à passagem do Latim para o galego-português, houve o que esse autor nomeia de transfonia da vibrante, que era apical durante certa época, no entanto, mesmo com essa mudança, o fonema continua com o mesmo traço distintivo de vibrante. Assim, houve a transfonia na qual "[...] o traço irrelevante de uvular foi substituído pelo apical. Mudaram-se todos os fones do fonema". Logo, o fonema vibrante, que tinha um alofone, passa a se realizar agora como alofone em todos os ambientes: "[...] mudou o alofone de (R) uvular, vibrante, sonora para (r) apical, vibrante, sonora" (BACK, 1970, p. 39- 40).

A vibrante simples do Latim passa a ser realizada, então, como vibrante múltipla no galego-português, como se pode observar no quadro, abaixo:

### QUADRO 2 - A vibrante no galego-português

	Labial	Apical	Posterior
Vibrante		R	

Fonte: Adaptado de Back (1970, p. 45).

Segundo o autor, o comportamento do /R/, desde o Latim até o português atual, mostra que o /R/ simples manteve sua articulação anterior (como em ['ka ru]), mas o /R/ dito forte - vibrante múltipla - posteriorizou-se, passando de pré-palatal a uvular ou velar (como em ['ka xu]). Sendo assim, o /R/ perde o *status* de vibrante e recebe a característica de segmento fricativo.

Após conhecermos como o /R/ se manifestava no Latim e também como ocorreu a mudança do Latim para o Galego Português, avaliamos com mais clareza esse segmento no Português. Conforme mencionado, a vibrante simples do Latim passou a ser realizada como vibrante múltipla no Galego Português, como em “carro” com o /R/ ainda vibrante, mas com várias batidas da ponta da língua nos alvéolos; já no Português

Brasileiro, mantém-se a vibrante ['ka ru] e, também, ocorre a posteriorização do seguimento ['ka xu], o que será discutido na próxima seção.

### 2.1.2 Sobre o estatuto dos róticos no PB

Como foi discutido na seção anterior, o /R/ simples ou /R/ fraco do Latim (a vibrante simples – o tepe [r]), manteve-se no PB, com em “caro” ['karu]; já o /R/ múltiplo ou /R/ forte do Latim (a vibrante múltipla – [r]), manteve-se no PB, principalmente, como um segmento posterior ['ka xu], ['ka hu], dentre outros. Apesar de existir pelo menos esses dois sons de /R/, o forte e o fraco, não há um consenso em relação ao *status* fonológico desse(s) segmento(s) como se verifica nas discussões de Câmara Jr. (1953, 1970), Lopez (1979), Monaretto (1992, 1997, 2001) e Matos e Silva (2006). Alguns autores dizem tratar-se de dois fonemas e outros de apenas de um. Alguns estudiosos, como Câmara Jr., consideram que existem dois fonemas vibrantes no português: forte (vibrante) e fraco (tepe); já há outros que consideram a existência de apenas um fonema, sendo, para alguns, uma vibrante e, para outros, um tepe.

Em um primeiro momento, Câmara Jr. (1953) propõe a existência de apenas um fonema rótico na forma subjacente - a vibrante /r/. O tepe seria uma variante posicional enfraquecida em que o fonema se encontra. O autor faz essa proposta relacionando o português ao Latim. Seguindo esse raciocínio, no português, há apenas um fonema para a vibrante forte o /r/; sendo que o *r* forte e o *r* fraco seriam distintos pelo ambiente fonético. Dessa forma, o *r* de ['kaRu] = carro, seria a manifestação fonética de dois “erres” geminados, assim como no Latim, conforme apresentado na seção anterior.

Em um segundo momento, Câmara Jr. (1970) revê sua análise e, baseando-se em argumentos de natureza fonética, propõe a existência de dois fonemas vibrantes, que se opõem apenas em posição intervocálica, ou seja, quando se pode construir um par mínimo. Em outras posições, inclusive na posição onde as consoantes são mais nítidas, na posição inicial onde ocorre o /R/, há neutralização. Ao propor a separação dos fonemas pelo “par mínimo”, o autor, então, argumenta sobre a existência de dois fonemas - o *r* fraco e o *r* forte, de acordo com o par mínimo (caru>carru).

Em consonância com essa perspectiva de Câmara Jr. (1970), Matos e Silva (2006, p. 75) afirmam que “A vibrante anterior latina é o antecedente histórico da

vibrante simples do português (caru>caro), enquanto a geminada intervocálica resultou na vibrante múltipla (carru>caRo)”.

Por outro lado, para Lopez (1979), que analisou dados do Português carioca, há apenas um fonema vibrante, considerando-o como uma vibrante simples o /r/, como em /'ka.ro/. O [x] intervocálico é apenas um alofone resultado de uma geminada /rr/, como em /'kar.ro/, que se realiza foneticamente como [x]: ['ka.xu].

Monaretto (1992,1997), com base nos princípios da fonologia autossegmental, ao analisar dados de fala do Sul do país, afirma que há apenas uma consoante subjacente: a vibrante branda, um tepe /r/. Na continuidade de seu estudos, Monaretto (2001) considera o r-brando como o fonema rótico da língua portuguesa. Para a autora, o contexto intervocálico é exclusivo para a vibrante simples, como na palavra "caro" ['ka.ru], e o de posição inicial para a vibrante forte, como em rato ['ra.tu]. Já na posição pós-vocálica, a substituição de um rótico pelo outro não altera o sentido, sendo previsível a variação nesse ambiente. Esse posicionamento possibilitou o surgimento de vários trabalhos variacionistas que apontavam para a existência de várias variantes, como [max],[mah], [maʃ], dentre outras. A autora afirma ainda que é possível a substituição de uma variante rótica por outra em todos os contextos, inclusive entre vogais. De acordo com essa visão, podemos considerar que os falantes interpretam os dois róticos como variantes de uma mesma unidade fonológica. Sendo assim, a pesquisadora assevera que há apenas um único fonema *r*, e que a vibrante múltipla intervocálica é uma geminada heterossilábica, gerando as representações de *r/rr*. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2010, p. 218).

Após as considerações acerca do /R/ no Latim e no Galego Português bem como a apresentação da forma como alguns pesquisadores concebem fonologicamente esse segmento, na seção seguinte, abordamos primeiramente trabalhos que tratam dos sons de /R/, ou seja, de suas variantes. Na sequência, destacamos os estudos de Brandão (2007) sobre a ocorrência do retroflexo no Brasil e os de Leite (2004, 2010), em relação aos róticos em Campinas e São José do Rio Preto, e ainda outros trabalhos que tratam do apagamento do /R/.

### 2.1.3 As variantes do /R/ no Português brasileiro

O /R/no PB tem sido estudado por estruturalistas, dentre os quais, destacamos Câmara Jr. (1970). Esse autor, apesar de não trabalhar com dados de fala, tampouco com a Sociolinguística Variacionista, observa, a partir de estudos sobre a fala do Rio de Janeiro, que o /R/ é uma consoante com variantes, quais sejam: pronunciado como vibrante <[r]ápido>, uvular <[R]ápido> ou aspirada <[h]ápido>, ou como uma vibrante simples <ma[r]>, ou, ainda, como um som retroflexo <ma[ɾ<sup>3</sup>]>.

Câmara Jr. (1970) defende ainda que a pronúncia destes sons pode ser somente de natureza posicional, seja a posição na sílaba, seja no vocábulo, ou por meio de assimilação de traços de sons vizinhos. O /R/ pode ser também pronunciado com um afrouxamento ou mesmo com uma mudança de articulação em virtude da posição fraca em que o fonema se encontra, mas também pode ser livre, de acordo com determinada comunidade de falantes.

Para Cristófaro Silva (1999), os róticos em posição de coda silábica são condicionados pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos. Segundo a autora, os sons do /R/ podem ser realizados como [x, ɣ, χ, ʁ, h, ɦ, r, ɾ, ɿ], em posição de coda:

**QUADRO 3 - Os róticos no PB**

Fricativa	Dental	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Glotal
<b>desv</b>				X	χ	h
<b>voz</b>				ɣ	ʁ	ɦ
Tepe	r					
Vibrante	r					
Aproximante		ɿ	ɿ			

Fonte: Cristófaro Silva (1999).

Neste quadro, a autora evidencia, além dos segmentos vozeados e desvozeados, a diferença entre as aproximações alveolar e retroflexa. Porém, não menciona o tepe retroflexo [ɿ], que é apontado em Brandão (2007) e Monaretti (2001). Esses sons de /R/, anteriormente descritos, aparecem na literatura nos mais diversos tipos de pesquisa,

<sup>3</sup> Continuamos com a forma [ɿ] para os sons de retroflexo, para manter um padrão nesta pesquisa.

seja em pesquisas dialetais, pesquisas sobre atitudes linguísticas e/ou em pesquisas variacionistas.

A partir dos estudos documentais e dialetológicos, foram publicados vários atlas linguísticos no Brasil com o objetivo de evidenciar a realidade linguística do país. Ribeiro (2011), em suas pesquisas, cita nove atlas linguísticos, sendo oito estaduais e um regional. A autora faz uma observação acerca do /R/ em contexto pós-vocálico medial nos atlas brasileiros publicados, a fim de traçar um paralelo da realização dessa variável no Português do Brasil. Para ela, nos atlas mencionados, o /R/ apresenta as seguintes variantes: fricativa velar [x], vibrante simples alveolar [r], vibrante múltipla alveolar [r], vibrante retroflexa [ɿ] e apagamento ø.

Amadeu Amaral, em sua obra, *O dialeto caipira* - publicada em 1920, relata sobre o processo dialetal em curso tanto no que se refere à palatalização [dʒ] e [tʃ], como nos sons retroflexos. Nessa obra, podemos perceber a marginalização dos os "genuínos caipiras". No entanto, para Amaral, aquele "falar" desapareceria "em prazo mais ou menos breve".

Brandão (2007) relata que existia a hipótese de o retroflexo ter sido disseminado pelos bandeirantes paulistas, porém, de acordo com os atlas linguísticos atuais, o alcance parece ser mais amplo, o que mostra ser importante retomar a discussão sobre a distribuição geográfica dessa variante. Conforme a autora, apresentamos, na Figura 1, a distribuição do retroflexo no território brasileiro, seja a variante aproximante [ɿ], seja o tepe retroflexo [t̪]:

**FIGURA 1:** Presença de -R retroflexo em determinadas áreas



Fonte: Brandão (2007, p. 280).

Os trabalhos sobre dialetologia descrevem quais são as variantes do /R/ utilizadas e onde elas ocorrem, como podemos observar na Figura 1. Para lidar com o preconceito linguístico, em relação ao som da variante retroflexa, há estudos como os de Rennicke (2010) e os de Leite (2004, 2010), que tratam da estigmatização do segmento retroflexo. Consideramos importante apontar que os trabalhos de Leite (2004, 2010) abordam variação e atitudes linguísticas.

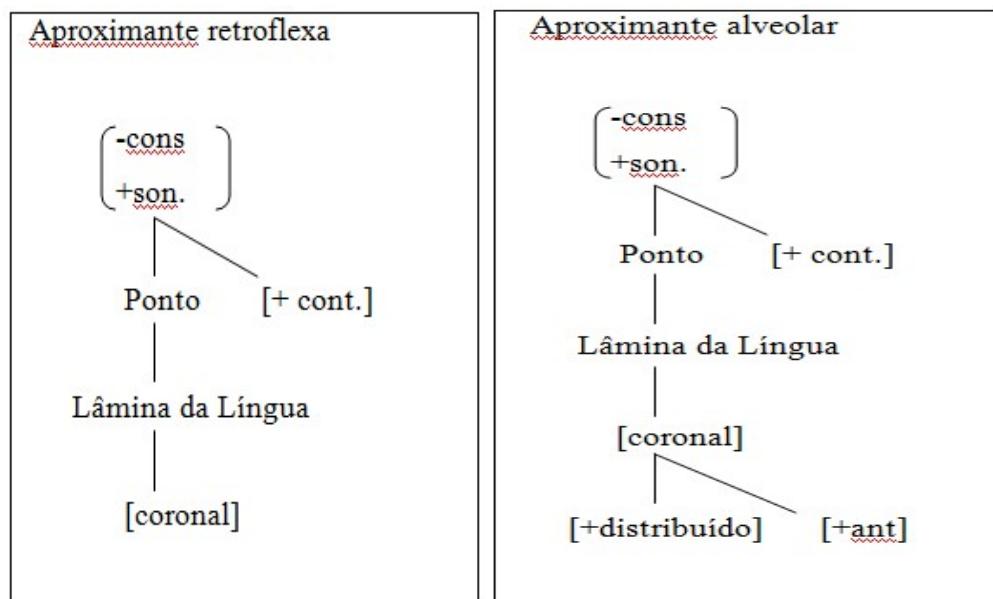
Rennicke (2010) discute sobre o retroflexo no Português Brasileiro e sua origem - seja pelo contato da língua com indígenas, seja pela neutralização das líquidas posteriores na coda. A autora assevera que existe uma grande quantidade de variantes referentes ao que geralmente é chamado de retroflexo. Não obstante, ainda - por meio de um estudo de atitude linguística - mostra o preconceito social e geográfico relacionado ao uso dos róticos.

Leite (2004) realizou uma pesquisa sobre o /R/ nas cidades de Campinas e São José do Rio Preto. Tal estudo mostra-se inovador porque conjuga a metodologia sociolinguística com uma análise acústica referente a uma parte dos seus dados. A autora analisou a fala dos moradores de São José do Rio Preto, e verificou que a variante retroflexa é bastante ativa na sociedade, embora estigmatizada. Com a análise dos dados, ela constatou que as variantes de /R/ na coda silábica no dialeto de São José

do Rio Preto são: aproximante retroflexa [ɾ̩.t̩], aproximante alveolar [ɾ̩.t̩], vogal colorida [ɾ̩.t̩], tap [ɾ̩.t̩] e aproximante palatal [ɾ̩.t̩]. Leite (2010), em sua pesquisa, buscou investigar a variação e as atitudes relacionadas a um segmento linguístico do falar campineiro. A autora afirma que "[...] o rótico está em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento" (LEITE, 2010, p. 11).

Abaurre e Sândalo (2003) afirmam que, em alguns dialetos no interior do Brasil, o /R/ na posição de coda é realizado como uma aproximante coronal. E acrescentam que o Português Brasileiro favorece elementos com o traço [-consonantal] em coda silábica. As autoras argumentam a favor da existência de uma vibrante na forma subjacente e também consideram que a aproximante retroflexa e a aproximante alveolar - encontradas nos dados de fala daquela pesquisa - correspondem ao dialeto do interior de São Paulo, representados nas seguintes estruturas arbóreas:

**FIGURA 2:** A representação arbórea da Aproximante retroflexa [ɹ̩] e Aproximante alveolar [ɾ̩].



Fonte: Abaurre e Sândalo (2003).

Em um estudo sociolinguístico sobre a variante retroflexa em coda média e final na cidade de Campinas, Leite (2012) afirma que os resultados alcançados indicaram que não há apagamento do rótico em nomes, tanto em coda medial quanto final.

Segundo a autora, esse resultado contradiz outros já encontrados por meio de estudos sobre outros dialetos do Português do Brasil.

As pesquisas realizadas por Leite (2004, 2010, 2012) sobre o /R/ apontam o apagamento do segmento no final de sílaba. Estudos como o de Callou (1979), Monarettto (2000), Dias (2003), Oliveira (1981), Mattos Lima (1992), Mollica (1998), abordam a variação do /R/ na posição de coda bem como o apagamento desse segmento em alguns ambientes.

Além de analisar a variável extralinguística idade, Dias (2003) analisou também as seguintes variáveis linguísticas: classe morfológica; dimensão da palavra; contexto linguístico precedente; contexto linguístico seguinte; acento lexical; subclasse dos substantivos (próprios e comuns); e subclasse dos substantivos próprios (empréstimos ou não). Conforme gráfico apresentado pela autora, o apagamento do /R/ pós-vocálico ultrapassa 98%, ou seja, é categórico. Embora houvesse a hipótese de que a classe morfológica favoreceria ou não o apagamento do /R/, a autora concluiu que o apagamento do fonema /R/ ocorreu de forma categórica em verbos e não verbos.

Os estudos sobre o apagamento do /R/ ocorrem, principalmente, a partir de uma avaliação do contexto de coda final, ou seja no fim da sílaba ou da palavra. No entanto, estudos de Callou e Serra (2002) apontam também a relação dessa variação do rótico com a estrutura prosódica. Essas autoras estudaram o apagamento do /R/, comparando dados de Salvador e Rio de Janeiro, gravados em dois períodos, da década de 1970 e de 1990, respectivamente, o que configurou um estudo de curta duração. As pesquisadoras aventaram a hipótese de que a estrutura prosódica também desempenha um papel no processo, à medida que o apagamento do /R/ fosse mais frequente em níveis mais baixos do que em níveis mais altos da hierarquia prosódica. Nesse caso, não foram desconsiderados os fatores linguísticos e sociais.

Importa-nos observar ainda que, de acordo com Callou e Serra (2002), o apagamento é determinado regionalmente, sendo um fenômeno visto como uma tendência à articulação posteriorizada, o que as autoras defendem como uma tendência universal. E o fato de ser em posição final de palavra, produzindo o padrão silábico básico CV: R>x>h>Ø, constitui-se como uma etapa necessária à perda desse segmento fônico. As autoras argumentam que o apagamento do rótico era considerado um marcador social, o que pode ser verificado nas peças de Gil Vicente (Século XVI), nas quais esse apagamento era utilizado para caracterizar a fala dos escravos. No entanto, no séculos seguintes, o fenômeno progressivamente se espalhou por todas as classes sociais

e níveis de escolaridade, deixando, assim, de ser estigmatizado. Elas acrescentam que, talvez, na fala culta, em não-verbos monossilábicos, como *bar* e *mar*, o apagamento ainda sofra estigma.

Callou e Serra (2002) postulam que o domínio do apagamento vai além da sílaba, relacionando, assim, com o tipo de fronteira prosódica, o que é análogo ao que já foi observado em relação a outros processos de sândi. Assim, além de fatores linguísticos e sociais, classe morfológica, faixa etária e região, a estrutura prosódica possivelmente atue também no apagamento do segmento.

Sobre esse estudo, as autoras observam que foram considerados quatro aspectos: o apagamento do /R/ é quase categórico em falantes jovens; o fenômeno é mais frequente em Salvador (região Nordeste) que no Rio de Janeiro (região Sudeste); fronteiras de constituintes prosódicos maiores inibiram o processo; o índice de apagamento seria mais elevado na cidade do Rio de Janeiro, da década de 1970 para a de 1990. A análise foi feita em duas etapas: a primeira, com base na Metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1994); e a segunda, de acordo com a Teoria da Hierarquia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986).

Callou e Serra (2002) observaram que no Rio de Janeiro o processo encontra-se a meio termo enquanto, em Salvador, quase completo, atingindo praticamente todos os vocábulos que apresentam o segmento, quer seja verbo ou não verbo, com apagamento acima de 70%. Além de observar a sílaba, as autoras também se atentaram à prosódia. Afirmam que a prosódia de um enunciado é tratada como estrutura hierárquica que se organiza fonologicamente em determinados constituintes e cabeças. Essa organização é determinada por relações de proeminência relativa em cada nível da estrutura. Assim, há a distribuição hierárquica de proeminências acentuais, na qual cada nível de proeminência corresponde a um constituinte prosódico. Segundo as autoras, a relação de proeminência relativa em cada constituinte prosódico caracteriza-se pela marcação de um elemento como sendo o forte (*s – strong*) e de todos os demais como fracos (*w – weak*).

As autoras adotaram os seguintes constituintes prosódicos<sup>4</sup>: Palavra prosódica (P<sub>ω</sub>); Sintagma fonológico (PhP); e Sintagma entonacional (IP). Pontuam, ainda, que

---

<sup>4</sup> Constituinte prosódico, segundo BISOL (2010, p. 259 - 271), "[...] é uma unidade linguística complexa , cujos membros desenvolvem entre si uma relação binária de dominante/dominado, precisamente uma relação de forte/fraco". Para a autora, "Constituinte é uma unidade linguística complexa , formada de dois ou mais membros que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado [...] o constituinte prosódico, que conta com informações de diferentes tipos, fonológicas e não fonológicas para a sua

para o mapeamento dos constituintes acima de  $P\omega$ , é necessário o uso de noções morfossintáticas. Sendo assim, para a constituição da palavra prosódica, informações do componente fonológico e do componente morfológico da gramática interagem-se. Callou e Serra (2002) destacam que noções como a de projeção máxima de sintagmas sintáticos e as de sentença-raiz, parentética, vocativo são fundamentais para a constituição dos domínios sintagma fonológico e sintagma entonacional. Atentam para os casos de ressilabificação, no caso do segmento ser interpretado em posição de coda interna, como: em menor escala [me-no-ris-ca-la]; *por* enquanto [po-rin-quanto]; *por* falta de [por-fal-ta-de].

Callou e Serra (2002) concluem que há um processo gradual de mudança e que da década de 1970 para a de 1990, mesmo as fronteiras de IP e PhP não desfavorecem o apagamento do segmento. Ainda não pode ser descartada a oposição entre verbos e não-verbos, uma vez que esta se mantém significante. Em relação às variáveis sociais, na década de 1970, no dialeto do Rio de Janeiro, o apagamento do /R/ em não-verbos restringe-se à fronteira de palavra prosódica ( $P\omega$ ). Já, em Salvador, a frequência de apagamento em não-verbos atinge 44% em fronteira de palavra. Conforme previsto, em verbos, o processo está praticamente completo e nenhuma fronteira prosódica desfavorece o apagamento.

Na década de 1990, no Rio de Janeiro, conforme Callou e Serra (2002), a regra avançou tanto em relação a verbos como a não-verbos. As autoras, ao comparar os resultados por elas obtidos com aqueles encontrados por Bisol (1996) e Tenani (2002), verificaram que os resultados assemelhavam-se no que se refere à degeminação silábica, ou seja, a formação da sílaba CV. Observam ainda que nenhuma fronteira bloqueia o processo, porém, quanto maior a fronteira silábica menor a frequência de aplicação da regra. Por fim, afirmam que, nas regiões Norte e Nordeste, o apagamento é mais frequente, enquanto no Sudeste e Sul, em que existe a vibrante anterior, a tendência é preservar o segmento.

Todas as pesquisas referidas, em relação à dialetologia, às atitudes linguísticas, à variação bem como os apontamentos de Callou e Serra (2002) sobre o apagamento do /R/, garantiram-nos um aporte teórico para pudéssemos descrever e analisar o /R/ na fala dos überlandenses, de forma que pudéssemos vir a contribuir com esse debate sobre os róticos, sua estigmatização e sobre sua utilização na cidade de Uberlândia.

---

definição inicial de domínio, não apresenta compromissos de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática".

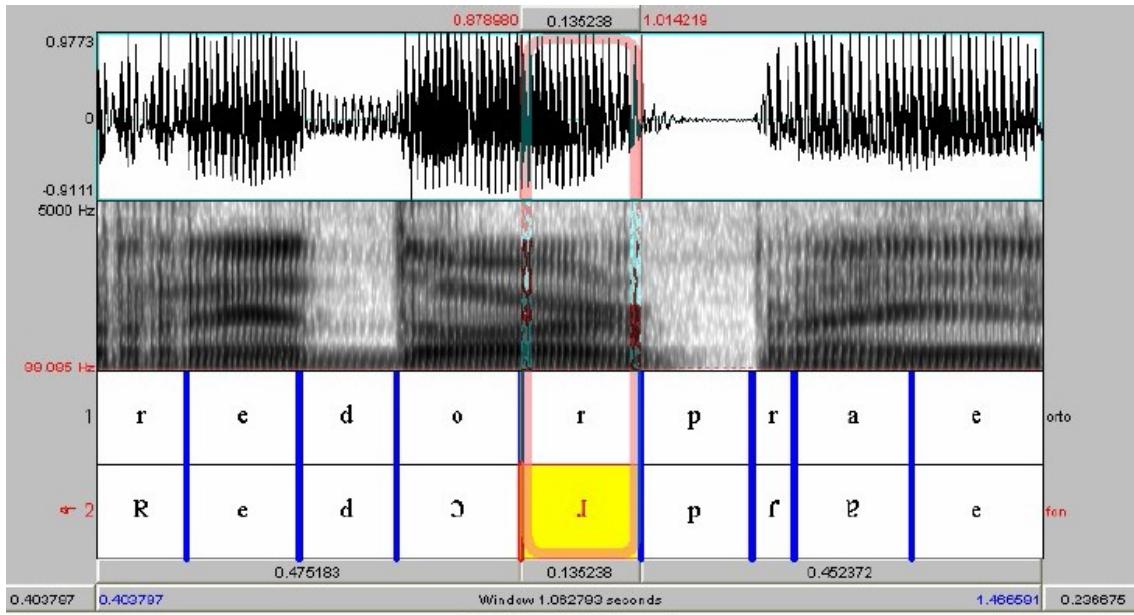
Na sequência, abordamos os estudos de Ferraz (2005) e Leite (2004) sobre o correlato acústico do retroflexo. Finalizando, discorremos sobre o preconceito em relação ao chamado *r caipira*.

#### **2.1.4 O correlato acústico do /R/ retroflexo**

O caráter variável do /R/ tem sido descrito e documentado também por investigações que lidam com o aparato de *softwares* para análises acústicas, como em Leite (2004) e Ferraz (2005). Rennicke (2011) atenta para o fato de que nem sempre o que se chama de retroflexo, trata-se de um som retroflexo. Assim, comparando os espectrogramas dos estudos de Ferraz (2005) sobre a fala de Pato Branco (Figuras 3 e 4) e os trabalhos de Leite (2004) sobre a fala de Campinas (Figura 5), podemos perceber claramente uma diferença entre os formantes. Portanto, acreditamos que se trata de segmentos diferentes, embora sejam considerados retroflexos. Diante disso, não desconhecemos a importância de se discutir sobre acústica para que possamos chegar a uma descrição mais detalhada da realização e categorização de tal segmento, contudo, neste trabalho, faremos uma análise puramente fonológica.

Ferraz (2005) descreve acusticamente a aproximante retroflexa no dialeto paranaense, fazendo uma descrição acústica desse som na cidade de Pato Branco - PR, por meio de uma pesquisa com um *corpus* que contém a produção retroflexa em palavras-alvo, sucedendo as vogais orais do PB em vocábulos dissílabos paroxítonos e oxítonos, nas posições medial e final de palavra, como em "digo porta", "digo cerca", "poder pra ele" etc. Nessa pesquisa, foram estabelecidos dois objetivos principais: verificar o comportamento do retroflexo nessas duas posições; e verificar se o seu correlato acústico era o terceiro formante (doravante F3) baixo, como mostra a Figura 3, abaixo:

**FIGURA 3:** Forma da onda e espectrograma da sequência "redor pra e" na sentença "digo redor pra ele", produzida por N.R. O segmento retroflexo está sinalizado entre barras verticais.

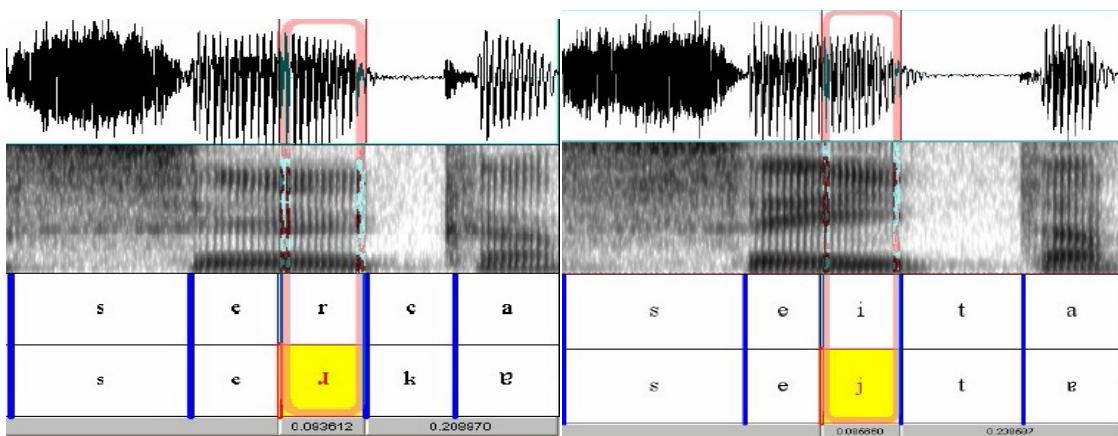


Fonte: Ferraz ( 2005, p. 52).

Observando a Figura 3, podemos notar o retroflexo<sup>5</sup> na frase "redor pra e". Os formantes observados são: primeiro, segundo e terceiro (doravante F1, F2 e F3), suas medidas e durações. Por exemplo, na Figura 5, os formantes estão delineados por pontos que formam uma linha, cada linha pontilhada representa um formante, conta-se de baixo para cima, então a primeira linha pontilhada de baixo para cima é o primeiro formante (F1) e, assim, sucessivamente F1, F2, F3 etc. Além disso, foi observado quais os parâmetros acústicos característicos do retroflexo e houve a necessidade de diferenciá-lo de outros sons, como a aproximante palatal. Para isso, foi feita a comparação entre esses segmentos em frases como "digo seita" com "digo cerca", conforme Figura 4, a seguir:

<sup>5</sup> FERRAZ (2005) utiliza o símbolo [ʃ] para representar o retroflexo.

**FIGURA 4** - Comparação entre os segmentos retroflexo e aproximante palatal, respectivamente, e seus formantes, nas frases "digo cerca" e "digo seita".



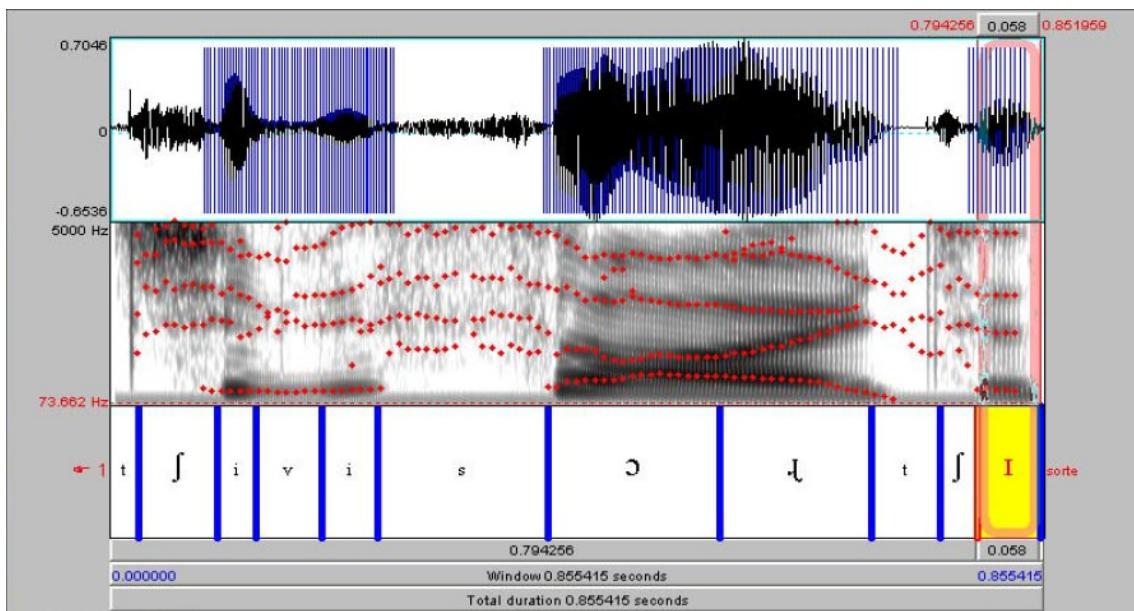
Adaptado de Ferraz (2005, p. 66).

Por meio de uma análise spectrográfica e de medidas de formantes (F1, F2 e F3), e ainda considerando a relação entre a produção de [i], nos contextos vocálico adjacente e posição na palavra, Ferraz (2005) analisou realizações dos róticos paranaenses. O objetivo do autor era descrever como se processam esses sons, por meio de ferramentas específicas de análise acústica. O resultado de suas análises mostrou que há diferenças significativas entre as medidas de F3 de retroflexo e aproximante (Figura 4), que se apresentou marcadamente baixo no primeiro som em relação ao segundo. No que diz respeito à característica acústica do retroflexo do PB, Ferraz (2005) aponta um F3 não exatamente baixo, mas bemolizado, em relação ao F3 da vogal adjacente.

Os resultados obtidos pelo autor mostraram semelhanças entre a produção do retroflexo no PB nas posições medial e final. Quanto aos testes que contrastavam retroflexo e aproximante, foram observadas diferenças significativas entre as medidas de F3 para os dois sons, apontando esse formante marcadamente baixo para o retroflexo em relação à aproximante palatal.

Ao caracterizar acusticamente a variante retroflexa na cidade de São José do Rio Preto, Leite (2004) observa que "O correlato acústico que caracteriza a aproximante retroflexa corresponde a um abaixamento do terceiro formante (doravante F3) que se aproxima do segundo formante (doravante F2)", como mostra a figura abaixo:

**FIGURA 5** - O correlato acústico da aproximante retroflexa, onde se lê "tive sorte"



Adaptado de Leite (2004, p. 87).

Essas pesquisas evidenciam que o /R/ analisado acusticamente apresenta-se diferentemente, apesar de ser representado pela nomenclatura “retroflexo”. Além disso, apresentam a característica acústica do segmento, o qual, segundo Ferraz (2005), assemelha-se em relação à posição da coda na palavra, com formantes bem estruturados como no caso das vogais, característica das aproximantes, sendo que, de acordo com a forma segundo a qual os formantes de dispõem, o F3 abaixa-se aproximando do F2.

Para futuras pesquisas, vemos a importância de se fazer um estudo acústico do /R/ entre os falantes de Uberlândia, dadas as características peculiares destes indivíduos. Embora haja a possibilidade de se fazer um estudo dessa natureza em relação ao retroflexo nessa cidade, o que, sem dúvida, demandaria uma outra metodologia, para se obter uma melhor qualidade do som, nesta dissertação, nossa atenção volta-se para o segmento e para as questões de natureza variacionista, cuja metodologia empenha-se em buscar a fala espontânea e a partir de um grande número de dados.

### 2.1.5 A estigmatização do retroflexo

Quando o tema é sobre os róticos, em especial o retroflexo, sempre há preconceito ligado à realização dessa consoante. Desde os estudos de Amaral (1920),

que tratavam o retroflexo como “r caipira”, a estigmatização do segmento tem sido abordada na literatura, principalmente, no que se refere aos dialetos de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Para melhor entendermos sobre o preconceito em relação ao retroflexo na cidade de Uberlândia, é necessário levar em conta duas instâncias: a primeira refere-se ao retroflexo dentro do próprio dialeto; a segunda refere-se ao retroflexo em um contexto mais amplo, em contato com os demais dialetos. No primeiro contexto, acreditamos não existir preconceito, uma vez que os falantes utilizam essa variante entre si sem notar qual a variante do /R/ utilizam, ou seja, não atribuem valor por não terem consciência do /R/ que pronunciam. No segundo contexto, no contraste com as variantes de dialetos que não utilizam a variante retroflexa, o preconceito emerge. Nesse caso, o retroflexo tende a ser mais estigmatizado que as demais variantes do /R/, como caipira, tanto por falantes do dialeto, que negam fazer tal pronúncia, com afirmações como “eu não falo dessa maneira”, e pelos falantes dos demais dialetos que têm uma fricativa ou um *tap* como variante do /R/

O fato de o retroflexo ser rotulado como "r caipira" é suficiente para marcar o preconceito em relação a ele. Nesse caso, o termo caipira geralmente caracteriza pessoas interioranas bem como se relaciona com o grau de escolaridade. Assim, a marca característica do falar caipira é o retroflexo, o qual foi caracterizado por Amaral (1920) como linguo-palatal e guturalizado. Diante disso, pesquisadores como Rennicke (2010) e Leite (2004) verificaram a relação entre o retroflexo e a estigmatização e ainda como os falantes que utilizavam esse segmento eram caracterizados.

Em suma, houve duas marcações no que se refere à identidade dos falantes dessa pronúncia "caipira". Uma delas relacionava o termo caipira às pessoas que moravam no interior do país, a outra, às pessoas que não moravam na capital, ambas excluíam os moradores do litoral. A partir disso, consideramos importante mencionar dois pesquisadores, quais sejam: Rennicke (2010) que, a partir de atitudes linguísticas, buscou verificar o preconceito em relação à variante retroflexa na capital mineira – Belo Horizonte; e Leite (2004) que, por meio de um trabalho variacionista, além de observar atitudes linguísticas, verificou a relação entre o preconceito linguístico no falar de Campinas e no de São José do Rio Preto.

Rennicke (2010) buscou comprovar a existência do preconceito linguístico em relação ao retroflexo na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. Segundo a autora, o retroflexo é uma herança linguística dos bandeirantes que levaram o considerado dialeto

caipira aos estados próximos a São Paulo. Em Minas Gerais, assevera a autora, o retroflexo é encontrado nas regiões Sul, Centro-Oeste e no Triângulo mineiro, ocorrendo em posição de coda.

Segundo Rennicke (2010), em Belo Horizonte, o /R/ em coda é pronunciado como um [h], antes de um som desvozeado, e [h], antes de um som vozeado. Quem pronuncia o retroflexo, neste contexto silábico (a coda), sofre preconceito regional e socioeconômico, porque, segundo a autora, a pronúncia diferente a da capital destaca a origem da pessoa. Essa pesquisa foi um teste de atitudes linguísticas, contendo entrevistas com oito informantes, por meio da qual objetivava-se chegar à origem do preconceito, onde, como e por quem ele era exercido. Ademais, 39 informantes participaram do teste de atitudes, sendo 20 de Belo Horizonte e 19 de regiões mineiras que utilizam a variante retroflexa.

Os resultados da pesquisa de Rennicke (2010, p. 98) revelaram que o retroflexo é uma variante estigmatizada e estereotipada: “[...] as vozes belo-horizontinas obtiveram índices superiores em todas as dimensões (status, competência, nível de urbanização, solidariedade)”. A autora relata que as entrevistas fizeram parte da pesquisa completando lacunas de informações deixadas pelo teste de atitudes, pois “[...] sabíamos que existe preconceito, mas não sabíamos por quê” (RENNCKE, 2010, p. 99). As entrevistas foram, então, cruciais para se entender o preconceito e a fala mineira.

A autora observa que existe uma contradição em relação à identidade no falar mineiro e fora do estado de Minas:

[...] fora, o mineiro estereotipado é sempre um caipira, mas dentro do Estado, existe uma forte distinção entre capital e interior, sendo esta distinção tanto socioeconômica quanto lingüística. A questão do /r/ retroflexo como diferenciador dos falares de Minas Gerais surgiu nas respostas da maioria dos informantes. Eles associam valores positivos ao próprio dialeto e pronúncia, ligados a identidade e raízes, mas, por outro lado, admitem o prestígio do dialeto belo-horizontino (RENNICKE, 2010, p. 99).

Em síntese, a pesquisadora certifica que todos os informantes com pronúncia retroflexa vivenciaram situações de brincadeira ou piadas, por causa de suas pronúncias. O preconceito, nesse caso, foi exercido, por meio de imitação ou correção da fala, no entanto, os falantes disseram não ter percebido nenhuma forma de discriminação. Em relação a isso, a autora afirma que quanto mais constante forem tais piadas e brincadeiras, mais marcada fica a identidade do falante.

A variante retroflexa permanece mesmo com o preconceito, pois, segundo a autora, os falantes lidam com o preconceito de formas diferentes: alguns tentam esconder a pronúncia marcada, enquanto a maioria não se importa e mantém sua pronúncia retroflexa, permanentemente ou apenas quando estão em Belo Horizonte.

Já os estudos de Leite (2004) demonstraram, em relação à fala campinense, que os falantes reconhecem falar o retroflexo, sendo que alguns acreditam que a forma aspirada (formas fricativas na coda [x],[h], dentre outras) é a de maior prestígio. A autora relata que foi comum nos depoimentos dos informantes a percepção do estigma em relação à variante típica do interior paulista, ou, segundo algumas declarações em suas entrevistas, do dialeto caipira. Outro aspecto observado na pesquisa refere-se ao fato de os falantes desejarem mudar a pronúncia da fala típica da região, para que, com o tempo, pudessem alcançar uma forma intermediária e menos marcada em relação ao retroflexo.

Os estudos de Leite (2004), inseridos no âmbito da Sociolinguística, tem como objetivo principal identificar e analisar atitudes linguísticas de um *corpus* composto de oito informantes da cidade de São José do Rio Preto, mas estudantes na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), destes, quatro iniciavam a graduação e os demais já estavam se graduando. A autora buscou comprovar que existia um “acobertamento” da variante retroflexa, o /R/ típico paulista, provocado por atitudes negativas em relação ao falar interiorano.

Ao analisar os dados, Leite (2004) observou que todos os informantes de São José do Rio Preto percebem o estigma em relação à variante retroflexa. Para fugir desta marcação social, os informantes têm o desejo de alterar a forma que pronunciam o /R/, típico da cidade natal. Tal atitude, segundo a autora, pode ser claramente identificada nos depoimentos no momento que têm o desejo de mudar a pronúncia em busca de um padrão intermediário, que a autora define como típico dialeto campineiro.

A observação feita pela autora sobre os informantes estarem começando ou terminando a graduação incide na constatação de que os estudantes que estavam concluindo o curso de graduação, isto é, que estavam em Campinas há mais tempo, realizam com mais frequência as variantes aproximante alveolar [ɹ] e vogal colorida [œ], ao se comparar com as variantes realizadas pelos graduandos recém-chegados a Campinas, que utilizam mais a variante retroflexa, sendo essa mais estigmatizada.

Acerca disso, a autora observa que o número elevado das variantes aproximante alveolar e vogal colorida, encontradas nos dados dos graduandos que estavam no final

da graduação, implica uma “opção” - termo utilizado pela autora - por parte destes informantes. Leite (2004) observou que, em um período de tempo relativamente curto, há um aumento na ocorrência dessas variantes (aproximante alveolar [i] e vogal colorida [ə]), fugindo das realizações da aproximante retroflexa, que é estigmatizada. A “opção” pelas demais variantes justifica-se, segundo a autora, quando se considera o interesse do falante em procurar amenizar a sua pronúncia, realizando outras variantes, distanciando-se da variante retroflexa. O motivo pelo qual isso ocorre é por uma tentativa de acobertar a variante estigmatizada, que é marca da fala interiorana desses informantes, alterada por um fator externo – o estigma que atua sobre esse processo.

Leite (2004) afirma que há uma “consciência linguística” expressa pelo falante que percebe uma forma menos marcada na cidade de Campinas e tenta adequar-se, realizando uma forma menos marcada socialmente, revelando, também, um “saber sobre a língua”. Tal “saber sobre a língua”, evidenciado na fala dos informantes, diz respeito às possibilidades da gramática dessa língua perceptíveis a esses falantes. Isso indica ainda que os falantes dispõem de um conhecimento claro, porém confuso, que apenas informa sobre o “que” e o “como” da fala, mas esse conhecimento não lhes dá condições para lidar com aquilo que poderá se tornar objeto de investigação linguística.

A autora argumenta que se trata de um saber implícito, o qual pode vir a ser explicitado, em determinadas situações e que está atrelado a um “discurso sobre a língua”, que é marcado por questões de valor e sustentado por estereótipos linguísticos.

De acordo com essa pesquisa, todos os falantes de São José do Rio Preto mostraram uma certa admiração pela cidade de Campinas, destacando-a como um centro de poder econômico privilegiado, isso também em relação às questões de linguagem. Para Leite (2004), essa constatação manifesta-se na fala dos informantes, segundo os quais, os falantes de Campinas exibem uma fala “menos marcada”, portanto, menos estigmatizada, que a particulariza em relação às demais cidades do interior paulista.

O prestígio dado ao falar campineiro, em relação ao /R/, faz com que os graduandos pretendam adquirir tal pronúncia, fugindo da estigmatizada variante retroflexa, que é a variante utilizada na cidade de São José do Rio Preto. A autora ainda deduz que, na tentativa de fugir do estigma, elegem as variantes aproximante alveolar [i] e vogal colorida [ə], do dialeto campineiro, como formas de prestígio e menos marcadas. Portanto, “A atitude manifestada pelos informantes em atingir um padrão “intermediário” com relação à pronúncia está, portanto, estritamente relacionada à cidade de Campinas” (LEITE, 2004, p. 133).

Em suma, segundo a autora, não se pode dizer que o fato de os falantes de São José do Rio Preto optarem por uma variante menos estigmatizada na cidade de Campinas trata-se de uma mudança linguística em processo. Observa que se trata de um determinado grupo de informantes em uma situação específica na qual optam, ou pelo menos tentam, por uma forma de prestígio em detrimento de uma estigmatizada. A pesquisadora conclui que há uma variação e que os informantes estão realizando com mais frequência as variantes aproximante alveolar [ɹ] e vogal colorida [ɔ], quando se compara com as realizações da variante retroflexa [ɿ], característica do falar interiorano.

Com base nesses estudos, podemos observar que há a estigmatização do retroflexo, tanto em Belo Horizonte, como em Campinas, pelo fato de essas cidades apresentarem outras variantes de prestígio. Em Belo Horizonte, por se tratar de um /R/ posterior, [h] ou [f], como indica Rennicke (2010), diferente do /R/ falado no Triângulo Mineiro ou no Sul de Minas; e em Campinas, por se tratar de variantes menos estigmatizadas regionalmente, aproximante alveolar [ɹ] e vogal colorida<sup>6</sup> [ɔ], em relação ao retroflexo. Em ambos os casos, os falantes têm consciência da estigmatização do retroflexo, em Belo Horizonte, a maioria dos falantes que têm a pronúncia retroflexa tende a manter essa variante por questão de identidade e, em Campinas, os falantes, que vêm de São José do Rio Preto, tendem a tentar pronunciar variantes menos estigmatizadas.

Na próxima seção, discutimos os aspectos teóricos da fonologia, como o modelo de traços que caracteriza o segmento em estudo bem como parte das variáveis independentes.

## 2.2 Teoria Fonológica: Traços distintivos

A teoria fonológica serve como suporte para descrever os fenômenos da língua em uso sob uma perspectiva teórica. Sendo assim, ao analisar o objeto, temos uma base teórica para descrever os fenômenos presentes. Não obstante, nesse aparato teórico, é o modelo que nos possibilita descrever o que os dados mostram.

Nossa proposta é utilizar a Teoria dos Traços distintivos para caracterizar fonologicamente o /R/ e descrever como o contexto precedente e/ou o seguinte, em

---

<sup>6</sup> A vogal colorida **refere-se a** um segmento silábico que assume características do rótico que o segue, tornando apenas um segmento.

relação ao rótico, pode favorecer a variação por assimilação do(s) traço(s) desses segmentos. Segundo Matzenauer (2010, p. 26), “Os traços distintivos, como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, têm servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento linguístico”. Diante disso, o contexto precedente e o seguinte poderão favorecer a variação do /R/. Desta forma, “[...] uma teoria da linguagem tem de dispor de instrumentos formais que sejam capazes de mostrar [...] o funcionamento das línguas, de formular generalizações verdadeiras e significativas”. Assim, o /R/ representado poderá ser pronunciado conforme uma das variantes mencionadas, e o contexto será avaliado para verificar se existe ou não favorecimento.

A noção de traços distintivos nasce quase que simultaneamente ao conceito de fonema. No estruturalismo, o fonema era visto como um feixe de traços, os quais não eram vistos como elementos separados, uma vez que o fonema era um conjunto indissolúvel etc. Essa noção de traços como a composição de fonemas mantém-se até hoje, com algumas implementações, como será mostrado no Modelo de Traços Gerativista.

O modelo de Trubetzkoy (1939) classifica as oposições distintivas com base no contraste envolvido nos sistemas fonológicos, por meio (i) da relação dessas oposições distintivas com todo o sistema de oposições, (ii) da relação entre os membros de oposição, e (iii) da dimensão da força distintiva dessas oposições.

Enquanto a teoria desse autor consistia em evidenciar as propriedades fonológicas de contrastes fonéticos mais frequentes, Jakobson, Fant e Halle (1965) buscavam desenvolver uma teoria fonológica que evidenciasse apenas aquelas posições que pudessem ser encontradas nas línguas, por meio da fonética acústica e articulatória. Os autores discutem sobre as características distintivas dos fonemas por meio da comutação<sup>7</sup>. A distinção seria mínima, se houvesse apenas uma distinção para diferenciar as palavras, como em *bill* "conta" e *pill* "pílula". Em casos com mais diferenças, nomeiam-se como duplo, triplo etc.

Dentre essas diferenças, segundo os autores, o ouvinte deve escolher entre duas qualidades polares de uma mesma categoria. A escolha dessas oposições deve ser nomeada de traços distintivos:

---

<sup>7</sup> Traduzido de *commutation*.

The distinctive features are the ultimate distinctive entities of language since no one of them can be broken down into smaller linguistic units. The distinctive features combined into one simultaneous or, Twaddell aptly suggests, concurrent bundle form a phoneme<sup>8</sup> (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1965, p. 3).

Os traços distintivos são "[...] pacotes contíguos que permitem a divisão de uma sequência em fonemas" (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1965, p. 4). Já os traços redundantes geram variações em um mesmo fonema e, em alguns casos, encontram-se em distribuição complementar, ou seja, a possibilidade de dois alofones apenas em determinados contextos ou ambientes.

Os autores utilizaram características binárias para capturar todas as possíveis oposições fonológicas nas línguas encontradas. Diante disso, as características fonológicas binárias foram chamadas de traços distintivos. Postos de lado os traços de tom e acento, o sistema de traços resumia-se em: vocálico (*vocalic*), consonantal (*consonantal*), compacto (*compact*), difuso (*diffuse*), tenso (*tense*), vozeado (*voice*), nasal (*nasal*), contínuo (*continuant*), estridente (*strident*), *checked*, grave (*grave*), *flat* e *sharp*.

Já no modelo de Chomsky e Halle (1968), o traço passa a ser a unidade mínima admitida. Nesse modelo, a unidade mínima deixa de ser os fonemas e passa a ser os traços, que são propriedades mínimas baseadas nos processos articulatório e acústico envolvidos na produção dos sons. Assim, a representação segmental de um som equivale-se a um conjunto de feixes de traços referentes a um determinado som.

Diferentemente dos modelos anteriores, no modelo de Chomsky e Halle (1968), os traços são suficientes para comprovar contrastes fonológicos, ou seja, passam a ser distintivos, porém, com a mesma caracterização binária, podendo ser ausentes (-) ou presentes (+).

Chomsky e Halle (1968) desenvolveram o modelo de traços para descrever o conteúdo fonético dos segmentos derivados por meio de regras fonológicas bem como os segmentos fonológicos. Assim como nos sistemas anteriores, os traços distintivos admitiam apenas dois valores, ou seja, permaneciam binários. Os autores conservaram os traços consonantal, tenso, vozeado, contínuo, nasal e estridente, e adicionaram os traços silábico (*syllabic*), soante (*sonorant*), alto (*high*), posterior (*back*), baixo (*low*),

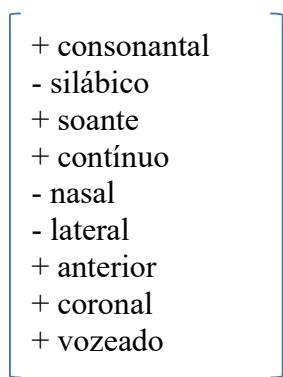
---

<sup>8</sup> Os traços distintivos são as últimas entidades distintivas da língua, uma vez que nenhum deles pode ser dividido em unidades linguísticas menores. As traços distintivos combinados em um simultâneo ou, como apropriadamente Twaddell sugere, em um pacote contíguo que forma um fonema. (Tradução nossa)

anterior, coronal, arredondado (round) e, ainda, os traços ATR (advanced tongue root) e Soltura Retardada (delayed release).

Outra característica deste modelo refere-se ao fato de os traços poderem ser agrupados de acordo com suas propriedades (articulatórias e acústicas). Temos, então, traços de classes principais, traços de cavidade, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos. Como exemplo de traço de cavidade, temos o traço nasal / não nasal: o traço + nasal identifica um som produzido com abaixamento do véu palatino; o traço – nasal identifica um som produzido com o levantamento do véu palatino. A seguir, o som [m] representado por meio do feixe de traços:

**FIGURA 6:** Representação do /R/ por meio do feixe de traços.



No Modelo Gerativo, as representações são baseadas em dois tipos de matrizes: as matrizes de traços fonéticos e as matrizes de traços fonológicos. Essa matriz é uma forma para facilitar as transcrições, sendo que as matrizes fonéticas agrupam todos os traços distintivos existentes em determinada língua e a matriz fonológica agrupa apenas os traços distintivos.

Segundo Matzenauer (1990, p.11), "[...] o sistema do SPE<sup>9</sup> conseguiu resolver problemas até então insolúveis, como a reunião de vogais, líquidas e glides, como a palatalização e a velarização [...]", mas a autora destaca que esse sistema ainda deixou lacunas como algum tipo de hierarquia sobre os traços.

Caracterizamos os sons de /R/ segundo os seguintes traços:

<sup>9</sup> SPE, segundo Matzenauer (1990), refere-se ao trabalho *The Sound pattern of English* de Chomsky e Halle (1968).

**QUADRO 4** - Caracterização dos sons de /R/ pelos traços distintivos

	<b>Posterior</b>	<b>anterior</b>	<b>dental</b>	<b>alveolar</b>	<b>retroflexa</b>	<b>velar</b>	<b>uvular</b>	<b>glotal</b>	<b>fricativa</b>	<b>vibrante</b>	<b>Aproximante</b>	<b>Coronal</b>	<b>Dorsal</b>
<b>x</b>	+					x			x				x
<b>χ</b>	+						x		x				x
<b>h</b>	+							x	x				x
<b>r</b>		+	x							x		x	
<b>r̪</b>		+	x							x		x	
<b>ɹ</b>											x	x	
<b>ɿ</b>		+		x							x	x	
<b>ɿ̪</b>		+			x						+	x	

Fonte: Adaptado de Cristófaro Silva (1999).

Descrevemos os sons de /R/ de acordo com os traços posterior, anterior, dental, alveolar, retroflexa, velar, uvular, glotal, fricativa, vibrante, aproximante, coronal e dorsal. Identificamos alguns traços como (+) e outros caracterizamos como (x), indicando que tal segmento possui esse traço que não é binário (+/-), mas sim presente ou ausente. Utilizamos a noção gerativa dos traços, considerando os postulados de Clements e Hume (1985), em relação ao fato de alguns traços não serem binários e à caracterização das vogais pelos traços Labial, Coronal e Dorsal.

Além de caracterizar os sons de /R/, os traços também servem como suporte para descrever e avaliar como o contexto seguinte e precedente ao rótico pode favorecer a variação. Utilizamos, para descrever o contexto seguinte, os traços [Labial], [Coronal] e [Dorsal], tanto para vogais quanto para consoantes. Da mesma forma, usamos os traços [Labial], [Coronal] e [Dorsal], para descrever as vogais precedente ao /R/, que, por estar em coda silábica, pode ser precedido somente por vogais. Assim as vogais ficaram caracterizadas como: Labiais [o, ɔ, u]; Coronais [i, e, ε]; e Dorsal [a].

A Teoria de Traços é o advento que precede o estruturalismo, tem sido utilizada por estudiosos, no decorrer do tempo, para descrever com mais clareza os segmentos (ou fonemas, no caso do estruturalismo). Foram utilizadas características fonéticas e fonológicas nos modelos, alguns enfatizaram mais a fonética, como o Modelo de Jakobson, Fant e Halle (1965), outros focalizaram mais a fonologia, como o Modelo de Trubetzkoy (1939), entretanto, o Modelo gerativo utiliza ambas as características fonéticas e fonológicas, o que caracteriza as matrizes. Consideramos importante observar que, neste estudo, utilizamos algumas complementações, de acordo com Clements e Hume (1985), a respeito da propriedade binária dos traços, sendo alguns binários como [+anterior], [+aproximante], e outros apenas ausentes ou presentes como [dorsal], [coronal], [labial].

Nesta seção, apresentamos a Teoria dos Traços distintivos, base teórica deste estudo, no que refere à descrição do ambiente linguístico em que a variação do /R/ ocorre. A seguir, abordamos a teoria variacionista laboviana a qual nos permitiu lidar metodologicamente com a heterogeneidade linguística.

### **2.3 A teoria variacionista laboviana**

Um dos objetos de estudos da Sociolinguística - uma das subáreas da linguística - é o tratamento da variação, que, segundo Mollica (2003, p.10), pode ser entendida “[...] como um princípio geral e universal, possível de ser descrita e analisada cientificamente”. Os fatores sociais são considerados como influenciadores da estrutura e tratados como *variáveis independentes*, visto que “[...] no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis”.

Em relação à variação do /R/, são considerados, acima de qualquer outro aspecto, os fatores geográficos, ou seja, eles controlam o fenômeno da variação de acordo com uma determinada região. Como exemplo, temos o caso da vibrante em coda no Sul do país [dor], a variante fricativa no Norte [dox] e a variante retroflexa nos estados de São Paulo e proximidades [do].

Brandão (2007) afirma, por exemplo, que a realização retroflexa não é própria somente do estado de São Paulo e Minas Gerais e que a ocorrência desta está em quase todo o território brasileiro, o que contraria a constatação de Amaral (1920) de que o /R/

retroflexo seria próprio do estado de São Paulo e teria se espalhado para o restante do país por meio dos bandeirantes que adentraram o país pelo rio Tietê. Segundo esse autor, o /R/ retroflexo teria uma possível ligação com o *r* brando dos autóctones<sup>10</sup>. Conforme mapa apresentado por Brandão (2007), Figura 1 deste trabalho, o retroflexo tem outros estímulos para sua realização do que somente por contato com outra língua.

Diante disto, utilizamos a abordagem da Teoria da Variação de Labov (1972), para a descrição da língua em uso por meio da vertente sociolinguística. Para este estudo, foram adotadas as seguintes variáveis: sexo, idade e grau de escolaridade. Para cada uma destas variáveis, tem-se um dado valor, inclusive, porque, segundo o autor, elas têm influência sobre o tratamento da variação.

Labov (1972) é considerado o precursor da Sociolinguística Variacionista pelos estudos que desenvolveu nos anos de 1960, em que considerava os fatores linguísticos e os extralingüísticos (sexo, idade e classe social). Para o autor, a fala está ligada ao contexto social do informante, de forma que estudar este contexto é a melhor modo para se compreender a variação de uma língua. Ao investigar a centralização de /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, e o apagamento/manutenção do /r/ na cidade de Nova Iorque, o autor gravou entrevistas realizadas com os habitantes destes locais e observou situações espontâneas de fala nas lojas, em lanchonetes, restaurantes e nas ruas.

Os estruturalistas e os gerativistas, segundo crítica de Labov (1972), deixaram de lado as possíveis influências externas sobre a língua, assumiam eles que as próprias relações internas dos componentes da gramática eram suficientes para a descrição do objeto. Além disso, de acordo com os gerativistas e estruturalistas, a língua era de natureza homogênea, assim, variações típicas da fala eram desconsideradas.

O autor, com outro ponto de vista sobre a estrutura das línguas, o qual considera a variação e a mudança linguística, critica as conhecidas dicotomias saussureanas: *Langue/Parole* e sincronia/diácronia. Posicionando-se contra os estudos imanentes<sup>11</sup> da língua, Labov critica Saussure por desconsiderar os fatores externos à língua, ao defender que ela é um sistema de signos que estabelecem relações entre si. O autor argumenta que os falantes possuem um conhecimento da *langue*, sendo assim, há a possibilidade de estudar o aspecto social da linguagem a partir de um único falante. Já para o estudo da *Parole*, só se pode ser feito por meio da interação linguística, ou seja,

<sup>10</sup> Autóctone: Aborígene; nativo. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/Autoctone.html>>.

<sup>11</sup> O princípio da imanência defende que tudo o que acontece na língua é de natureza da própria língua, assim, tudo pode ser explicado por meio da própria estrutura da língua e pela atuação de forças internas, não sendo necessário estudos sobre fatores externos.

por meio da observação da língua em uso no contexto social. Este fato ficou conhecido como o paradoxo saussureano.

Sobre o gerativismo, Labov (1972) acredita não existir uma comunidade de fala homogênea (assim como no estruturalismo), tampouco, um falante-ouvinte ideal. Para ele, a existência de variação e a heterogeneidade nas comunidades de fala são fatos comprovados. Logo, existe variação na comunidade de fala, visto que não há dois falantes que se comunicam da mesma forma. Não obstante, julgamentos intuitivos homogêneos são uma falha. Segundo o autor, os linguistas não podem continuar produzindo teoria e dados concomitantemente, ao invés disso, é necessário investigar a língua falada no dia a dia e, criteriosamente, relacionar a língua com as teorias gramaticais, moldando a teoria para melhor lidar com o objeto.

De acordo com esta abordagem, as línguas são sistemas heterogêneos - o que contraria os postulados de Saussure e Chomsky - e a variação é inerente às línguas. Diante disso, a noção da *langue* homogênea se perde, a distinção saussureana entre *langue* e *parole* é colocada em questionamento, uma vez que a variação seria característica da fala para Saussure. Diferentemente de Saussure, Labov acredita que a variação é uma característica da língua, o que põe em xeque tal dicotomia (língua/fala). Isso não quer dizer que exista um caos linguístico, pelo contrário, ainda se mantém a noção de sistema e se assume que a variação é sistematizada. Por exemplo, os falantes de uma comunidade conseguem se comunicar, mesmo com a diversificada variação linguística, isso é uma grande evidência da sistematização da heterogeneidade linguística.

Por meio dessas premissas, a Teoria da Variação fornece a base teórica e metodológica para a análise e sistematização de diversos tipos de variação linguística. Mesmo que a noção de heterogeneidade possa implicar a ausência de regras, ela é estruturada. Assim, existem regras, porém, diferentemente de sistemas homogêneos que sustentam regras categóricas, a língua heterogênea sustenta, além de regras categóricas, regras variáveis.

Na sequência, consideramos importante discorrer sobre alguns termos que fazem parte dos estudos variacionistas, quais sejam: variação, variável dependente e variável independente.

A variação é o processo no qual duas ou mais *variantes* ocorrem em um mesmo contexto linguístico, sem perda de referência, valor de verdade e significado. Nesta pesquisa, por exemplo, temos as possíveis variantes [l], ø e outros, do /R/. Para que

ocorra a variação, é necessário que (a) as formas possam ocupar o mesmo contexto e (b) haja a manutenção do significado.

A variável dependente é o objeto de estudo do pesquisador. Ela será a forma que em determinados contextos varia, em determinadas variantes. Assim, nossa variável dependente é o /R/, que pode variar em [ɹ], ø e outros.

As variáveis independentes são os fatores que favorecem ou condicionam a variação. Para melhor entendermos, é necessário estabelecer uma relação com os condicionadores, que são os fatores que regulam/condicionam a escolha entre uma variante ou outra. Controlar esses fatores permite ao linguista indagar em que contexto, linguístico ou extralingüístico, uma variante tem maior probabilidade de ser utilizada em detrimento das demais. Os condicionadores ajudam a delimitar em qual contexto cada variante vai ocorrer. São divididos em dois grupos por serem de natureza interna ou externa ao sistema linguístico. Temos os condicionadores linguísticos, que são da ordem dos constituintes, o item lexical, acentuação silábica, aspectos semânticos etc. Já os condicionadores extralingüísticos ou sociais são, entre eles, sexo, idade, faixa etária etc.

A partir do controle quantitativo da ocorrência das formas variantes, por meio das variáveis independentes (lingüísticas e extralingüísticas) selecionadas para o estudo, o linguista pode respaldar a pesquisa, por meio de resultados quantitativos, que acusarão qual variável favoreceu ou desfavoreceu a variação.

Labov (1972) afirma que é importante conviver com o falante, conhecer sua comunidade de fala e observar o uso público da língua, para que a entrevista consiga relatar de forma mais natural a fala do informante. O autor ainda assevera que, para se obter uma quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa, é necessário fazer uma entrevista individual gravada.

Segundo Labov (1972), consideramos importante ressaltar que, neste estudo, buscamos trabalhar com o vernáculo - a fala espontânea quando não está sendo observada. Para a obtenção do vernáculo, devemos observar fatores como o local onde será realizada a entrevista, o nível de formalidade, a formulação de perguntas que podem levar a narrativas mais longas ou mais breves, a escolha de temas que também deixem o informante mais ligado aos fatos narrados do que à gravação e à presença do entrevistador.

Sobre a natureza das pesquisas, Labov (2008<sup>12</sup>, p. 102) sugere entrevistas formais e estruturadas:

Para completar a amostra aleatória e tornar compatíveis os dados de muitos falantes, precisamos de entrevistas estruturadas, formais. Mas a entrevista formal, em si mesma, define um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar *fala monitorada [careful speech]*. Muito da produção discursiva do informante em outras circunstâncias pode ser bastante diferente. Ele pode usar a fala monitorada em diversos outros contextos, mas na maioria das ocasiões estará prestando menos atenção à própria fala, e empregará um estilo menos monitorado que podemos chamar de *fala casual [casual speech]*.

Para o autor, a entrevista formal e estruturada pode não ser tão comum como nas situações corriqueiras do informante, no entanto, não são tão formais quanto uma entrevista de emprego.

A respeito da fala espontânea ainda podemos considerar a seguinte observação de Tarallo (1994, p. 21): “O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados”. Segundo o autor, o uso do gravador pode gerar uma certa tensão, assim o pesquisador deverá diminuir a pressão exercida pelo aparelho, ainda, evitar falar sobre a “língua” em si. Podem ser formulados módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos homogenizariam dados de vários informantes e provocariam *narrativas de experiência pessoal*. A narrativa teria também como função envolver o falante mais com o tema do que com a entrevista em si.

Tarallo (1994, p. 22), assim, exemplifica os módulos:

Os módulos cobrem uma série de tópicos para fins de conversação: dados pessoais do informante (sua história), jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, amigos, turmas, serviços públicos, o crime nas ruas, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade. Esportes etc.

Labov (1972) indica o tema do “perigo de morte” para ser utilizado, pois este foi eficaz, em suas pesquisas, durante as narrativas de adolescentes negros do Halle, gueto de Nova York. Esse mesmo tema também é indicado por Tarallo (1994).

Com base nos princípios da Teoria da Variação de Labov (1972), coletamos os dados, considerando os apontamentos desse autor para se obter o vernáculo. A seguir,

---

<sup>12</sup> Utilizamos a tradução de 2008 para a citação.

apresentamos o contexto desta pesquisa: a composição do *corpus*; a forma como os dados foram coletados; o programa estatístico utilizado; e características da cidade onde as entrevistas foram feitas.

## 2.4 Contexto da Pesquisa

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa: a coleta dos dados, a análise destes pelo programa estatístico, a escolha do município e das variáveis dependente e independentes.

A metodologia utilizada, com base os aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação de Labov (1972), permitiu-nos perceber que os fatores externos à língua também motivam a variação. Isso nos possibilitou analisar e descrever nosso objeto de pesquisa, coletar a fala espontânea e avaliar as variáveis dependente e independentes.

### 2.4.1 A coleta e a seleção dos dados

Para esta pesquisa, utilizamos entrevistas do banco de dados do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO) da Universidade Federal de Uberlândia. Este grupo possui dados representativos de várias cidades da região do Triângulo Mineiro, como Monte Carmelo ao leste, Ituiutaba ao oeste (Pontal do Triângulo), Araguari ao norte (próximo à fronteira com Goiás), Uberaba ao sul (próximo à fronteira com SP) e Uberlândia (parte central do Triângulo Mineiro).

Utilizamos dados de 24 entrevistas realizadas por participantes do GEFONO com moradores de Uberlândia-MG, as quais foram feitas individualmente na casa ou no local de trabalho dos informantes. Assim sendo, o *corpus* constituiu-se de dados de fala desses 24 informantes nascidos e crescidos em Uberlândia-MG. O grupo foi dividido, de acordo com três faixas etárias (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 49) e dois graus de escolaridade (0 a 11 anos de estudo e mais de 11 anos de estudo), sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

Para a realização das entrevistas, os pesquisadores inseriram-se na comunidade de fala, para conquistar a confiança dos moradores e, também, para fazer a seleção de possíveis informantes. Em um primeiro contato com o futuro informante, os

pesquisadores explicavam como seria feita a entrevista, ressaltando a preservação da identidade dele, esclarecendo que a entrevista somente seria realizada com o seu consentimento.

As entrevistas foram feitas, a partir de questionários que funcionavam como um guia no momento da gravação, contendo questões relacionadas à cidade e ao cotidiano do entrevistado. Durante as entrevistas, para a obtenção do vernáculo, estabeleceu-se uma conversa informal, com perguntas sobre relacionamentos, lazer, os tempos de infância, a época da escola etc., para que os entrevistados se sentissem mais à vontade. Selecionadas as 24 entrevistas, o passo seguinte foi a transcrição ortográfica, que já se encontrava feita, então, fizemos a transcrição fonética dos dados, em relação ao /R/ e, posteriormente, os dados foram submetidos ao programa estatístico *GoldVarb X*, para serem quantificados. A utilização deste programa estatístico *GoldVarb X* condiz com a proposta da teoria da variação laboviana ou Sociolinguística Quantitativa, pois, segundo Callou, Coutinho e Leite, esta (1991, p. 71) “[...] prevê regras cuja aplicação é determinada por probabilidades diversas decorrentes de condicionamentos linguísticos e/ou sociais”.

#### **2.4.2 O programa estatístico**

De acordo com a perspectiva variacionista, a língua é heterogênea e a variação é sistematizada. Diante disto, os trabalhos de natureza variacionista normalmente contam com o suporte de *softwares* para realização de estatísticas, com vistas a sistematizar algum processo fonológico, morfológico, sintático etc.

Para este estudo, utilizamos o *GoldVarb X*, que trata-se de uma das versões disponíveis do programa para análise estatística de regras variáveis. Segundo Freitag e Mittmann (2005, p. 3), o *GoldVarb* é: “[...] uma ferramenta de análise estatística [...], sendo utilizado especialmente para o tratamento estatístico de regras variáveis em estudos sociolinguísticos”.

Este programa analisa o peso que cada variável tem em relação ao fenômeno variável, ou seja, observa se há o favorecimento do fenômeno, no caso da variação do /R/ em coda silábica, por alguma das variáveis linguísticas e sociais. Guy e Zilles (2007, p. 34) apontam que “[...] seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística”. Esses fatores condicionantes

podem ser tanto linguísticos (o efeito, por exemplo, do tipo de sílaba - medial ou final) como extralinguísticos (como o efeito da faixa etária).

Primeiramente, é necessário definir a variável linguística. Um processo variável pressupõe a existência de uma variável linguística a qual se define por estar em processo de variação, ou seja, existem variantes. Assim, as variantes definirão uma variável, ou seja, o que é e o que não é uma ocorrência da variável em estudo (GUY; ZILLES, 2007, p. 36). Não obstante, é necessário delimitar o envelope de variação, que consiste em demonstrar onde a variação ocorre e onde ela não ocorre.

Posteriormente e de posse dos dados, o/a pesquisador(a) cria códigos diversos, para cada variável, já definida para o estudo, que podem ser números, letras ou símbolos. Antes de iniciar a codificação, abre-se um parêntese para que o programa possa identificar os dados codificados. Ao finalizar a codificação, o parêntese é fechado. Na sequência, a codificação é salva no *arquivo de dados* (tkn) do *GoldVarb X* e, a seguir, em *Tokens>generate factor specification*, no qual a conferência desses dados é feita para que, caso haja algum erro, este possa ser detectado e, uma vez corrigido, continuar com a análise.

Ao final da conferência, o programa abre o *arquivo de condições* (.cnd) e a seção *Tokens>no recode* definirá a variável dependente em estudo e quantos grupos fazem parte da análise. Nesse mesmo *arquivo de condições*, a seção *Cells>load cells to memory* fornecerá os primeiros dados da análise, apresentando a seleção de células no arquivo (.cel) e no *arquivo de resultados* (.res). Nesse momento, alguns dados poderão chegar a 0% ou 100%, o que significa que eles estão em nocaute<sup>13</sup>, ou seja, com os fatores para os quais os dados representam a aplicação ou a não aplicação da regra. Assim, não há variação em fatores que estiverem acima de 95% ou abaixo de 5%. Portanto, esses dados precisam ser retirados da rodada<sup>14</sup>. Para isso, é necessário voltar ao *arquivo de condições* (.cnd) e, na seção, *Tokens>recode setup*, eliminar os *nocautes* presentes em tais grupos que compõem a análise. Depois que os *nocautes* forem eliminados, é necessário checar todos os grupos e salvar novamente o *arquivo de condições* (.cnd).

Após ter feito isso, nesse mesmo arquivo, a seção *Cells>load cells to memory* abrirá um novo *arquivo de resultados* (.res), em que se deve verificar a eliminação de todos os *nocautes*. Logo, os resultados ainda com *nocaute* devem aparecer

---

<sup>13</sup> Do inglês *knockout*, conforme o programa.

<sup>14</sup> *Rodada* é a execução de uma análise pelo programa estatístico.

primeiramente, seguidos pelos sem *nocaute*. Posteriormente, é necessário entrar no *arquivo de resultados* (.res) e na seção *Cells>binomial up and down*, para se fazer a rodada dos dados. Com a conclusão da rodada, poderá ser conferida, no *arquivo de resultados* (.res), a melhor corrida da rodada *stepping up* (em *Best stepping up run*) e poderá, também, ser confirmado o resultado encontrado na rodada *stepping down* (em *Best stepping down run*).

Na melhor corrida, poderão ser montadas as tabelas com os resultados da sua análise, sendo que ele já terá acesso aos percentuais e aos pesos relativos referentes aos dados analisados. Esses percentuais expressarão a tendência da variável dependente ocorrer em diferentes contextos. Já o peso relativo apenas confirma essa tendência, por meio de valores no intervalo de 0 a 1. Isso quer dizer que quanto mais próximo de 1, mais favorecedor é o efeito do fator na ocorrência da variável em um dado contexto, quanto mais próximo de 0, o contrário, e se estiver em torno de 0.5 é considerado ponto neutro, o qual não favorece e nem desfavorece o fenômeno em estudo.

Nessa seção, discutimos sobre o programa *GoldVarb X*. É importante frisarmos que, a cada etapa da análise, devemos salvar tudo o que for sendo feito e, também, manter abertas todas as janelas que forem de uso do programa. Os procedimentos descritos são válidos apenas para uma variável dependente que, neste estudo, é o /R/. Para a análise das três variantes, fizemos duas rodadas separadamente e os dados foram amalgamados, posteriormente. Consideramos importante observar que devem ser feitas sempre mais de uma rodada para cada variável dependente e que os resultados sejam confrontados, assim as discrepâncias encontradas podem identificar algo.

#### 2.4.3 Localização e Escolha do Município pesquisado

Dados de várias cidades da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, como Monte Carmelo, Coromandel, Ituiutaba, Araguari, Uberaba e Uberlândia fazem parte do Banco de Dados do GEFONO. Para este estudo, escolhemos o município de Uberlândia, que é de grande destaque nacional, sendo que a cidade possui uma população de 619.536 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>15</sup> de 2012. De acordo a Prefeitura de Uberlândia (2012)<sup>16</sup>, “[...] por

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=317020>>.

ter fácil ligação aos principais mercados do país e do mundo, Uberlândia tornou-se um polo de excelência em logística". Isto porque as rodovias BR365, BR050, MG497 e MG452 atravessam a cidade.

**FIGURA 7:** Vista de Uberlândia



Fonte:< [https://www.instagram.com/p/7MOrI-w\\_EF/?taken-by=prefuberlandia](https://www.instagram.com/p/7MOrI-w_EF/?taken-by=prefuberlandia)>

**FIGURA 8:** Vista central de Uberlândia

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=27&pg=729>>.



Fonte:<[https://www.instagram.com/p/6Q\\_NttQ\\_Ja/?taken-by=prefuberlandia](https://www.instagram.com/p/6Q_NttQ_Ja/?taken-by=prefuberlandia)>

**FIGURA 9:** Localização da cidade de Uberlândia em Minas Gerais



Fonte:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A3ndia#/media/File:MinasGerais\\_Municip\\_Uberlandia.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A3ndia#/media/File:MinasGerais_Municip_Uberlandia.svg)> (2015).

Segundo a Prefeitura de Uberlândia (2015)<sup>17</sup>:

[...] por ter fácil ligação aos principais mercados do país e do mundo, Uberlândia tornou-se um polo de excelência em logística. Desde de 2010, Uberlândia abriga um Entreponto da Zona Franca de Manaus, que, por meio de seus armazéns, facilita e agiliza a distribuição de mercadorias para os principais centros comerciais e industriais do Brasil. Isso permite competitividade nos custos e um grande diferencial no prazo de entrega.

Assim sendo, a cidade de Uberlândia ficou conhecida como a capital nacional da logística, o que colocou em destaque o seu município, como mostra a Figura 9:

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/27/729/secretaria.html#b>>.

**FIGURA 10:** Mapa destacando a cidade de Uberlândia e sua posição estratégica para a logística



Fonte: Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/27/729/secretaria.html#b>> (2015).

As Influências indígenas e africanas em Uberlândia<sup>18</sup> e a efetiva ocupação dessa cidade por esses povos somente aconteceu a partir do século XIX. O Triângulo Mineiro pertenceu à Província de Goiás até 1816, quando então passou a ser Província de Minas Gerais. Assim, com o objetivo de colonizar as terras situadas na região, o governo de Minas deu início à ocupação do Sertão da Farinha Podre - uma terra de domínio dos índios Caiapós, atualmente Triângulo Mineiro - facilitando a vinda de novos desbravadores os quais fixaram nessa terra com facilidade. Nesse período, os índios Caiapós, primitivos habitantes do local, foram expulsos da região.

Antes do povoamento da cidade de Uberlândia, a região era ocupada por índios como os Caiapós e Bororós. O primeiro homem de origem europeia a pisar na região do atual município de Uberlândia foi o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, em 1632. Além disso, a contribuição de mamelucos e indígenas foi fundamental na formação de Uberlândia.

Assim como os povos indígenas, os africanos fizeram e ainda fazem parte da constituição e formação da cidade de Uberlândia, além de terem influenciado e contribuído com a cultura da cidade. Por ser esta uma sociedade urbana, nas Minas Gerais colonial, os escravos tinham mais chances de mudança de *status* social. Assim, muitos deles faziam trabalhos remunerados, como os de sapateiro, alfaiate etc., para comprar sua carta de alforria. Além disso, nesta região, também havia o contrabando de

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/larissasilva315865/influncias-indgenas-e-africanas-na-cidade-de-uberlndia>> (2015).

ouro e diamante, o que podia proporcionar aos escravos ascenderem socialmente, embora isto acontecesse em casos raros. Assim, podemos observar que a miscigenação contribuiu para uma maior ascensão social dos descendentes de escravos, sendo que muitos mulatos eram educados e trabalhavam com remuneração.

Atualmente, a cidade de Uberlândia conta com várias faculdades particulares e uma universidade federal, a Universidade Federal de Uberlândia - UFU que foi autorizada a funcionar em 14 de agosto de 1969 pelo Decreto-lei n. 762, tornando-se uma universidade federal, por meio da Lei nº. 6.532, de 24 de maio de 1978. Além de um Campus do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM, antiga Escola Agrotécnica, situado na Zona Rural, oferece cursos técnicos semestralmente e cursos superiores.

## **2.5 Seleção das Variáveis**

Nesta seção, apresentamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas investigadas nesse estudo. Essas variáveis foram definidas a partir daquelas analisadas em trabalhos de autores já mencionados, principalmente em Monaretto (2000) e ainda considerando a Teoria da Variação de Labov (1972).

### **2.5.1 Variável dependente**

A variável dependente é o nosso objeto de estudo. Assim, temos um /R/ que varia, em determinados contextos. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 36), "Se tornarmos duas (ou mais) realizações superficiais como sendo alternantes ou variantes de uma única entidade, isso implica sustentar que há algum ponto no sistema linguístico no qual se faz uma escolha entre essas duas formas". Logo, existe uma única entidade que, neste trabalho, designamos como o /R/, que por variação se realiza como alternantes ou variantes, as quais são nossas variantes. Essa descrição configura nossa variável dependente, isto é, a realização do /R/ em posição de coda final ou medial.

### 2.5.1.1 Variantes

- ✓ Realização do /R/ como segmento retroflexo [ɿ];
- ✓ Apagamento ø;
- ✓ Outros, como ['poxtrə], ['dox], ['ah], ou seja, segmentos fricativos velar, glotal, ou outras realizações de /R/ na coda, que não sejam um segmento retroflexo.

### 2.5.2 Variáveis independentes

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 38), "[...] devem-se identificar possíveis fatores condicionantes que possam influenciar a escolha entre as alternantes ou a aplicação da regra variável". As variáveis independentes representam os grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente, sendo que esses fatores podem ser de natureza linguística ou extralingüística. Ainda, segundo esses autores:

Esses fatores contextuais são organizados em grupos de fatores [...] Cada grupo de fatores pode ser definido como um *locus* na regra variável onde ocorre o condicionamento e consiste em uma lista exaustiva de todos os possíveis fatores mutuamente exclusivos que podem ocorrer naquele *locus*. Assim, os grupos de fatores são variáveis independentes, e os fatores no grupo são valores possíveis dessa variável independente (GUY; ZILLES, 2007, p. 38)

Diante disso, definimos oito variáveis independentes, sendo cinco linguísticas e três extralingüísticas.

#### 2.5.2.1 Variáveis linguísticas

A partir das variáveis linguísticas, podemos avaliar o contexto linguístico para verificar se há o favorecimento desse sobre a variação. Utilizamos as mesmas variáveis linguísticas analisadas nos trabalhos de Monaretto (2009), exceto os contextos que consideravam a sílaba, uma vez que nesse estudo, analisamos o /R/ apenas no fim de sílaba. Na sequência, apresentamos a descrição dessas variáveis.

### **2.5.2.1.1      Contexto seguinte**

Brandão (2007), em seus estudos, verificou que houve a ocorrência do retroflexo quando seguido de oclusivas, fricativas e nasais na Bahia e em Minas Gerais e o mesmo segmento foi encontrado antes de /t/ e /d/ na Paraíba. Com base, nestas constatações, decidimos por analisar esta variável. Ademais, pode ocorrer o apagamento do segmento no final de sílaba seguido de pausa, como foi apresentado em Callou e Serra (2002). Por conseguinte, o que sucede o /R/ pode favorecer a realização de determinada variante.

Portanto, dividimos o contexto seguinte como:

- ✓      Labiais: arma, corvo, arpa;
- ✓      Coronais: corte, corsa, orla;
- ✓      Dorsais: carga, argumento, arcar, marca;
- ✓      Pausa: mar#, bar#, amor#, favor#.

### **2.5.2.1.2      Contexto precedente**

O /R/ em coda somente pode ser precedido por uma vogal que será o núcleo da sílaba. Sendo assim, o contexto precedente é analisado para verificar se o traço da vogal [labial],[coronal] ou [dorsal] condiciona a ocorrência de uma variante sobre as demais. Conforme mostram as pesquisas mencionadas, vimos que o contexto seguinte favorece a variação. Assim, julgamos necessário avaliar também o contexto precedente, a partir da seguinte hipótese: as vogais que precedem o /R/ podem favorecer que uma das variantes tenha mais frequência.

Essas vogais foram assim divididas:

- ✓      Vogais coronais [ɛ, e, i]: (fértil, fervente, sirvo);
- ✓      Vogais labiais [ɔ, o, u]: (fórté, mordida, surto);
- ✓      Vogal dorsal [a]: (barco, amargo).

### **2.5.2.1.3      Tonicidade da sílaba**

Beckman (1998), afirma que as sílabas acentuadas representam o inventário completo dos sons nas línguas, já nas sílabas átonas tem-se um grupo menor. Além

disso, as sílabas acentuadas atuam como um gatilho para os processos fonológicos, mas falham ao se submeterem a tais processos. Com base nesse posicionamento, verificamos se o /R/ na sílaba tônica sofre menos variação, ou seja, observamos se a sílaba tônica também desfavorece a realização de uma ou outra variante do /R/.

Para isso, consideramos:

- ✓ Acentuadas: amór, favór, mórtē, córte;
- ✓ Não acentuadas: martélo, marcação, enferméira, articulação.

#### **2.5.2.1.4 Posicionamento da coda na palavra**

Os estudos de Monaretto (2009), Leite (2012), Callou e Serra (2002) mostraram o apagamento do /R/ no fim de palavra, ou seja, na coda final. Diante disso, consideramos necessário verificar se, nos dados de fala dos überlandenses, a posição da coda também condiciona o apagamento.

Para isso, assim, definimos as sílabas:

- ✓ Coda medial: apertar, farpa, marca;
- ✓ Coda final: amar, favor, entrar.

#### **2.5.2.1.5 Item lexical**

Conforme as pesquisas de Monaretto (2009), Leite (2012), Callou e Serra (2002), houve o apagamento do /R/ no fim de sílaba. No entanto, apenas Leite (2012) aponta que a variável item lexical não favoreceu o apagamento, enquanto os outros autores observaram que verbos e substantivos apresentaram diferenças no apagamento do segmento, sendo o verbo, nesse caso, o mais favorecedor. Com base nesses resultados, julgamos necessário verificar se em Überlândia o item lexical - verbo, substantivo e outros - favorece o fenômeno variável. Dividimos esta variável da seguinte forma:

- ✓ Verbos: amar, falar, sentir, dizer, dentre outros;
- ✓ Substantivos: mar, lar, (o) cantar, (o) falar, dentre outros;
- ✓ Outros: maior, melhor, indolor, qualquer, dentre outros.

### 2.5.2.1.6 Tamanho da palavra – Saliência fônica

Por meio desta variável, observamos se a quantidade de sílabas na palavra pode favorecer a variação do /R/, no que se refere ao apagamento. Segundo os preceitos da saliência fônica, quanto maior a palavra, maior será a possibilidade de um segmento se apagar, como, por exemplo: marcas de flexão, síncope de proparoxítonas, marca de infinitivo. Callou e Morais (1996) mostram que a saliência teve peso sobre o apagamento do /R/. Segundo as autoras, palavras com três sílabas ou mais favoreceram o apagamento.

Para nosso estudo, dividimos esta variável da seguinte forma:

- ✓ Uma sílaba: lar, mar, par, ir, etc.;
- ✓ Duas sílabas: amar, servir, amor, etc.;
- ✓ Três sílabas ou mais: promover, atrasar, participar, etc.

### 2.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

Estudos anteriores a Labov (1972) analisavam a língua, observando apenas os seus fatores internos, assim, os fatores externos ficavam excluídos da análise linguística. No entanto, segundo o autor, no que se refere ao nosso objeto de estudo, os fatores externos à língua, ou seja, as variáveis extralinguísticas, podem favorecer a variação. Neste trabalho, analisamos as variáveis sexo, idade e escolaridade. Abordamos a seguir, a importância de cada uma delas.

De acordo com Labov (1972), em sua pesquisa sobre o inglês de Nova Iorque, as mulheres tendem a utilizar mais o /R/ retroflexo<sup>19</sup> do que os homens, ou seja, existe favorecimento da variável sexo feminino sobre a variação. Callou e Serra (1996) afirmam que mulheres estão uma geração à frente no que se diz respeito ao apagamento do /R/. Diante disso, a variável sexo mostra-se altamente relevante para nosso estudo, uma vez que esta nos permite verificar se homens e mulheres utilizam a mesma variante do /R/.

A variável idade possibilita-nos averiguar se algum comportamento linguístico está em ascenção ou em declínio. Por exemplo, se os jovens não utilizam mais ou

---

<sup>19</sup> Segundo LABOV (1972), o segmento retroflexo é uma variante de prestígio em Nova Iorque.

utilizam menos determinado comportamento linguístico e se as faixas etárias mais elevadas utilizam-no, isto significa dizer que, possivelmente, tal fenômeno variável está em declínio. Ou então, pode ocorrer o contrário, isto é, se as faixas etárias mais elevadas não utilizam ou utilizam menos determinado comportamento linguístico e os jovens utilizam-no mais, isto aponta para uma possível ascensão do fenômeno. Desta forma, poderíamos ter um contexto no qual pessoas da faixa etária acima de 60 anos de idade utilizariam, por exemplo, a variante retroflexa com mais frequência que os de faixa etária inferior.

A variável grau de escolaridade é de suma importância para a verificação da variável dependente, selecionada para nosso estudo, a qual está ligada à uma possível estigmatização do /R/retroflexo. O maior grau de escolaridade poderia favorecer ou não o emprego do retroflexo por parte dos falantes, visto que estes poderiam evitar o uso desta variante para não sofrerem estigmatização.

As variáveis extralingüísticas são determinadas pelo GEFONO. Este grupo tem como principal objetivo promover uma reflexão mais aprofundada em relação aos estudos em Fonologia, Morfologia, Morfofonologia e Aquisição Fonológica, bem como despertar nos alunos e na comunidade acadêmica do Curso de Letras o interesse em realizar pesquisas nessa área.

Portanto, as variáveis extralingüísticas abordadas em nosso estudo foram as seguintes:

- ✓ Sexo:
  - Masculino;
  - Feminino.
  
- ✓ Faixa etária:
  - Entre 15 e 25 anos de idade;
  - Entre 26 e 49 anos de idade;
  - Com mais de 49 anos de idade.
  
- ✓ Escolaridade:
  - Entre 0 e 11 anos de estudo (Ensino Fundamental e Médio);
  - Com mais de 11 anos de estudo (Ensino Superior).

Desse modo, os informantes foram divididos de acordo com os Quadros 5 e 6, abaixo:

**QUADRO 5** - Células de pesquisa: sexo feminino

FEMININO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 25 anos de idade (2)	INFORMANTE 1
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 3
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 4
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 5
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 6
		15 a 25 anos de idade (2)	INFORMANTE 7
	Mais de 11 anos de estudo (6)	26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 8
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 9
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 10
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 11
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 12

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

**QUADRO 6** - Células de pesquisa: sexo masculino

MASCULINO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 25 anos de idade (2)	INFORMANTE 13
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 14
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 15
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 16
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 17
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 18
	Mais de 11 anos de estudo (6)	15 a 25 anos de idade (2)	INFORMANTE 19
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 20
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 21
		26 a 49 anos de idade (2)	INFORMANTE 22
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 23
		Com mais de 49 (2)	INFORMANTE 24

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

### 3 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a realização de nossa pesquisa, primeiramente, selecionamos os informantes que foram agrupados de acordo com as variáveis extralingüísticas. Posteriormente, lançamos nosso olhar sobre as entrevistas e a transcrição gráfica, que já tinham sido feitas por integrantes do GEFONO, em seguida fizemos a transcrição fonética dos contextos de interesse para nosso estudo (os róticos e as vogais e consoantes que os precedem ou os sucedem). Com os dados transcritos, recortamos cada um deles e os colocamos em um novo documento do Word, para que pudessem ser codificados. Na sequência, esses dados foram analisados pelo programa estatístico *GOLDVARB X*, que mostrou a relação entre a variável dependente e as variáveis independentes.

Neste capítulo, discutimos os resultados obtidos por meio do programa, os quais nos possibilitaram analisar e descrever o peso de cada variável, seja linguística ou extralingüística, na realização do /R/ - fenômeno fonológico em estudo. Obtivemos um total de 5.139 dados, dos quais 2.528 são ocorrências do retroflexo, 2.480 referem-se ao apagamento do segmento e 132 são ocorrências da variante outros, conforme a tabela abaixo.

**TABELA 1**- Resultado total das variantes do /R/

/R/	Total de ocorrências	%
[.]	2528/5139	49,2
ø	2480/5139	48,3
Outros	131/5139	2,5

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Por meio destes dados, podemos observar que, dentre 5.139 dados, o retroflexo e o apagamento tiveram uma quantidade similar de ocorrências, respectivamente, 49,2% e 48,3%, e apenas 2,5% da variante outros.

Quando esses dados foram rodados pelo programa, a variante outros - que caracteriza segmentos como *<tohturada>*, *<ihmao>*, *<cohtava>*, *<cuhti>*, *<cuhtia>*, *<pahtiu>*, *<opohtunidadi>*, etc., ou seja, segmentos fricativos representados pelo símbolo [h] - somente teve ocorrências na variável sexo feminino, ou seja, a variável

sexo masculino teve 0% de ocorrência. O programa estatístico não aceita resultado de 0% ou 100% em algum fator, isso gera o *knock out*, o que impede que seja feita a análise final. Havia duas possibilidades para resolver esse impasse: uma seria desconsiderar o fator “feminino” da variável sexo; outra, seria desconsiderar a variante 1, que se trata da variante outros, no próprio programa.

Foram testadas ambas as opções e ambas geraram mais problemas. Ao se retirar o fator “feminino” da variável sexo, esta ficou com apenas um fator, o “masculino”, no entanto, o programa também não aceita *Singleton Group* (grupo com um único fator), o que significa haver apenas um fator em relação a uma única variável. Por outro lado, ao se retirar a variante 1 – outros –, o programa acusou *knock out* em todas as variáveis nas quais houve ocorrência da variante outros. Estavam todas com 0%, o que caracterizava *knock out*.

Como solução, decidimos retirar os dados referentes à variante “outros” e rodá-los, considerando apenas as duas outras variantes: o retroflexo e o apagamento. Destacamos que nossa proposta era realizar uma análise ternária, com três variantes do /R/: retroflexo, apagamento e outros. Entretanto, como tivemos que retirar os dados referentes à variável outros, passamos a ter uma análise binária, tendo como variantes do /R/ o retroflexo e o apagamento. Não desconsideramos os 132 dados obtidos da variante outros, os quais foram discutidos na Seção 3.1.2.

Ademais, os dados mostraram que a verdadeira variação referente ao /R/, em Uberlândia, não está entre as possíveis ocorrências dos segmentos, mas entre o retroflexo e a não realização do rótico, com 49,2 % de realizações retroflexas e 48,3 % de apagamento.

Esse número próximo de ocorrências de apagamento e de retroflexo indica que o processo de apagamento do segmento está em um processo intermediário, no qual, alguma variável, como o item lexical ou a posição da coda na sílaba, pode estar impedindo a continuação do processo. Assim, acreditamos que o item lexical não-verbos e o contexto coda medial favorecem a realização retroflexa, sendo que verbos e coda final favorecem o apagamento. Há um número muito próximo de ocorrências entre retroflexo e apagamento (2.528 e 2.480) e de verbo e não-verbos (2.752 e 2.255), o que indica que esses fatores contribuem para o balanceamento desse número. Ainda, podemos considerar que a maioria de ocorrências do /R/ em substantivos ocorre em coda medial, favorecendo a variante retroflexa; enquanto em verbos, a maioria das ocorrências ocorre em coda final, favorecendo o apagamento (conforme Seção 3.4.7).

Certamente, um estudo sobre atitudes linguísticas também poderia mostrar qual variante é estigmatizada na cidade e, assim, poderia haver a preservação do segmento ou do apagamento que não sofresse estigmatização.

### **3.1 A variante do /R/ predominante em Uberlândia**

Consideramos ser importante retomarmos os apontamento de Rennicke (2011) sobre os róticos. Segundo a autora, muitas variantes do /R/ no PB são chamadas de retroflexo, mas não se tratam desse segmento, por exemplo, a vogal rótica [ə], a aproximante alveolar [ɹ] e a aproximante retroflexa [ɻ], todas com o *status* de um segmento retroflexo. Não obstante, não podemos deixar de evidenciar a discussão sobre os róticos que Delattre e Freeman (1968) fazem sobre os mecanismos de articulação das aproximantes retroflexas/arqueadas (*bunched*), por meio de Raio X, para verificar se estas tratam-se de um segmento retroflexo - com a ponta da língua erguida e retraída, ou se tratam-se de um segmento arqueado (*bunched*) - com o dorso da língua erguido, formando um arco ao observarmos o formato da língua pelo Raio X.

Diante disso, Rennicke (2011) considera mais adequado utilizar a nomenclatura aproximante rótica para esses segmentos, desde que não se tenha realizado experimentos por meio de palatogramas, Raio X, acústica etc., para comprovar a natureza do segmento. Assim sendo, nesta pesquisa, utilizamos o termo retroflexo - aproximante rótica, para a autora -, uma vez que não fizemos um estudo experimental para comprovarmos tal estatuto.

Os dados apontam que a variante predominante na cidade de Uberlândia é o retroflexo. Dentre os 5.139 dados, 2.659 foram a realização do segmento, sendo que 2.527 foram retroflexas e 132 refere-se a “outros”, conforme Tabela 2 abaixo. O restante, 2.480, refere-se a apagamentos.

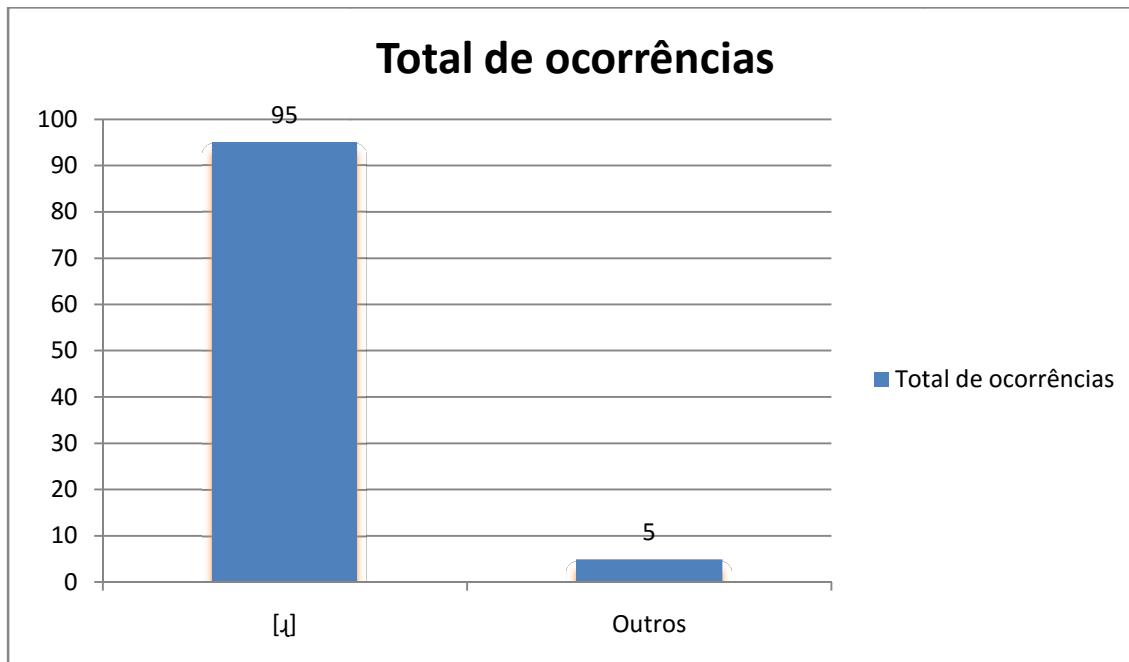
**TABELA 2** - Porcentagem de segmentos retroflexos e fricativos

/R/	Total de ocorrências	%
[l]	2527/2659	95
Outros	132/2659	5

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Em relação a estes resultados, apresentamos Gráfico 1, com a porcentagem de ocorrências de segmentos retroflexos e de outros:

## GRÁFICO 1 - Porcentagem de segmentos retroflexos e “outros”



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Conforme o gráfico acima, os dados mostram que 95% das realizações do /R/ foram retroflexas e somente 5% foram “outros”. Ademais, homens utilizaram 100% de retroflexas e somente mulheres utilizaram a variante outros.

Não acreditamos que a variação encontrada, mesmo que pequena, em relação ao retroflexo e outros, seja uma variação dentro do dialeto, mas revela a interferência de um dialeto sobre o outro. Não há evidências de que uma das variantes esteja sendo favorecida por uma variável, a não ser a utilização categórica por parte das mulheres. Assim, considerando a proximidade entre regiões em Minas Gerais e pelo fato de as participantes viajarem para outras regiões que utilizam outras variantes (por exemplo, a fricativa), existe a possibilidade de esses falantes terem a consciência linguística,

segundo a qual a outra variante é menos estigmatizada do que o retroflexo, como aconteceu nos estudos de Castro (2009), cujos resultados apontaram para o fato de que poucos falantes optaram pela vibrante [r̪] para fugir da variante mais marcada em Campinas.

### 3.1.1 A variante retroflexa

Conforme apresentamos nas duas tabelas anteriores, a aproximante retroflexa é a variante utilizada em Uberlândia. Na Tabela 1, confrontamos as variantes [l̪], outros e ø; e na Tabela 2, as duas variantes de /R/, [l̪] e outros. O /R/ subjacente em Uberlândia realiza-se como variante retroflexa na coda, por meio de um enfraquecimento responsável pelo seu surgimento. Amaral (1920) acreditava que a variante retroflexa teria sua origem em uma língua indígena, porém, Head (1987) e Rennicke (2010) acreditam que a retroflexão seja um processo no interior do próprio sistema. Head (1987) afirma que não há um segmento fônico semelhante ao retroflexo nas línguas indígenas que entraram em contato com o PB, nem na região de origem do dialeto caipira, nem na rota dos bandeirantes. Segundo o autor, o retroflexo é o resultado de um processo de variação e mudança que abrange consoantes líquidas anteriores, o /l/ e o /r/, as quais, em posição de coda, sofreram mudanças semelhantes na fala: (i) ambas são velarizadas - há um recuo no ponto de articulação; (ii) existe a mudança ou troca de /l/ por /r/ - processo conhecido como rotacismo. Assim, a velarização, aumentando a cavidade anterior do aparelho fonador, provoca um abaixamento da zona de frequências, o que corresponde a essa cavidade. Sendo assim, a alternância de /l/ por /r/ e a velarização teriam gerado o retroflexo, convergindo duas líquidas na posição de coda.

Concordamos com os posicionamentos de Head (1987) e Rennicke (2010) sobre a origem do retroflexo. Importa-nos observar que, embora o /l/ por /r/ também alternem em outras posições (como ['pla k̪e] e ['pra k̪e], ou na aquisição da linguagem como em [a 'ra r̪e] e [a 'la l̪e]), a mudança somente ocorreu na coda, contexto no qual há mais processos fonológicos.

A utilização categórica do retroflexo como realização do /R/ - em 95% dos dados - mostra que os falantes optam por uma variante que é, geralmente, estigmatizada. Os trabalhos de Rennicke (2010) e Leite (2004) apontaram que a variante retroflexa é

estigmatizada nas regiões de Campinas e Belo Horizonte, por meio de uma investigação de atitudes linguísticas. Acreditamos que os falantes, *a priori*, não têm consciência linguística de que a variante que utilizam caracteriza a fala caipira. Essa consciência linguística fica mais evidente, quando se coloca um dialeto em contato com outro que apresente outra variante do /R/, sendo este o resultado dos estudos de Rennicke (2010) e também de Leite (2004). Acreditamos que os falantes de Uberlândia somente terão consciência linguística da fala mais marcada socialmente do retroflexo, se forem colocados em contato com outros dialetos que apresentem outra variante de mais prestígio como as fricativas [x], [h] etc.

Existe também a possibilidade de os falantes terem a consciência linguística sobre a fala mais marcada do retroflexo e manterem essa pronúncia por questão de identidade, como aponta Rennicke (2010), ao relatar que falantes do interior de Minas Gerais, quando vão à capital Belo Horizonte, mantêm sua pronúncia para demonstrar sua origem, sua identidade. Assim, os falantes do Triângulo Mineiro - que têm bastante ligação com São Paulo, por meio de rotas rodoviárias, além de serem limítrofes, ou seja, estão em contato pela proximidade geográfica - podem manter a variante retroflexa como marca de sua origem em relação aos demais mineiros.

### **3.1.1.1 A vitalidade do retroflexo**

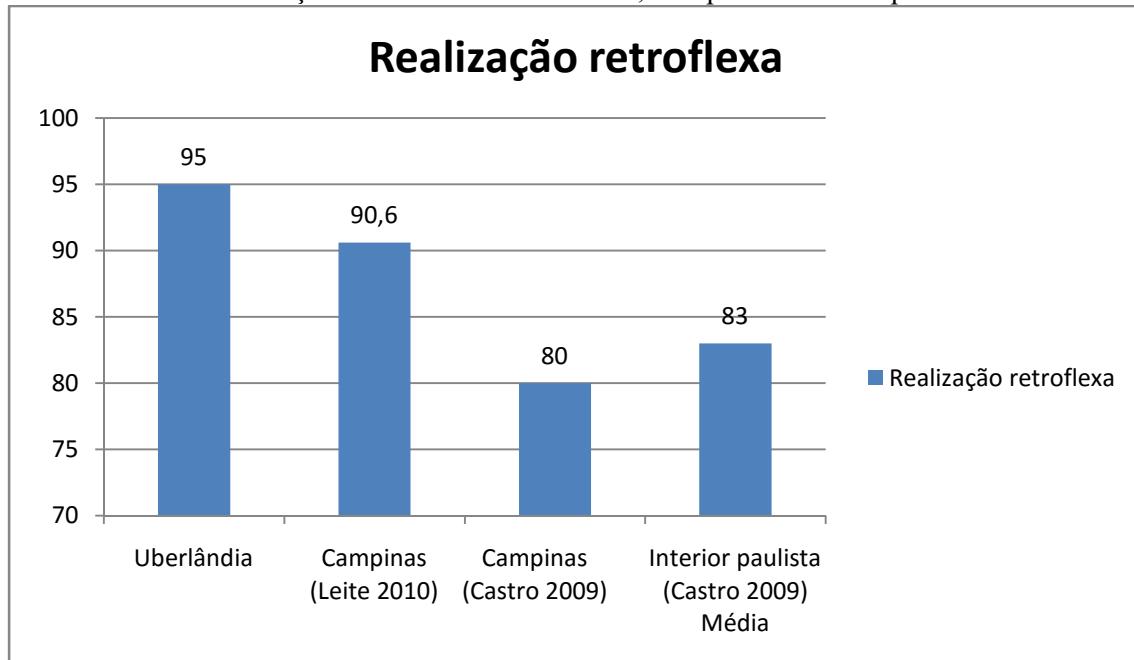
Segundo Amaral (1920, p.42) o r caipira desapareceria “[...] em prazo mais ou menos breve”, isto, em razão do crescimento demográfico, do desenvolvimento do comércio, do contato com a capital São Paulo com as demais localidades, dentre outras causas. Todos esses fatores colaboraram para que o dialeto caipira sofresse alterações já na época da publicação de sua obra. O r caipira estaria fadado, então, à extinção. De acordo com nossos dados, nos quais, quando se trata da realização do /R/, 95% são retroflexos, a previsão do autor em relação ao o desaparecimento desse segmento parece não proceder. No entanto, como observa Leite (2004), o retroflexo passou por um processo de enfraquecimento, ou seja, não se trata mais de uma pronúncia tão marcada quanto aquela da época em que Amaral (1920) fez tal constatação.

Pesquisas realizadas por Head (1987), Leite (2004, 2010) e Rennicke (2010) mostram que o r caipira no dialeto paulista permanece até os dias atuais, assim como acontece no dialeto mineiro, conforme Rennicke (2010). Os dados de Leite (2010)

revelaram que o r caipira corresponde a 90,6 % das variantes do /R/ na cidade de Campinas. Para a autora, o trabalho de Castro (2006), com dados de Minas Gerais e do Paraná, também corrobora para essa afirmação. Ela destaca ainda os estudos de Castro (2009) - que contaram com dados do Atlas Linguístico do Brasil ( ALiB), englobando dez localidades do interior paulista - que tinham como objetivo verificar o /R/ em coda medial e final, assim como o nosso trabalho. Os resultados obtidos por Castro (2009) mostraram que a variante retroflexa apresentou um percentual de 80% de realizações, tanto em coda medial quanto em coda final, sendo que o autor não considerou o apagamento. O resultado encontrado em Campinas pelo autor foi de 82% (coda medial) e 84% (coda final) para a variante retroflexa e 18% (coda medial) e 16% (coda final) ocorrências de tap. Castro (2009) observa que as ocorrências de tap provavelmente estariam ligadas à preocupação e insegurança dos informantes por estarem em um contexto de pesquisa, ou seja, fazem uso de um certo monitoramento da fala para fugir da variante estigmatizada. Em uma análise mais detalhada dos dados, o autor mostra que essa realmente é a justificativa para a realização do tap, sendo que 13 das 17 ocorrências de tap em Campinas foram localizadas na fala de um único informante.

Conforme Tabela1, ao considerarmos apenas a presença de rótico na fala überlandense em posição de coda, verificamos que somente 5% não se manifestaram como retroflexos. Esse resultado, comparado aos de Castro (2006, 2009), Leite (2004, 2010) e Rennicke (2010), aponta que o retroflexo ainda está atuante e contraria a previsão feita por Amaral (1920), segundo a qual o retroflexo iria desaparecer, conforme Gráfico 2, abaixo.

**GRÁFICO 2** - Realização retroflexa em Uberlândia, Campinas e interior paulista



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os percentuais apresentados no Gráfico 2 revelam que a ocorrência da variante retroflexa é de, no mínimo, 80% nas quatro regiões investigadas .Uberlândia apresenta o maior percentual de utilização desta variante, com 95% dos dados; Campinas apresenta um alto índice de 90,6%. Embora a pesquisa de Castro (2009) tenha apresentado um índice menor - 80% de realizações retroflexas em Campinas e 83% no interior paulista - deve-se considerar que houve o monitoramento da fala por parte de um dos entrevistados.

### 3.1.1.2 A preservação da variante estigmatizada

Ao compararmos os resultados de nossa pesquisa com os de Castro (2009) e Leite (2004 e 2010), verificamos que obtivemos um maior índice de realizações retroflexas. Diante dessa constatação, questionamos: por que as variantes estigmatizadas não entram em declínio? Importa-nos observar que essa mesma pergunta já foi feita por Leite (2010, p. 150), sobre a qual, ela afirma "[...] essa é uma pergunta difícil de responder e sempre presente na pauta dos pesquisadores, especialmente dos linguistas e dos psicólogos sociais".

Leite (2010) retoma alguns posicionamentos, apresentados por Ryan (1979) e Milroy (1980) em relação a essa questão, que acreditamos, também, serem cabíveis à interpretação dos nossos dados. Ryan (1979), ao observar que formas consideradas como padrão não sucumbiam às demais variantes (regionais, étnicas, entre outras), concluiu que as formas de menor prestígio não perecem, porque os próprios falantes não querem deixar de utilizá-las. A justificativa por assim agirem está ligada ao fato de as variedades não padrão serem utilizadas por membros desses grupos, principalmente, quando se unem para preservar sua identidade. Assim como as variantes estigmatizadas, as variantes de prestígio também permanecem por causa da marca de identidade, independentemente do fato de os falantes não as valorizarem de forma positiva, quando questionados.

A preservação da variante que marca a identidade de uma comunidade também é apontada por Milroy (1980). As variedades estigmatizadas, segundo o autor, podem representar lealdade, respeito e fidelidade a uma determinada comunidade de fala, conforme Rennicke (2010), em seus estudos realizados em Belo Horizonte e os de Labov (1972), em Martha's Vineyard. Para Rennicke (2010), não se pode caracterizar as variantes de prestígio como uma alternativa positiva, ou seja, como uma forma prescritiva para a utilização de uma forma em detrimento de outra.

Leite (2010), em seus estudos, relata que dois informantes apresentaram posicionamento positivo e valorativo em relação à cultura caipira, incluindo o retroflexo. Os informantes têm consciência da estigmatização da cultura caipira, no entanto, não consideram isso mais forte que a relação afetiva ou identitária que têm com os elementos representativos da cultura e do dialeto caipira.

Segundo a autora, ainda há outras razões que levam à valorização da cultura caipira e do retroflexo. Os resultados de seus estudos indicaram que a forma padrão não é o retroflexo, não é uma variante de prestígio, tampouco aquela que é utilizada nos meios de comunicação, como nos telejornais. Há exceções, por exemplo, quando se trata de programas regionais e, acrescentamos, gêneros textuais que empregam a cultura caipira, como nas Histórias em Quadrinhos, a personagem Chico Bento do cartunista Maurício de Sousa. No entanto, para Leite (2010), essa é a forma que representa a cultura caipira, cada vez mais valorizada, resgatada e reinterpretada, principalmente pelo movimento musical e por cartunistas como o próprio Maurício de Sousa.

Para a pesquisadora, a música caipira, ao ser retomada, é reinterpretada e dá origem a novas maneiras de se expressar. Elementos como a viola caipira chamam a

atenção com a música sertaneja (caipira), que antes era descrita como roceira, ignorante, acanhada, já atualmente, pode ser comparada ao protótipo do *cowboy* americano. Isso pode ser observado, por exemplo, nas festas de rodeio pelo país afora. A autora observa que exemplos como esses sustentam evidências de uma ressignificação da cultura caipira. Há, então, uma retomada, geralmente positiva do significado e da representação caipira.

Finalizando, Leite (2010) sumariza que é possível encontrar uma uniformidade em relação ao que se diz respeito às avaliações e julgamentos dos aspectos linguísticos encontrados nos dados de sua pesquisa. Então, a variante julgada negativamente por grande parte dos entrevistados pode exercer a função de coesão e de identidade. A respeito dos depoimentos dos informantes, há sentimentos de solidariedade e lealdade, evidenciados por meio de traços afetivos, que podem contribuir para a manutenção de variantes estigmatizadas como o retroflexo. Não obstante, há a ressignificação e valoração da cultura caipira, seja na música, seja em diversos tipos de texto. Podemos observar isso em diversas canções, a autora destaca a reflexão de Ralf Campos, na poesia “Mão Caipira, sim senhor!”.

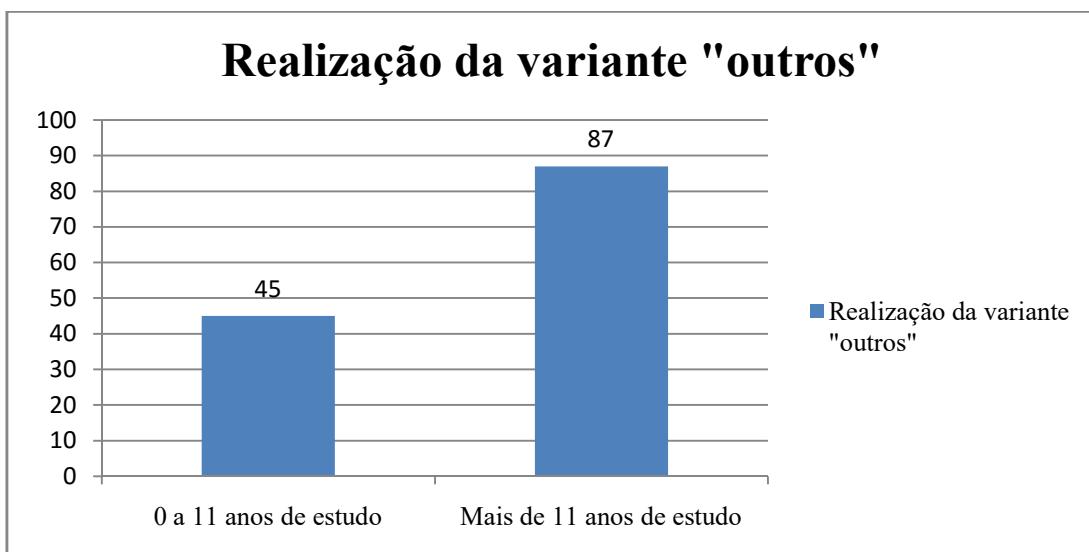
Diante do exposto sobre a realização da variante estigmatizada e da marca do falar caipira, o retroflexo, acreditamos que a estigmatização por si só não é suficiente para fazer desaparecer uma variante, nem mesmo por forças externas à língua. Ainda existem aqueles que defendem pronúncias corretas e padronizadas, seja para o /R/, seja para outras variantes e em outros níveis como morfológicos, sintáticos etc. Porém, importa-nos ressaltar que o falante não tem poder sobre a língua, conforme defende Saussure. Assim, mesmo que haja o ensino e o esforço prescritivo para a utilização de uma variante em detrimento de outra, possivelmente, na comunidade de fala, isso não vai ocorrer. A variante retroflexa utilizada em estados como São Paulo e Minas Gerais é fato consumado.

### **3.1.2 A variante “outros”**

Dentre as 5.139 realizações de /R/, 132 ocorrências referem-se a outras formas róticas que não a retroflexa. Como já apresentado nas tabelas, isto equivale a apenas 5% do total dos dados analisados. Essa variante refere-se a todos os segmentos que ocorreram na pesquisa além do retroflexo ou do apagamento, sendo que, de acordo com

nossas observações, trata-se de um segmento [+posterior] e [fricativo], o qual designamos por meio do símbolo [h]. Todas as 132 ocorrências relacionam-se ao feminino da variável independente sexo. Desses 132 ocorrências, 45 foram realizadas por falantes com escolaridade entre 0 e 11 anos de estudo e 87 por falantes com mais de 11 anos de estudo, conforme Gráfico 3, a seguir.

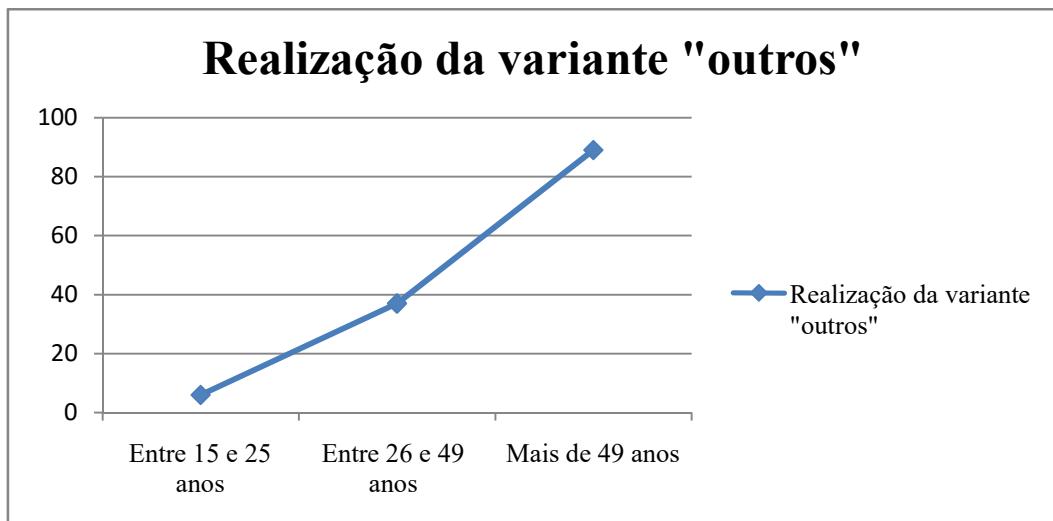
**GRÁFICO 3** - Realização da variante “outros”, considerando a variável independente escolaridade



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De acordo com o Gráfico 3, mulheres com mais de 11 anos de estudos utilizaram mais a variante “outros” que as mulheres da faixa etária de 0 a 11 anos de estudo. Já no Gráfico 4, abaixo, verificamos que houve 6 ocorrências na faixa etária entre 15 e 25 anos, 37 ocorrências entre 26 e 49 anos e 89 na faixa etária com mais de 49 anos de idade.

**GRÁFICO 4** - Realização da variante “outros”, considerando a variável independente faixa etária



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Com a análise desses dados, pudemos observar que pessoas com maior escolaridade e na faixa etária entre 26 e 49 e com mais de 49 utilizam mais a variante “outros”. Tanto Rennicke (2010) quanto Leite (2004, 2010) indicam que a variante aspirada é a de maior prestígio, em Campinas e em Belo Horizonte. Acreditamos que as mulheres mais velhas e com maior grau de escolaridade utilizam mais essa variante por terem a consciência linguística de que essa variante é a de maior prestígio. Isso evidencia o motivo de os dados serem tão poucos, ou seja, indícios de fala monitorada, e ainda indica o porquê de pessoas mais escolarizadas utilizarem essa variante.

Existem vários indícios no que se refere a uma possível explicação para o fato de as mulheres utilizarem o segmento fricativo. Uma das perguntas feitas aos informantes para se obter a fala espontânea foi qual a maior e a menor cidade que a pessoa já visitara. As mulheres que utilizaram o segmento fricativo tiveram mais contato com tal segmento em cidades que utilizam essa variante na coda. Além disso, houve também a participação de professores universitários, que, mesmo tendo noções como a de preconceito linguístico, tenderam a utilizar mais a variante fricativa, que é menos estigmatizada, principalmente no início das entrevistas.

Segue, nos quadros 8 e 9, todas as ocorrências da variante “outros” no *corpus*.

**QUADRO 7** - As ocorrências da variante “outros” em relação ao grau de escolaridade 0 a 11 anos de estudo.

Informante 1 15 e 25 anos 0 a 11 anos de estudo	Nenhuma ocorrência
Informante 2 15 e 25 anos 0 a 11 anos de estudo	Nenhuma ocorrência
Informante 3 26 e 49 anos 0 a 11 anos de estudo	<deveh cum>, <tohturada>, <ihm̥ao>, <cohtava>, <cuhti>, <cuhtia>, <pahtiu>, <opohtunidadi> (3 vezes), <pahticipei>, <nóhneim>, <cehta>, <pudéh fazêo>, <cuhsu> (2 vezes), <voltáh#>, <mahmelhoq>, <vuáh#>
Informante 4 26 e 49 anos 0 a 11 anos de estudo	<ihm̥ã>, <lahgo>
Informante 5 Mais de 49 anos 0 a 11 anos de estudo	<quahtel>, <cahtório> (2 vezes), <vêh#>, <ihm̥ão>, <cahne>, <vehdura>, <cehto>, <vehde>, <vehdura>, <prazeh#>, <recuhso>, <pohque>, <tohno>, <cehto> (2 vezes)
Informante 6 Mais de 49 anos 0 a 11 anos de estudo	<ihm̥ãos>, <libehdade>, <ihm̥ãs>, <Nohte> (3 vezes), <sehviço>, <ahtrose>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

**QUADRO 8** - As ocorrências da variante “outros” em relação ao grau de escolaridade com mais de 11 anos de estudo.

Informante 7 15 e 25 anos Mais de 11 anos de estudo	<Pastoh é>
Informante 8 15 e 25 anos Mais de 11 anos de estudo	<Ubehlândia> (2 vezes), <Cehtu>, <Behlandia>, <cehta>
Informante 9 26 e 49 anos Mais de 11 anos de estudo	<Dispehsanu>, <Enohme>, <Ihmā> (3 vezes)
Informante 10 26 e 49 anos Mais de 11 anos de estudo	<Tuhma>, <Enohme>, <Pehdeø> (5 vezes), <Céhta>, <Supohto>, <Dohmia> (2 vezes)
Informante 11 Mais de 49 anos Mais de 11 anos de estudo	<Ihmā> (2 vezes), <Ihmāos> (5 vezes), <Dohme>, <Dohme>, <Tuhma> (2 vezes), <Guahdo>, <Ihmão>, <Vulgahmente>, <Doh>, <lugahfechado>, <tehmino>, <pohta>, <elevadoh só>, <fOhtão>, <ahte>, <tahde>, <tahde>, <pehcebia>, <Ubehlândia> (3 vezes), <Morah#>, <COMéhciu> (3 vezes), <Pahticipei>, <Centeh Shopping>, <Univehsidadi>, <Tehceiro>, <Cuhso>, <Fohmadu>, <Pohtuguês>, <apesah dos>, <Vehde>, <Tehminei> (2 vezes), <Vehdadi>, <Sehvi>
Informante 12 Mais de 49 anos Mais de 11 anos de estudo	<Ubêhlândia>, <Fahmá>, <Mehcado> (3 vezes), <televisohRaley>, <Pohtuguêys>, <Intehnety>, <Infohmatizaçâu>, <Espohti>, <Melhoh#>, <Fihma> (2 vezes), <céhtim0> (2 vezes), <johnau>, <lah#>, <Tohqui>, <Toh eu>, <Tahcisiu>, <Fahmácia>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Além de termos comprovado que as variáveis independentes sexo feminino, faixa etária e escolaridade favorecem a pronúncia dessa variante, pudemos ainda verificar quais fatores linguísticos favoreceram a utilização da variante “outros”.

De acordo com os dados apresentados nos quadros acima, dentre as 132 ocorrências, 108 referem-se a não-verbos, como em: <Tuhma>, <Ihmāos>, <Ihmão>, <Vulgahmente>, <Doh>; e apenas 23 referem-se a verbos, como em: <Guahdo>, <cohtava>, <cuhti>, <pahtiu>, <pahticipei>. Isso mostra que o item lexical não-verbo favoreceu a variante “outros”. Também é notório nos dados que, dentre os 23 verbos, apenas em 4 ocorrências a variante “outros” refere-se a um morfema indicador de infinitivo com em <voltáh#> e <vuáh#>.

Nesta pesquisa, verificamos que, quando o contexto é coda medial, encontra-se o /R/, majoritariamente, em não-verbos. Diante disso, tivemos um total de 118

ocorrências de /R/ na coda medial, como em: <Nohte>, <sehviço>, <ahtrose>; e apenas 14 ocorrências de /R/ na coda final, como em: <lah#>, <Morah#> e <vêh#>. Isso coincide com a quantidade de não-verbos, ou seja, há uma relação entre o item lexical não-verbos e a coda medial, o que favorece a variante [h], como mostra os dados acima.

### 3.2 O apagamento e a realização retroflexa

Nesta seção, primeiramente, discutimos o apagamento e a realização retroflexa. Posteriormente, avaliamos as variáveis que favoreceram essas variantes. A Tabela 3, a seguir, apresenta o resultado:

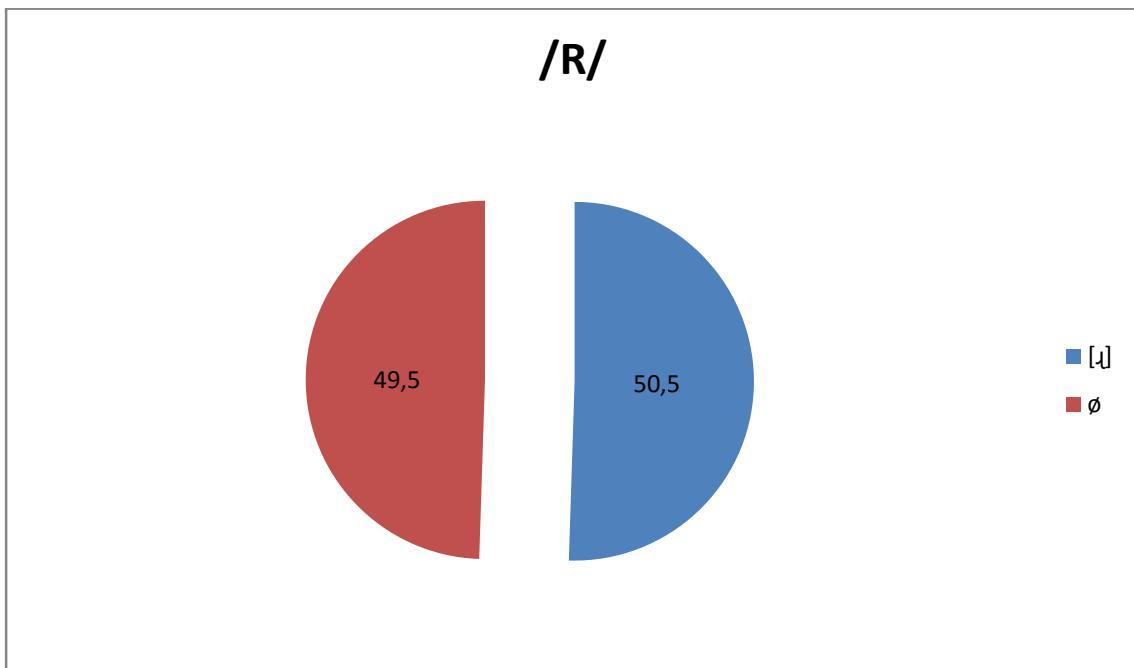
**TABELA 3** - Apagamento e realização do /R/

/R/	Total de ocorrências	%
[.]	<b>2527/5007</b>	50,5
ø	<b>2480/5007</b>	49,5

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A partir dos números apresentados na Tabela 3, elaboramos o Gráfico 5 com a porcentagem de ocorrências de segmentos retroflexos e de apagamentos:

**GRÁFICO 5 - A realização retroflexa e o apagamento**



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Como podemos observar, o /R/ em coda em Uberlândia tem um percentual similar no que refere às variantes.

### 3.3 As variáveis selecionadas pelo programa *GOLDVARB X*

Em relação às variáveis, ao final, quando fizemos as etapas de *stepping up* and *stepping down*, o programa *GOLDVARB X* selecionou as aquelas que favoreceram o fenômeno estudado, quais sejam:

- 1) Sexo;
- 2) Faixa etária;
- 3) Contexto seguinte;
- 4) Contexto precedente;
- 5) Tonicidade da sílaba;
- 6) Posicionamento da coda na palavra;
- 7) Item lexical;
- 8) Tamanho da palavra.

A única variável que não foi selecionada pelo programa foi a referente ao grau de escolaridade. Apresentamos, nas próximas seções, cada variável selecionada pelo programa estatístico, comparando os dados, quando possível, com outras pesquisas que tratam do mesmo tema.

### 3.4 Análise das variáveis independentes

Visto que a variável dependente, neste estudo, trata-se do /R/ e suas variantes que, neste caso, referem-se à variante retroflexa e ao apagamento, analisamos os fatores que favoreceram a realização do retroflexo bem como discorremos sobre as variáveis que favoreceram o apagamento. Portanto, na análise das 8 variáveis selecionadas pelo programa, foram observados os fatores que favoreceram o retroflexo e os que favoreceram o apagamento.

#### 3.4.1 Sexo

A variável sexo foi a primeira selecionada pelo programa. A tabela abaixo, apresenta os dados referentes à realização do /R/, em relação a esta variável.

**TABELA 4** - Variável sexo/ Realização do [r]

Sexo	Realização do [r]	%	Peso relativo
Feminino	<b>1030</b> /2276	45,3	0,351
Masculino	<b>1497</b> /2731	54,8	0,625
Total	<b>2527</b> /5.007	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Podemos observar que de um total de 5.007 dados, conforme a tabela acima, a variável sexo feminino apresentou um total de 2.276 realizações de /R/, das quais 1.030 referem-se às realizações retroflexas e 1.246 a apagamentos. Já, a variável sexo

masculino apresentou um total de 2.731 realizações de /R/, das quais 1.497 referem-se ao retroflexo e 1.234 aos apagamentos. O peso relativo de 0,351 indica que a variável sexo feminino favoreceu o apagamento, e a variável sexo masculino favoreceu a realização retroflexa, com o peso relativo de 0,625.

Considerando que, nesse caso, a nossa primeira hipótese era a de que a variável sexo feminino condicionaria a variante retroflexa, observamos que ela não foi confirmada, uma vez que a variável sexo feminino não favoreceu a realização dessa variante, no entanto, em relação à variável sexo masculino, esta apresentou um pequeno favorecimento à realização retroflexa. Esses dados foram obtidos, a partir da primeira rodada do programa em que colocamos a variante retroflexa como *default*.

A literatura aponta que mulheres geralmente utilizam mais a forma padrão e que o apagamento no Brasil, desde os primórdios, era uma característica dos falares incultos, que se expandiu, posteriormente (CALLOU; SERRA, 1996). Em Uberlândia, no entanto, verificamos que as mulheres utilizam mais essa variante, o que pode caracterizar, hipoteticamente, que o apagamento não é uma variante estigmatizada na cidade ou que mulheres não utilizam a forma mais padrão.

Os estudos de Callou e Serra (1996) consideram apenas o contexto de coda final. Para estabelecermos uma comparação fizemos uma nova rodada dos dados, considerando apenas o contexto coda final, conforme tabela abaixo.

**TABELA 5** - Variável sexo/ Realização do [l] / coda final

Sexo	Realização do [l]	%	Peso relativo
Feminino	<b>226</b> /1391	16%	0,366
Masculino	<b>416</b> /1644	25%	0,614
Total	<b>642</b> /3035	21,15%	-

Input: 0,113

Significance:0,018

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Observamos que, de um total de 3.035 dados de /R/, considerando o contexto de /R/, em relação a sua realização ou apagamento, em coda final, a variável sexo feminino apresentou um total de 1.391 realizações, das quais, 226 foram retroflexas e 1165 apagamentos. Já, a variável sexo masculino apresentou um total de 1.644 realizações, das quais, 416 foram retroflexas e 1.228 foram apagamentos. O peso relativo de 0,366

indica que falantes do sexo feminino favoreceram o apagamento, e os falantes do sexo masculino favoreceram a realização retroflexa, com o peso relativo de 0,614.

Segundo Callou e Serra (1996), no que se refere ao apagamento do /R/ em coda final, a variável gênero foi atuante: entre mulheres, o apagamento em Salvador atingiu 97% e em Porto Alegre 93%. Constataram, então, em relação aos processos de mudança sonora, as mulheres estão uma geração à frente dos homens. No Quadro 11, abaixo, apresentamos uma comparação entre os resultados obtidos por essas pesquisadoras e os de nossa pesquisa, em Uberlândia.

**QUADRO 9-** Apagamento do /R/ em SSA, POA e Uberlândia, no contexto de coda final

Cidades	Modo	% de apagamento
Salvador	[+posterior]	97%
Porto Alegre	[+anterior]	93%
Uberlândia	[+anterior]	84%

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Verificamos duas indicações, a partir desse quadro: a primeira diz respeito à indagação de Callou e Serra (1996), segundo a qual, a posteriorização do segmento seria uma etapa para ocorrer o apagamento do segmento. A segunda refere-se ao fato de as mulheres estarem uma geração à frente dos homens em relação ao apagamento. Concordamos com a segunda assertiva, visto que, considerando os fatores sexo feminino e sexo masculino, mulheres realizam o apagamento em 84%, enquanto homens em 75%. No entanto, verificamos que, no dialeto de Salvador, ocorre um /R/ com o traço [+posterior], o que significa um estágio mais avançado no que se refere ao apagamento do segmento. Já, em Uberlândia e Porto Alegre, observamos que ocorre um segmento [+anterior], isto é, ainda estão em um estágio menos avançado, principalmente Uberlândia, onde, embora já apresente um número representativo, observamos o menor índice de apagamento do segmento, quando comparamos as três cidades.

### 3.4.2 Faixa etária

Por meio da variável faixa etária, podemos observar se um fenômeno está em ascensão, em declínio ou estável. Apresentamos o resultado geral da variável faixa etária e, posteriormente, o resultado obtido pelo recorte, considerando a coda final. Conforme Tabela 6, a seguir, os dados mostraram o seguinte:

**TABELA 6** - Faixa etária

Faixas etárias	Realização do [l]	%	Peso relativo
15 a 25 anos	<b>860/1663</b>	51.7	0,519
26 a 49 anos	<b>1014/1901</b>	53.3	0,624
Mais de 49 anos	<b>653/1443</b>	45.3	0,321
Total	<b>2527/5.007</b>	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Podemos verificar que, de um total de 5.007 dados de /R/, a faixa etária de 15 a 25 anos apresentou 1.663 ocorrências, das quais 860 realizações foram retroflexas e 803 referem-se a apagamentos. Já, a faixa etária de 26 a 49 anos apresentou 1.901 ocorrências de /R/, destas, 1.014 foram realizações retroflexas e 887 foram apagamentos. Por fim, a faixa etária com mais de 49 anos apresentou 1.443 ocorrências de /R/, das quais, 653 foram realizações retroflexas e 790 foram apagamentos.

Nossa primeira hipótese, em relação à variável faixa etária, era a de que a variável com mais de 49 anos condicionaria a realização retroflexa. Segundo os dados obtidos, pessoas mais jovens não favoreceram nem desfavoreceram essa realização ficando, esse fator, próximo ao ponto neutro (0,5); a faixa etária média - 26 a 49 anos - foi a que mais favoreceu a utilização retroflexa, apresentando um peso relativo de 0,624. Já, os informantes com mais de 49 anos foram os que mais desfavoreceram a realização do retroflexo, apresentando um resultado oposto ao da nossa hipótese, qual seja, utilizam mais o apagamento que as demais faixas etárias.

Mais uma vez, para compararmos nosso trabalho com os estudos realizados por Callou e Serra (1996), fizemos o recorte do nosso objeto de pesquisa - /R/ em coda final.

Assim, obtivemos o seguinte resultado, conforme Tabela 7, a seguir:

**TABELA 7** - Faixa etária / contexto coda final

Faixas etárias	Realização do [ɿ]	%	Peso relativo
15 a 25 anos	<b>204</b> /975	21%	0,517
26 a 49 anos	<b>290</b> /1163	25%	0,646
Mais de 49 anos	<b>148</b> /897	16%	0,299
Total	<b>642</b> /3035	21,15%	-

Input: 0,113

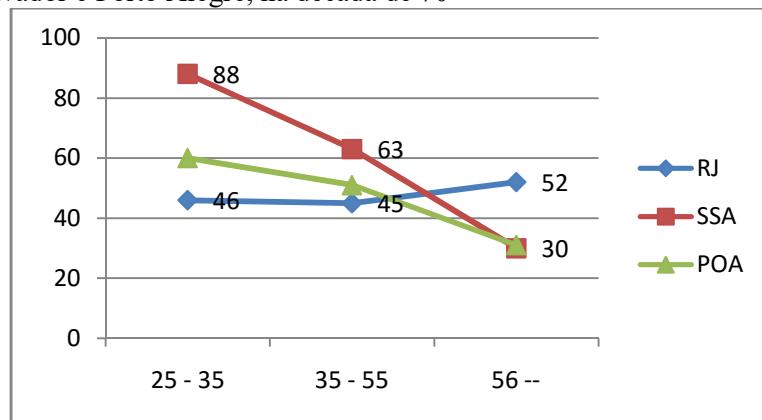
Significance:0,018

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Portanto, de um total de 3.035 dados, considerando o contexto de /R/, realizado ou apagado, em coda final, a faixa etária de 15 a 25 anos apresentou 975 ocorrências de /R/, das quais, 204 realizações foram retroflexas e 771 foram apagamentos. Já, a faixa etária de 26 a 49 anos apresentou 1.163 ocorrências de /R/, destas, 290 foram realizações retroflexas e 873 foram apagamentos. Por fim, a faixa etária com mais de 49 anos apresentou 897 ocorrências de /R/, das quais 148 foram realizações retroflexas e 749 foram apagamentos. Em relação ao peso relativo, a faixa de 15 a 25 anos ficou próxima ao ponto neutro, não favorecendo nem desfavorecendo a realização retroflexa; a faixa de 26 a 49 anos favoreceu a realização retroflexa; e a faixa etária com mais de 49 anos desfavoreceu a realização do segmento retroflexo.

Esse resultado diverge daquele apresentado por Callou e Serra (1996), segundo o qual, na década de 70, na faixa etária de 25 a 35 anos, o apagamento representava 46%, no Rio de Janeiro e 89% em Salvador, considerando o /R/ na coda no fim da palavra. No entanto, relacionando o resultado dessa faixa etária com as demais, as pesquisadoras mostram que, enquanto no Rio de Janeiro há uma estabilidade, em Salvador há uma nítida curva de mudança em curso, de acordo com o gráfico, abaixo:

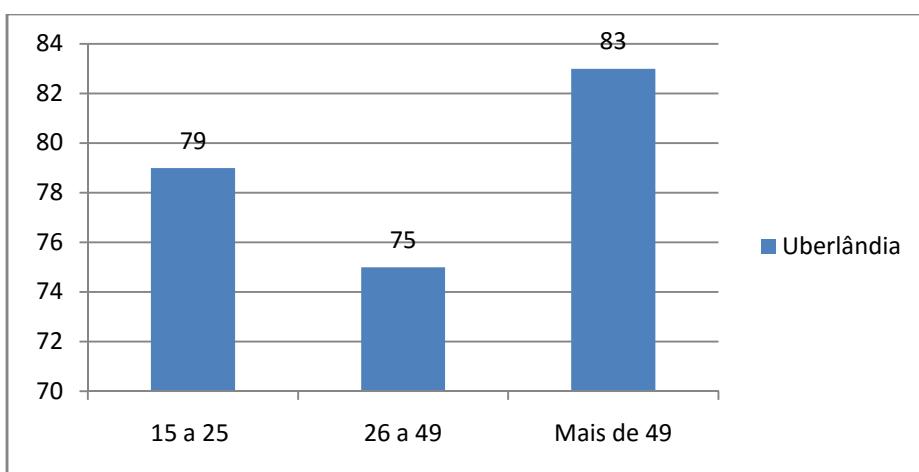
**GRÁFICO 6** - Apagamento do /R/ em posição de coda final, por faixa etária, no Rio de Janeiro, em Salvador e Porto Alegre, na década de 70



Fonte: Callou e Serra (2013).

Conforme, os dados indicam, em Salvador e Porto Alegre há uma mudança em progresso, visto que há mais apagamento, por parte dos jovens. No Rio de Janeiro, o fenômeno mantém-se estável. As faixas etárias desta pesquisa são diferentes das mencionadas acima, enquanto acima as faixas etárias são 25 a 35 anos, 35 a 55 anos e a partir de 56 anos, nossas faixas etárias são diferentes, de 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 49 anos. Levando isso em consideração, não podemos fazer uma comparação direta daqueles dados com os nossos. Porém, apresentaremos, a seguir, o Gráfico 7 com os resultados representados do apagamento do /R/ em posição de coda, por faixa etária, em Uberlândia:

**GRÁFICO 7** - Apagamento do R em posição de coda, por faixa etária, em Uberlândia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em Uberlândia, em relação à faixa etária, há um maior índice de apagamento do segmento retroflexo, por parte das pessoas mais velhas - mais de 49 anos. Quando relacionamos as três faixas etárias, esse apagamento mostra um pequeno declínio, no entanto, o percentual da faixa etária de 15 a 25 anos, com um total de 79%, ainda pode ser considerado alto.

### 3.4.3 Contexto seguinte

A variável contexto seguinte foi a terceira escolhida pelo programa. De acordo com os dados obtidos, observamos que houve o favorecimento da variante retroflexa pelo fator coronal e do apagamento pelo fator dorsal, conforme Tabela 8, a seguir.

**TABELA 8** - Contexto seguinte

Contexto seguinte	Realização do [R]	%	Peso relativo
Coronal (corte, corsa, orla)	1341/2155	62,2	0,624
Pausa (mar#, bar#, amor#)	157/613	25,6	0,535
Labial (arma, corvo, arpa)	537/1207	44,5	0,567
Dorsal carga, arcar, marca	492/1032	47,7	0,189
Total	2527/5.007	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Constatamos que, de um total de 5.007 dados de /R/, 2.155 referem-se a realizações do /R/ precedendo segmentos coronais, sendo que destas 2.155, 1.341 referem-se a segmentos retroflexos e 814 a apagamentos. Ocorreram 613 segmentos do /R/ precedendo uma pausa, dos quais 157 foram retroflexos e 456 foram apagamentos. Houve um total de 1.207 ocorrências de /R/ precedendo segmentos labiais, dos quais, 537 referem-se a segmentos retroflexos e 670 a apagamentos. As outras 1.032 ocorrências de /R/ precederam um segmento dorsal, das quais 492 foram segmentos retroflexos e 540 apagamentos. De acordo com o peso relativo, observamos que os

contextos referentes à pausa e ao segmento labial ficaram próximos ao ponto neutro, o contexto seguinte coronal favoreceu a realização do segmento, com um peso relativo de 0,624 e o contexto seguinte dorsal desfavoreceu a realização da variante retroflexa, favorecendo, portanto, o apagamento do segmento.

Nossa hipótese, nesse caso, era a de que o /R/ seria condicionado pela natureza do segmento seguinte. Segundo os dados, o contexto seguinte coronal foi o que mais apresentou ocorrências e, apesar de estar próximo ao ponto neutro, ainda configurou um favorecimento à ocorrência do retroflexo, por exemplo, em [ubeq'lẽndjə], [paqtſici'pá], ['soqtſí], dentre outros. Os contextos pausa e segmento labial, assim como o segmento coronal, ficaram bastante próximos ao ponto neutro.

No que se refere aos segmentos dorsais, houve o enviesamento dos dados. O contexto seguinte dorsal apresentou uma porcentagem de 47,7%, com o peso relativo de 0,189, enquanto o fator labial apresentou uma porcentagem de 44,5, com o peso de 0,567. A quantidade de retroflexos, em relação à quantidade de /R/, mostra que o segmento dorsal condicionou quase a metade das realizações retroflexas, ficando, então, próximo ao ponto neutro. O enviesamento geralmente ocorre devido a alguns fatores, tais como: (i) baixo número de dados; (ii) baixa proporção total de aplicação; (iii) pequena diferença entre o maior e o menor valor de peso relativo; (iv) e fatores com proporções e pesos relativos próximos. Em relação a esses fatores, importa-nos acrescentar que nosso estudo apresenta um número elevado de dados; não apresenta baixa proporção total de aplicação, com *input* de 0,680; e ainda apresenta uma pequena diferença entre o maior e o menor valor de peso relativo, sendo que este fica próximo ao ponto neutro, com exceção do fator coronal que apresentou valor maior, e por fim, fatores com proporções e pesos relativos próximos também caracterizam nossos dados.

Segue, no quadro 12, exemplos de /R/ no contexto seguinte:

**QUADRO 10** - Ocorrências de /R/ no contexto seguinte

	Apagamento	Realizações retroflexas
Coronal	saíø de	apesaꝝ de
	ficáø lá	superioꝝ legal
	ficáø sempre	superioꝝ eu
	transformaø em	paꝝticipei
	transformaø em	menoꝝ cidade
Pausa	distrocaø	poꝝ#
	dizeø	dizeꝝ#
	queø	maioꝝ#
	evoluíø	ixterioꝝ#
	vêø	ajudaꝝ#
Labial	iø pra	iꝝmão
	jogáøbiloca	inteꝝpretaçao
	empináø pipa	cumeꝝ mas
	jogaø bola	foꝝma
	ficaø melhor	enoꝝme
Dorsal	ajustáø como	paꝝque
	aproveitáø ao	maꝝketing
	sabeø que	poꝝ causa
	ficaø ausente	caꝝgo
	seø comparado	laꝝga

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

### 3.4.4 Contexto precedente

Assim como o contexto seguinte, a variável contexto precedente também foi selecionada pelo programa:

**TABELA 9** - Contexto precedente

Contexto precedente	Realização do [ɹ]	%	Peso relativo
Coronal: [ɛ, e, i] (fértil, fervente, sirvo)	<b>918</b> /2008	45,7	0,479
Labial: [ɔ, o, u] (fórté, mordida, surto)	<b>1071</b> /1234	86,8	0,633
Dorsal: [a] (barco, amargo, amar)	<b>538</b> /1765	30,5	0,430
Total	<b>2527</b> /5.007	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Observamos que de um total de 5.007 dados de /R/, 2.008 realizações desse segmento aconteceram após uma vogal coronal, sendo que destas 2.008, 918 foram retroflexos e 1.090 apagamentos. Vogais labiais precederam 1.234 realizações do /R/, das quais, 1.071 foram segmentos retroflexos e 163 apagamentos. A vogal dorsal [a] precedeu 1.765 realizações do /R/, das quais, 538 referem-se a segmentos retroflexos e 1.227 a apagamentos. Em relação ao peso relativo, as vogais coronais não apresentaram (des)favorecimento da realização retroflexa; a vogal dorsal, apesar de estar abaixo do ponto neutro (0,5), não desfavoreceu a variante retroflexa, apresentando um peso de 0,430; já as vogais labiais favoreceram o segmento retroflexo, com o peso relativo de 0,633.

Nossa hipótese, em relação ao contexto precedente, era a de que o /R/ seria condicionado pela natureza do segmento precedente. Neste caso, também, houve mais vogais coronais do que labiais e dorsais. No entanto, o contexto precedente coronal e o dorsal ficaram próximos ao ponto neutro. Já, as vogais labiais [ɔ, o, u] favoreceram a realização retroflexa, como em: [kɔ'fɔ̃mi], [a'moɹ], [‘puɹke], dentre outros.

Consideramos importante observar que o traço coronal, no contexto seguinte, e o traço labial, no contexto precedente, favoreceram a manutenção do segmento. No entanto, o segmento dorsal precedente favoreceu o apagamento. Assim, no contexto

seguinte, os segmentos com o traço [+anterior] favoreceram a manutenção do segmento, enquanto, no contexto precedente, os segmentos com o traço [+posterior] favoreceram o apagamento.

Segue, no quadro 13, exemplos de ocorrências de /R/ no contexto seguinte:

**QUADRO 11** - Ocorrências de /R/ no contexto precedente

	Apagamento	Realizações retroflexas
Coronal	fazeø uma	ubeɻandia
	Vêø#	diveɻtia
	iø pra	peɻtu
	viøgílio	deseɻtu
	qualquéø coisinha	seɻbeim
Labial	fôø#	noɻmal
	puøque	maioɻconhecimento
	passôø um	noɻmas
	supóø#	melhoɻ, tantu
	amôø#	poɻque
Dorsal	ficáø maioɻ	sulucionáɻ, né
	andáø pois	ixplicáɻmuitu
	insináø#	paɻticularis
	casáø cum	voaɻ#
	taø sendo	nadaɻ assim

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

### 3.4.5 Tonicidade da sílaba

Essa foi a quinta variável escolhida pelo programa. Em um primeiro momento, acreditamos que, como geralmente os contextos com sílaba tônica são desfavorecedores de processos fonológicos, haveria mais a manutenção do segmento na sílaba tônica do que na átona. Porém, os dados mostraram o contrário, como podemos observar na tabela, a seguir:

**TABELA 10** - Tonicidade da sílaba

Tonicidade da sílaba	Realização do [l]	%	Peso relativo
Átona ( <b>martélo, marcação, enferméira</b> )	<b>1334/1412</b>	94,5	0,629
Tônica ( <b>favór, mórtle, córte</b> )	<b>1193/3595</b>	33,2	0,448
Total	<b>2527/5.007</b>	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Podemos notar que das 5.007 ocorrências de /R/, houve um total de 1.412 na posição átona, das quais 1.334 foram realizações retroflexas e 78 apagamentos. Já na posição tônica, houve 3.595, sendo que 1.193 foram segmentos retroflexos e 2.402 apagamentos. No que diz respeito ao peso relativo, a sílaba átona favoreceu a variante retroflexa com um peso de 0,629, e a sílaba tônica ficou próxima ao ponto neutro com um peso de 0,448.

Nossa hipótese, em relação à variável tonicidade da sílaba, era a de que a variante retroflexa poderia ser condicionada pela proeminência acentual da sílaba em que ocorre. No entanto, enquanto na sílaba tônica o peso relativo ficou próximo ao ponto neutro, a sílaba átona foi favorável à variante retroflexa. Para melhor compreender esses dados, precisamos considerar outra variável - o posicionamento da sílaba na palavra. Palavras terminadas em /R/ tendem a ser acentuadas e geralmente são as que mais sofrem o apagamento, principalmente quando se trata de verbos. Diante disso, possivelmente, as variáveis posicionamento da sílaba na palavra e item lexical pesam sobre esse resultado.

Consideramos importante observar que a maioria dos dados está na sílaba acentuada. Dentre os casos analisados de ocorrência de /R/, 71,8% estão na sílaba tônica e 28,2% na átona. O apagamento, na sílaba átona, é ínfimo em relação à manutenção, sendo que 94,5% referem-se à realização retroflexa e 5,5 ao apagamento, o que corrobora mais ainda com a hipótese de que o posicionamento da sílaba na palavra e item lexical estão atuando sobre esse resultado. Segue, no quadro 14, exemplos de ocorrências de /R/ na sílaba átona e na sílaba tônica:

**QUADRO 12** - Ocorrências de /R/ na sílaba átona e na sílaba tônica

	Apagamento	Realizações retroflexas
Átona	ímpaø	cânce <u>l</u>
	dólaø	dóla <u>l</u>
	câncioø	ímpa <u>l</u>
	revolviø	revólve <u>l</u>
Tônica	trabalháø#	fo <u>l</u> tes
	cunversáø#	no <u>l</u> te
	teø#	luga <u>l</u>
	cunhecêø a	maio <u>l</u> né
	qualqueø coisa	voa <u>l</u> deve

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quando consideramos apenas a coda final, altera-se o resultado, pois 96% das sílabas finais terminadas em /R/, nesta pesquisa, são tônicas e apenas 4% são sílabas átonas, conforme Tabela 11, abaixo.

**TABELA 11** - Tonicidade da sílaba / coda final

Tonicidade da sílaba	Realização do [l]	%	Peso relativo
Átona (dólar, ímpar)	116/118	98	0,958
Tônica (favór, estar, marcár)	526/2917	18	0,468
Total	642/3035	21,15%	-

Input: 0,113

Significance: 0,018

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

De acordo com a tabela acima, das 3.035 realizações de /R/ - considerando o contexto de /R/, realizado ou apagado, em coda final -118 ocorreram na sílaba átona e 2.917 na sílaba tônica. Dentre estas, na sílaba átona, houve a ocorrência de 116 segmentos retroflexos e 2 apagamentos; e, na sílaba tônica, 526 retroflexos e 2.391 apagamentos. A sílaba tônica, em que ocorreu a maioria dos dados, apresentou um peso

relativo próximo ao ponto neutro de 0,468, já, na sílaba átona final, a realização retroflexa é categórica com um peso relativo de 0,958.

Possivelmente, este número reduzido de apagamentos na realização do /R/, em sílaba átona final, ocorre devido à baixa quantidade de ocorrências. Acreditamos que quanto maior a frequência maior a possibilidade de ocorrer variação. Assim, o número de realizações do /R/ em sílaba tônica final, 2.917, é bem maior que o número de realizações em sílaba átona final, 118. Das 2.917 ocorrências de /R/ na sílaba tônica final, 2.391 foram apagamentos; e das 118 ocorrências de /R/ na sílaba átona final, apenas em 2 houve o apagamento. Portanto, podemos observar que quanto maior for a ocorrência, maior será apagamento.

### 3.4.6 Posição da coda na palavra

De acordo com o posicionamento da coda na palavra, em nossa análise, verificamos que houve o favorecimento de realizações do /R/, como mostra a tabela, a seguir:

**TABELA 12** - Posição da coda na palavra

Posição da coda	Realização do [ɿ]	%	Peso relativo
Coda medial (Apertar, farpa, marca)	<b>1859/1942</b>	95,7	0,877
Coda final (Amar, favor, entrar)	<b>668/3065</b>	21,8	0,224
Total	<b>2527/5.007</b>	50,5	-

Input: 0,680

Significance:0,002

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Observamos, na tabela acima, que das 5.007 ocorrências de /R/, houve um total de 3.065 realizações de /R/ na coda final e um total de 1.942 na coda medial. Sendo que das 3.065 realizações de /R/, na coda final, 668 foram segmentos retroflexos e 2.397

apagamentos; e das 1.942 realizações de /R/, na coda medial, 1.859 foram segmentos retroflexos e 83 apagamentos. No que se refere ao peso relativo, a coda medial favoreceu a realização retroflexa; e a coda final desfavoreceu a variante retroflexa, favorecendo, assim, o apagamento.

Nossa hipótese, no que diz respeito a essa variável, era a de que a realização retroflexa poderia ser condicionada pela posição em que a coda se encontra na palavra, seja medial ou final. Segundo os dados, a realização do [ɹ] é favorecida pelo posicionamento da coda na palavra, neste caso, na sílaba medial. Houve poucas realizações do [ɹ] na coda final, as quais ocorreram em um contexto mais favorável ao apagamento, perfazendo 78,2% .

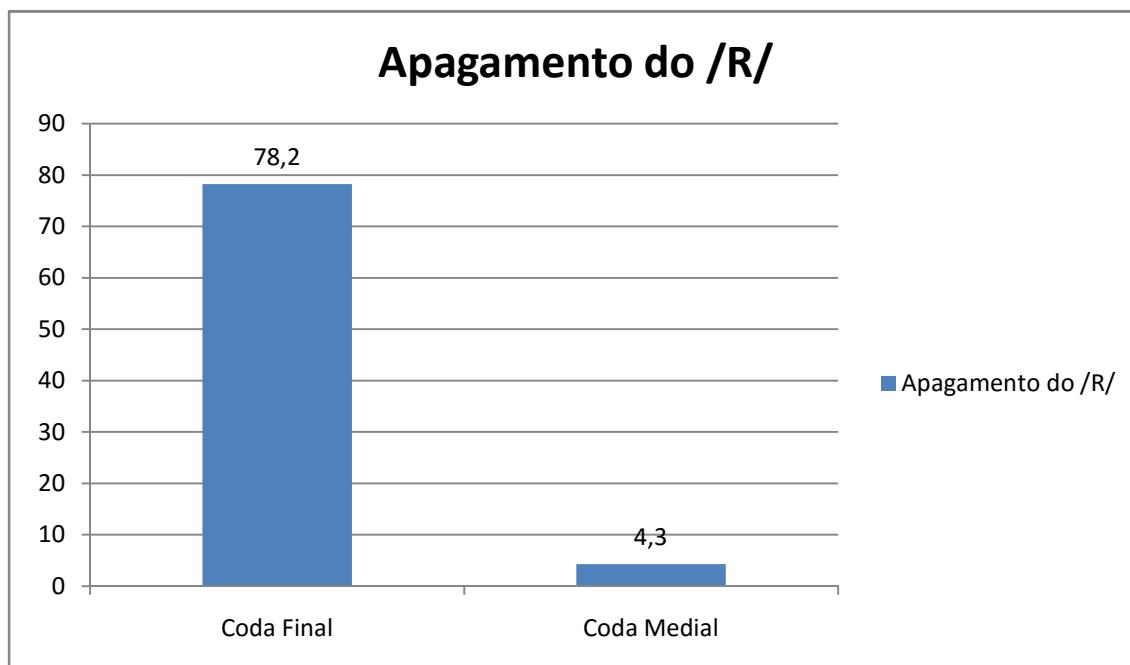
O apagamento do /R/ na coda final é um fenômeno comum no PB. Conforme Callou e Serra (2002), na década de 70, já ocorria o apagamento do /R/ em 48% no Rio e 89% em Salvador, no contexto de coda final.

Segundo as autoras:

Determinado regionalmente, o fenômeno é visto como uma tendência à articulação posteriorizada, tendência universal, ao que parece, e como uma etapa necessária à perda desse segmento fônico, em posição de palavra (fechar, por exemplo), produzindo o padrão silábico básico CV: R → H → Ø (CALLOU; SERRA, 2002, p. 41).

Para as pesquisadoras, a posteriorização do segmento é uma etapa necessária à sua perda, no entanto, não consideramos plausível esse posicionamento, pois, em Uberlândia, onde ocorre a aproximante retroflexa que é [+anterior] como realização do /R/, existe o apagamento do segmento. Assim sendo, em relação ao apagamento em coda medial e coda final, houve 3.065 ocorrências de /R/ na coda final, das quais 2.397 foram apagamento; já, em relação à coda medial, houve 1.942 ocorrências, das quais 83 foram apagamento. Logo, a quantidade de apagamento atingiu 78,2% em coda final; e, 4,3%, em coda medial, como mostra o gráfico 8:

**GRÁFICO 8** – O apagamento do /R/ em codas final e medial



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O gráfico acima mostra que o apagamento do /R/ encontra-se em estágio bastante avançado, aproximando-se de 80%, principalmente no que diz respeito aos verbos. Ocorre o apagamento na coda medial, no entanto, ainda em baixa quantidade.

Monareto (2009) mostra, a partir de dados do VARSUL, que houve 24% de apagamento e 76% de manutenção do segmento, dividido em retroflexo, vibrante alveolar e fricativa velar. Segundo a autora, o resultado preliminar da análise das variantes no /R/ aponta para o fato de que as variáveis, localidade e posição da sílaba, pesam sobre a variação. No que se diz respeito ao apagamento, foi selecionada a variável classe morfológica, e as demais variáveis não se mostraram significativas, o que se opõe ao que ocorreu em nossa pesquisa, isto é, analisamos 8 das 9 variáveis selecionadas pelo programa. Na sequência, apresentamos, no Quadro 16, exemplos de apagamentos e de realizações retroflexas em nossos dados.

**QUADRO 13** - Exemplos de /R/ na coda medial e na coda final em Uberlândia

	Apagamento	Realizações retroflexas
Coda medial	ubeølândia	meu <i>ɿ</i> mão
	poøque	pa.ɿticipáø
	duømiø	ube.ɿlândia
	mulheøzinha	so.ɿ ti
	lagaoøtixa	te.ɿ minam
Coda final	crecêø é	terro.ɿ,
	ficáø mais	melho.ɿ se
	fazêø#	calo.ɿ muito
	conheceø#	do.ɿ, daí
	sêø mãe	po.ɿ mais

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

### 3.4.7 Item lexical

A sétima variável selecionada pelo programa foi o item lexical. Em outras pesquisas, essa variável tem mostrado ser bastante favorecedora, visto que, nas variáveis posição da sílaba na palavra e tonicidade da sílaba, houve um favorecimento do fator “verbo” no apagamento do /R/, conforme apresentado na tabela, a seguir.

**TABELA 13** - Item lexical

Item lexical	Realização do [ɿ]	%	Peso relativo
Substantivo (pórta, árvore, már)	1176/1200	98	0,968
Outros (por, fórte, qualquérr)	932/1055	88,3	0,803
Verbo (párto, cantár, dizér)	419/2752	15,2	0,117
Total	2527/5.007	50,5	-

Input: 0,680

Significance: 0,002

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Conforme a tabela acima, dos 5.007 dados de /R/, houve 2.752 realizações de /R/ em verbos, das quais 419 foram segmentos retroflexos e 2.333 foram apagamentos. Em substantivos, de um total de 1.200 realizações de /R/, 1.117 foram retroflexos e 83 foram apagamentos. Já, no fator outros, houve um total de 1.055 realizações de /R/, destas 932 foram realizações retroflexas e 123 foram apagamentos. No que se refere ao peso relativo, substantivos apresentaram um peso de 0,968, indicando a realização categórica do retroflexo; outros apresentaram um peso de 0,803, favorecendo, também, a variante retroflexa. No entanto, o fator verbo apresentou um peso de 0,117, o que desfavoreceu a variante retroflexa, e consequentemente, favoreceu o apagamento do segmento.

Em relação a essa variável, a nossa hipótese de que o apagamento ou a manutenção do /R/ poderiam ser favorecidos pelo item lexical foi confirmada. Dessa forma, substantivos condicionaram a realização do /R/, categoricamente; outras palavras, como conjunções, preposições, adjetivos, etc., também favoreceram bastante a manutenção do segmento; já, verbos foram bastante desfavorecedores à manutenção, sendo assim, favoreceram o apagamento.

**QUADRO 14** - Ocorrências de /R/ segundo o item lexical

	Apagamento	Realizações retroflexas
Substantivos	Viøgílio	aſte
	Ubeølândia	tuſminha
	mulhéøqui	taſdezinha
	Maøley	vestibulaſ pra
	amoø	lugaſ pra
Outros	qualquéø coisinha	ſolid
	melhóø#	maioſ medo
	puøque	poſque
	pu# causa	melhoſ sãø
	pió#	poſſisſo
Verbos	fazeø aſte	diveſti#
	seguiø essa	inxelgo
	queø#	conveſſando
	insináø#	paſſir
	daø um	cunveſſo

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Para comparar os dados referentes a esta variável com os de Callou e Serra (1996), apresentamos os dados obtidos por meio da rodada no programa, considerando apenas o contexto coda final. Importa-nos observar que, para esse fim, os fatores substantivos e outros foram amalgamados, uma vez que assim o fizeram as autoras em sua pesquisa, conforme Tabela 14, a seguir.

**TABELA 14** - Item lexical / coda final

Item lexical	Realização do [ɿ]	%	Peso relativo
Verbo (a'mar, can'tar, esti'ver)	<b>135/2459</b>	5	0,285
Não-verbo (qual'quer, por, cor)	<b>507/576</b>	88	0,963
Total	<b>642/3035</b>	21,15%	-

Input: 0,113

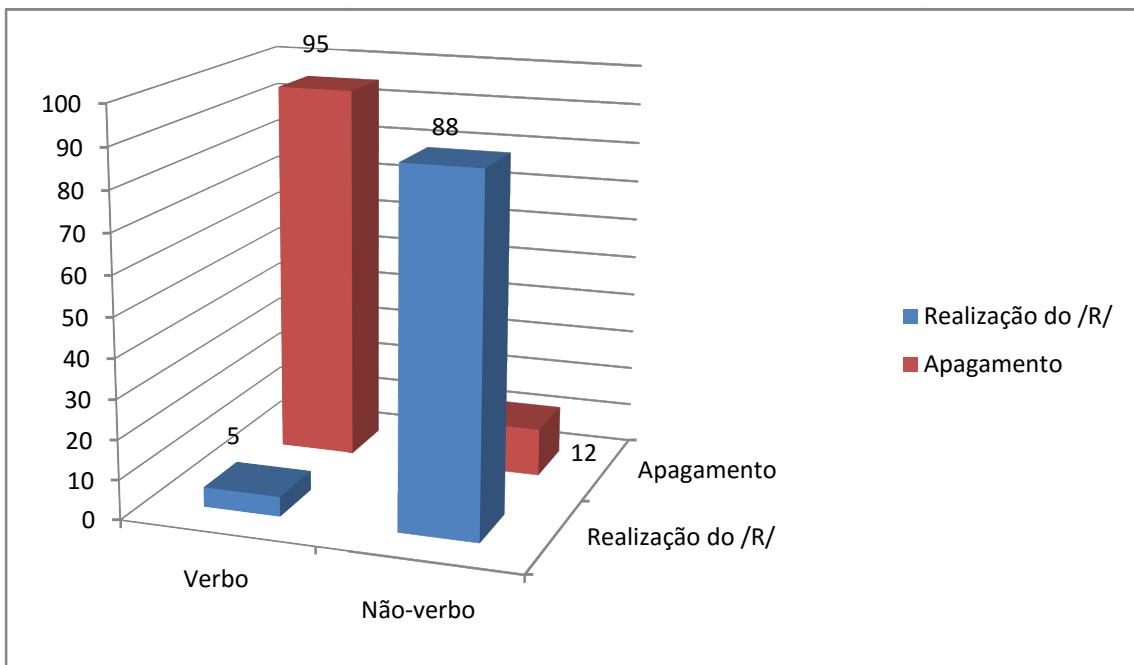
Significance: 0,018

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

De acordo com a tabela, das 3.035 realizações de /R/, considerando o contexto de /R/, realizado ou apagado, em coda final, 2.459 foram em verbos e 575 foram em não-verbos. No fator verbos, houve um total de 135 realizações retroflexas e 2.324 apagamentos; já, em não-verbos, houve um total de 507 ocorrências de retroflexos e 68 apagamentos. No que diz respeito ao peso relativo, o fator não-verbo favoreceu categoricamente a variante retroflexa, já o fator verbo desfavoreceu a variante retroflexa, favorecendo, consequentemente, o apagamento do segmento.

Embora tenhamos divido a variável item lexical em substantivo, verbo e outros, para comparar com estudos Callou e Serra (1996) e Callou (2008), agrupamos os dados em verbos e não-verbos, de acordo com o gráfico, abaixo.

**GRÁFICO 9** - Apagamento e realização do /R/, de acordo com o item lexical



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os dados mostram que, no fator verbos, houve a manutenção de 135/2.459 e o apagamento de 2.324/2.459, respectivamente, 5% de manutenção e 95% de apagamento. Já, em não-verbos, houve a manutenção de 507/576 e o apagamento de 69/576, respectivamente, 88% de realizações retroflexas e 12% de apagamento.

Quando consideramos apenas o contexto de coda final, verificamos que a quantidade de não-verbos diminui drasticamente, entretanto, temos um total de 2255 realizações de /R/ em não-verbos, quando consideramos a coda final e a medial, sendo que, em relação à coda final, temos apenas 576 realizações. Diante disso, observamos que o contexto coda medial favorece a realização do segmento, sendo assim, uma vez que obtivemos mais dados em não-verbos na posição de coda medial, houve o condicionamento da realização retroflexa em não-verbos, por existir mais dados nessa posição. Exemplos de apagamento e da realização retroflexa não-verbos, coda medial e final:

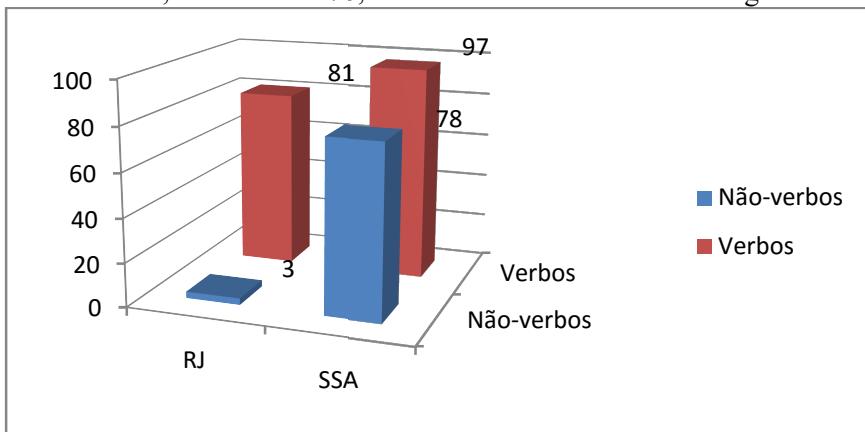
**QUADRO 15** - Ocorrências de /R/ em não-verbos

	Apagamento	Realizações retroflexas
Coda medial	ubeølândia	meu <sup>l</sup> mão
	poøque	melho <sup>l</sup> #
	Viøgílio	ube <sup>l</sup> ândia
	mulheøzinha	so <sup>l</sup> i
	lagaøtixa	do <sup>l</sup> #
Coda final	amoø#	terro <sup>l</sup> #
	poøfavôø	melho <sup>l</sup> se
	qualqueøum	calo <sup>l</sup> muito
	melhóøque	do <sup>l</sup> , daí
	pióøseria	po <sup>l</sup> mais

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os trabalhos de Callou e Serra (1996) e Callou (2008), fazem uma relação do apagamento do /R/ na coda no fim de sílaba, levando em consideração o item lexical e comparando os dados nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador:

**GRÁFICO 10** - Apagamento do /R/ em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador, na década de 70, de acordo com a classe morfológica



Fonte: Callou e Serra (1996)

Este quadro mostra que, enquanto no Rio o item lexical ainda favorece a variação entre manutenção/apagamento, em Salvador a diferença já está se tornando mais branda. Em Uberlândia, mesmo utilizando dados tanto de coda medial, quanto de coda final, temos um índice mais próximo ao indicado pelas autoras no Rio. Enquanto,

no Rio, temos o apagamento de 3% em verbos e 81% em não verbos, em Uberlândia, temos o apagamento de 95% em verbos e 12% em não-verbos, conforme a tabela:

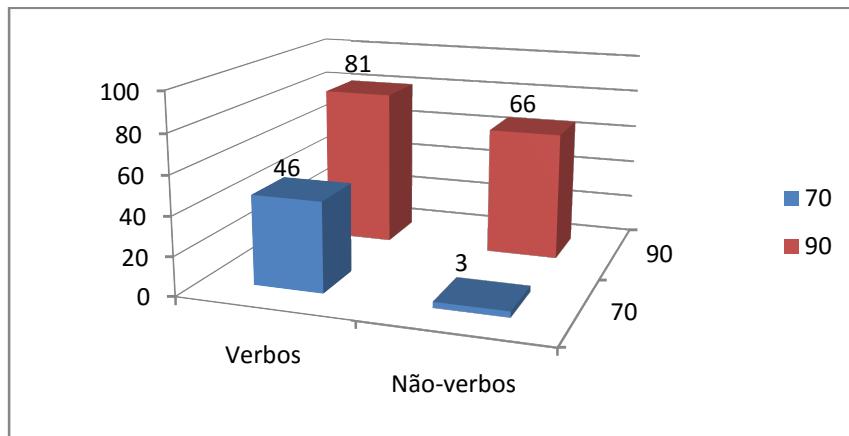
**TABELA 15** -O apagamento de acordo com item lexical em Uberlândia, RJ e SSA

Cidade	Apagamento em verbos	Apagamento em não-verbos
Uberlândia	95%	12%
RJ	81%	3%
SSA	97%	78%

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Callou (2008) compara os dados da década de 70 com dados da década de 90, para mostrar que o fenômeno está em ascensão. Uberlândia, segundo estes dados, estaria em um estágio mais próximo ao do Rio de Janeiro na década de 70, pois os dados da década de 90 mostram que a diferença do apagamento entre verbos e não-verbos tem diminuído:

**GRÁFICO 11** - Apagamento do R em posição de coda final, na fala padrão do Rio de Janeiro, (25-35), nas duas décadas, levando em conta classe morfológica



Fonte: Callou (2008).

Considerando esses dados, podemos indagar se o enfraquecimento do /R/ se dá de forma mais rápida em regiões que têm um segmento fricativo como realização do /R/, já as regiões que têm um segmento vibrante ou aproximante, caso de Uberlândia, estão em um estágio anterior em relação ao apagamento, principalmente, ao que se diz respeito dos não-verbos.

Rennicke (2011) discute o enfraquecimento dos róticos. Segundo a autora, os róticos passam pelos seguintes processos até o apagamento:

- Velarização do rótico na coda, fim de palavra:  
 $r \rightarrow r \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$
- Retroflexão do rótico na coda, fim de palavra:  
 $r \rightarrow r \rightarrow \text{[l]} \rightarrow \emptyset$

Segundo a autora, existe um estágio de aproximantes entre a vibrante o o apagamento, estágio este que temos na cidade de Uberlândia, que tem a aproximante retroflexa como variante predominante. Sendo assim, reforçando, os róticos [+ posteriores] estão em um estágio mais avançado de apagamento em relação aos róticos [+ anteriores], principalmente, quando se leva em consideração o item lexical.

### 3.4.8 Tamanho da palavra

O tamanho da palavra foi a última variável selecionada pelo programa. Existia a hipótese relacionada ao princípio da saliência fônica na qual quanto menos sílabas têm a palavra, mais o /R/ é preservado.

**TABELA 16** - Tamanho da palavra

Número de sílabas na palavra / Saliência fônica	Realização do [l]	%	Peso relativo
Uma	171/664	25%	0,602
Duas	345/1642	21%	0,452
Três ou mais	126/729	17%	0,516
Total	642/3035	21,15%	-

Input: 0,113

Significance: 0,018

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

De um total de 3035 realizações de /R/, realizado ou apagado, em coda final houve 664 palavras com uma sílaba e, destas, um total de 171 realizações retroflexas e

493 apagamentos. Já com duas sílabas, das 3035 palavras, houve 1642 palavras, das quais 345 foram realização do [l] e 1393 foram apagamentos. As palavras com três ou mais sílabas contabilizaram 729 de um total de 3035, das quais 126 foram realizações retroflexas e 603 foram apagamentos. Levando em consideração o peso relativo, mesmo que todos fatores tenham ficado próximo ao peso relativo, as palavras de uma sílaba favoreceram mais a realização retroflexa, com um peso relativo de 0,602, enquanto as de duas e as de três ou mais sílabas ficaram próximas ao ponto neutro, com pesos relativos, respectivamente, 0,452 e 0,516.

Nossa hipótese era que o tamanho da palavra condicionaria o apagamento do /R/. Levando em consideração o princípio da saliência fônica o qual prevê que o apagamento do /R/ é favorecido por palavras com mais sílabas, os dados apontaram o seguinte: as palavras com uma sílaba favoreceram a realização retroflexa; palavras com duas sílabas e com três sílabas ficaram próximas ao ponto neutro, com pesos 0,452 e 0,516, respectivamente.

Há o enviesamento dos dados em relação aos fatores duas sílabas e três sílabas ou mais. O que realmente teve peso sobre a realização retroflexa foi o fator uma sílaba, sendo assim os outros dois enviesados não alteram o resultado da nossa pesquisa. Poderíamos amalgamá-los, no entanto, decidimos mantê-los uma vez que não farão diferença sobre o achado. Assim como os nossos dados, os dados de Callou e Morais (1996) apresentaram os mesmo problema, mostrado na tabela 17.

Nossos resultados vão de encontro com os de Callou e Morais (1996). As autoras mostram que a saliência teve peso sobre o apagamento do /R/:

**TABELA 17 - O apagamento do /R/ por saliência fônica no PB - Dialetos do RJ.**

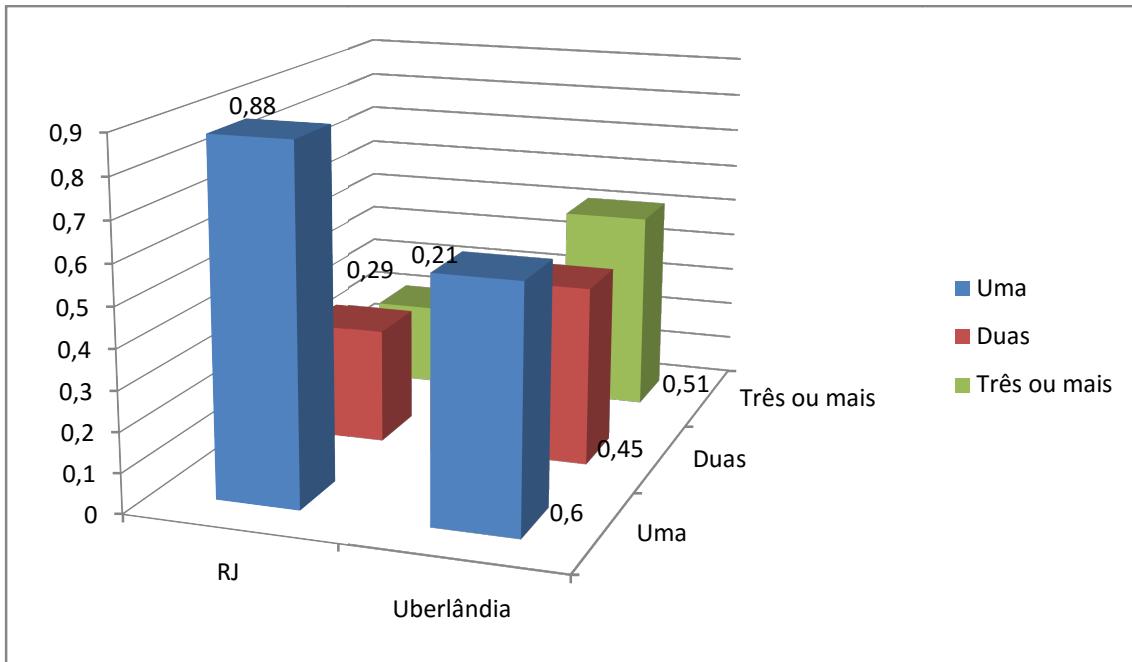
<b>Número de sílabas na palavra / Saliência fônica</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Uma	85	0,21
Duas	68	0,29
Três ou mais	89	0,88

Fonte: Callou e Morais (1996).

O quadro proposto pelas autoras mostra o peso relativo em relação ao apagamento. Sendo assim, palavras com três sílabas ou mais tiveram mais ocorrências

de apagamento do que as demais, o que também foi mostrado pelos nossos dados como mostra o gráfico:

**GRÁFICO 12** - Apagamento do R por saliência fônica no Rio e em Uberlândia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Exemplos de apagamento e a realização retroflexa em uma, duas e três sílabas ou mais:

**QUADRO 16** - Ocorrências de /R/ em relação ao tamanho da palavra

Quantidade de sílabas	Apagamento	Realizações retroflexas
Uma	veø#	ta
	vêø alguns	causa
	sêøunidu	católica
	lêø#	então
	sêø alguém	sido
Duas	viajáø e	luga
	ficáø sozinha	sofre
	Fazêø#	impo
	montáø o	passa
	cumeçaø a	melhó
Três ou mais	paøticipáødu	profissõ
	Iscondêø#	instruto
	divertiø agora	vestibula
	iscolheø uma	apesa
	conseguiø#	consulta

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Notoriamente, após essa discussão, fica evidente que tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos favoreceram a variação do /R/, corroborando para a proposta de Labov (1972).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, investigamos a variação do /R/ em coda silábica medial/final, na cidade de Uberlândia-MG, comparando com estudos de Callou (1979), Callou e Moraes (1996), Monaretto (2001); levando em consideração os apontamentos feitos por Leite (2004, 2010), Rennicke (2010), dentre outros estudiosos que, de certa forma, causaram um interesse maior no estudo dos róticos.

Como objetivos específicos, desejávamos analisar processos fonológicos que ocorrem com o /R/ em coda, seja medial ou final e constatamos que o /R/ em Uberlândia tem como variantes o retroflexo e o apagamento, com uma pequena quantidade de outros segmentos; identificar a(s) variante(s) do /R/ que prevalecem na cidade de Uberlândia. Sendo que a descrição da variação do /R/ demonstrou a complexidade do fenômeno estudado e nos trouxe algumas respostas. O retroflexo é a variante predominante na cidade de Uberlândia, existindo também o apagamento, principalmente, na coda final (com 78,2%), e na coda medial (com 4,3%), e, também, 5% de ocorrências da variante “outros”; almejávamos ainda verificar fatores linguísticos e extralingüísticos que contribuem para a realização do /R/ e de suas variantes, objeto de estudo deste trabalho. Como todas as variáveis foram selecionadas pelo programa estatístico, em detrimento da variável escolaridade, os fatores que favoreceram a variante retroflexa foram: sexo masculino (peso 0,625); faixa etária de 26 a 49 anos (peso 0,624); no contexto seguinte, segmentos coronais (peso 0,624); no contexto precedente, segmentos labiais (peso 0,633); sílabas átonas (peso 0,629); substantivos e outros (pesos relativos de 0,968 e 0,803, respectivamente); e palavras com uma sílaba (peso 0,602). Em relação ao apagamento, favoreceram: sexo feminino (peso 0,649); faixa etária com mais de 49 anos (peso 0,679); no contexto seguinte, segmentos dorsais (peso 0,811); e verbos (peso 0,883).

**QUADRO 17:** Os fatores favorecedores da variação do /R/ com peso relativo

Retroflexo [ɿ]	Apagamento ø
Sexo masculino (0,625)	Sexo feminino (0,649)
26 a 49 anos (0,624)	Mais de 49 anos (0,679)
Segmentos coronais (0,624)	-
Segmentos labiais (0,633)	-
Sílabas átonas (0,629)	-
Substantivos e outros (0,968) e (0,803)	Verbos (0,883)
Palavra com uma sílaba (0,602)	-

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A única variável que não foi selecionada pelo programa foi a escolaridade. O que mostra que, embora o retroflexo seja uma variante estigmatizada, os falantes utilizam tanto a realização retroflexa, quanto o apagamento. A variante “outros” foi favorecida pelo fator sexo feminino, sendo que 100% das ocorrências aconteceram nesse fator. E os fatores faixa etária e escolaridade também favoreceram a utilização dessa variante.

Em relação às nossas hipóteses, temos os seguintes apontamentos: A primeira hipótese era que “A variação do /R/ é condicionada pela natureza do segmento que antecede e que sucede o rótico”, não tivemos alternância entre variantes do /R/ a não se retroflexo e fricativo. Porém, tanto o contexto seguinte quanto o contexto precedente foram selecionados pelo programa em relação ao apagamento e à manutenção.

Outra hipótese é que “A variante retroflexa pode ser condicionada pela proeminência acentual da sílaba em que ocorre (átona ou tônica)”. Segundo os dados, a sílaba átona favoreceu a manutenção, enquanto a sílaba tônica favoreceu o apagamento.

O programa selecionou a variável posição da sílaba na palavra, o que mostrou que “A realização retroflexa pode ser condicionada pela posição na palavra em que a sílaba se encontra, seja medial ou final”. A posição medial favoreceu a manutenção e a posição final favoreceu o apagamento. O que mostrou que a próxima hipótese “A posição de coda final pode favorecer o apagamento”, também, estava certa.

A próxima hipótese era que “O apagamento ou a manutenção do /R/ podem ser favorecidos pelo item lexical”. Os dados mostraram que verbos favorecem o apagamento e que substantivos e as outras classes de palavras favorecem a manutenção do segmento.

Sobre “O ponto de articulação da vogal precedente pode favorecer a realização do /R/ em retroflexo e/ou outras”, essa hipótese se mostrou inválida porque não houve a realização de um ou outro segmento de acordo com pontos de articulação. As poucas variantes fricativas encontradas na pesquisa, para nós, são uma questão de regionalismo, ou seja, de outro dialeto interferindo no dialeto überlandense.

A hipótese de que quanto maior a palavra maior seria a quantidade de apagamento foi constatada nos dados. Palavras com apenas uma sílaba condicionaram a variante retroflexa.

O programa selecionou duas variáveis extralingüísticas. A hipótese de que “A faixa etária pode condicionar a utilização da variante retroflexa”, aplica-se para a faixa etária de 26 a 49 anos. Já a faixa etária com mais de 49 anos de idade favoreceu o apagamento.

A variável dependente sexo foi selecionada pelo programa e mostrou que mulheres apagam mais o segmento que homens. Assim, a variante retroflexa pode ser condicionada pela variável independente sexo, sendo que homens utilizam mais a variante retroflexa que mulheres.

A única variável independente não selecionada foi o grau de escolaridade. Então, a hipótese de que “o grau de escolaridade pode favorecer a ocorrência do /R/”, não se mostrou válida.

Callou e Serra (2013) propõem que o apagamento do /R/ em coda final é gradiente, assim como Bisol (2011) defendeu para a harmonização vocalica, em variedades distintas. As autoras postulam, então, três regras sendo de caráter regional, que mapeiam o apagamento do rótico em coda final no PB:

**Quadro 18:** Tipos de regras para o apagamento do /R/

Tipo de regra	Características
Regra categórica de apagamento sensível à classe morfológica	Há variedades que aplicam a regra de apagamento só em verbos, e, coincidentemente, têm como norma de pronúncia, em coda silábica interna, uma vibrante anterior (Porto Alegre – Sul).
Regra variável de apagamento	Há variedades em que a regra é variável em verbos e não-verbos -- sensível ao tipo de fronteira prosódica -- em variedades em que a norma é uma fricativa posterior, velar (Rio de Janeiro - Sudeste).
Regra categórica de apagamento	Há variedades em que a regra atua, independentemente de classe morfológica e tipo de fronteira prosódica, nas quais a norma de pronúncia é uma fricativa posterior, laríngea – aspiração (Salvador - Nordeste).

Fonte: Callou e Serra (2013, p. 592).

Segundo esse quadro, em Uberlândia, temos uma regra categórica de apagamento sensível à classe morfológica. Sendo que, é aplicada a regra de apagamento apenas em verbos, e como norma de pronúncia, em coda silábica interna, há a realização retroflexa. É importante destacar que a maioria dos dados referentes a verbos estão no contexto coda final, e que os dados referentes aos demais itens lexicais, substantivos e outros, a maioria dos dados estão no contexto coda medial.

Acreditamos que esta pesquisa contribuiu de maneira importante para a documentação do dialeto envolvido e sua descrição. Ainda observamos que será realizada uma experiência de colaboração entre diferentes pesquisadores que podem se debruçar sobre o mesmo tema e, assim como nós, confrontar dados.

Esperamos, ainda, que este trabalho contribua com o enriquecimento e com a descrição do dialeto e da cultura do Triângulo Mineiro, principalmente no que se diz respeito aos estudos linguísticos. Não obstante, que este trabalho contribua com a

academia, de forma a instigar aqueles que pretendem estudar sobre fonética, fonologia, sobre a variação e sobre a linguística de um modo geral.

## 5 REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: UFPB, 2003. p.144-180.

ABREU, R. L. **Localização da cidade de Uberlândia em Minas Gerais**. Uberlândia, 2006. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A2ndia#/media/File:MinasGerais\\_Municip\\_Uberlandia.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberl%C3%A2ndia#/media/File:MinasGerais_Municip_Uberlandia.svg)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976. (Edição original: 1920)

BACK, E. A evolução do sistema das consoantes portuguesas. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, v. 18, p. 13-46, 1970. Disponível em:  
<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19761/13000>> . Acesso em: 23 dez. 2013.

BECKMAN, J. N. **Positional Faithfulness**. 1998. 255 f. Dissertation (Phd) - Department of Linguistics, University of Massachusetts at Amherst, Massachusetts, 1998. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/234-1297/234-1297-BECKMAN-6-0.PDF>> . Acesso em: 23 dez. 2013.

BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. Barcelona: Universidade Autonoma de Barcelona, 1996.

BISOL, L. **Harmonização Vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

\_\_\_\_\_. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, UNICAMP, n. 22, p. 69 –80, 1992.

\_\_\_\_\_; COLLISCHONN, G. (ORGs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Colaboradores Cláudia Brescancini et al. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R retroflexo. **Signum - Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, dez. 2007.

CALLOU, D.I. **Estudo sobre a vibrante no português vernacular do Rio de Janeiro**. 1979. Tese de doutorado (Phd) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_. **Variação e distribuição da vibrante na fala culta carioca.** Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

\_\_\_\_\_. Revisitando o R. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C.(ORGs.) **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil.** Uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras: 2008, p. 401-411.

\_\_\_\_\_; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, p. 41-58, 2002. (Número Especial)

\_\_\_\_\_; MORAES, J.; LEITE, Y. O Vocalismo do Português do Brasil. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.31, n. 2, p. 27-40, jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. **Gramática do Português Falado.** Campinas: UNICAMP, 1996, p. 465-493, v. 6.

\_\_\_\_\_. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A . (ORGs.). **Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos.** Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002, p. 537-555.

\_\_\_\_\_. Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C.; VINCENT, D.; DESHAIES, D.; LAFOREST, M. (Ed.). **Papers in Sociolinguistics**, Québec/Canadá, NWAVE-26 à l'Université Laval, p. 53-62, 1998.

\_\_\_\_\_; SERRA, C. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, XXVIII., 2013, Coimbra. **Anais ... Coimbra**, 2013. p. 585-594. (Textos selecionados)

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Rio de Janeiro: Simões, 1970.

CARNAVAL, G. **Lua cheia de hoje.** Uberlândia, 2013. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/6Q\\_NttQ\\_Ja/?taken-by=prefuberlandia](https://www.instagram.com/p/6Q_NttQ_Ja/?taken-by=prefuberlandia)> . Acesso em: 23 dez. 2013.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira:** estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros. 2006. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. V. S. O 'r-caipira' no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Artigo inédito. In: GRUPO DE ESTUDOS

LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 57., 2009, Campinas. **Anais ...** Campinas, 2009.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Raper e Ros, 1968.

CLEMENTS, G. N; HUME, E. V. The internal organization of speechsounds. In: Goldsmith, J (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Basil Blackweel, 1995.

\_\_\_\_\_. Feature Organization. In: BROWN, K. (Ed.). **Versão manuscrita a aparecer em The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Elsevier Limited, 2004.

COLLISCHONN, G. **Fonologia do português brasileiro**, da sílaba à frase. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006, 114 p.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

DELATRE, P.; FREEMAN, D. C. A dialect study of American r's by x-ray motion Picture. In: CONTRERAS, H. **Linguistics – An international review** 44. Paris/Mouton: The Hague, 1968, p. 22-68.

FERRAZ, I. da S. **Característicasfonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro**: dados de informantes de Pato Branco (PR). 2005. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2005.

FREITAG, R. M. K.; MITTMANN, M. M. GoldVarb 2001: Comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. In: SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 5., 2005, Santa Catarina. **Anais ...** Santa Catarina, 2005. 34 p.

GUY, G. R. ; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**- instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “r caipira”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5-39, Campinas, , 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Informações completas**. Uberlândia, 2013. Disponível em:  
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=317020>. Acesso em: 23 fev. 2013.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.. **Principles of linguistic change – internal factors**. Blackwell: Malden/Oxford: 1994.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta PereiraScherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 9-90.

LEITE, C.M.B. **Atitudes linguísticas:** A variante retroflexa em foco. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro.** 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

LINDAU, M. **Features for vowels.** Working papers in phonetics, 30. Los Angeles: UCLA, 1975.

LOPEZ, B. **The sound pattern of brazilian portuguese** (cariocan dialect). 1979. Tese (Phd) - University of Califórnia, Califórnia, 1979.

MAGALHÃES, J.S. Caracterização dos processos assimilatórios no português brasileiro. **Forum Linguístico**, Florianópolis. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 11, n. 1, p. 97-105, jan./mar. 2014.

MATTOS E SILVA, R. V. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 221-254.

MATTOS LIMA, J. D. **Difusão lexical na vibrante final.** 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MATZENAUER, C.L.B. **Aquisição da fonologia do Português:** estabelecimento de padrões com base em traços distintivos. 1990. Tese (Phd) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MATZENAUER, C.L.B. Gramáticas de sons em desvios fonológicos. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX., 2010, Palhoça. **Anais ...** Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

MILROY, L. **Language and social networks.** 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987. (Edição original: 1980)

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003 (p. 9-14).

MONARETTO, V. N. de O. **A vibrante**: representação e análise sociolinguística. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

\_\_\_\_\_. **Um reestudo da vibrante**: análise variacionista e fonológica. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.35, n.1, p. 275-284, mar. 2000.

\_\_\_\_\_. et al. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do Sul do Brasil**. Porto Alegre: DIPUCRS, 2010, p.119-127.

NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.

OLIVEIRA, M. A. de. Reanálise de um problema de variação. **Série estudos Fiube**, Português: estudos linguísticos, Uberaba, n. 7, p. 23-51, 1981.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Localização estrategicamente privilegiada**. Uberlândia, 2013. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=27&pg=729>> . Acesso em: 23 fev. 2013.

Rennicke, I. **As atitudes linguísticas perante o /r/ retroflexo em Belo Horizonte, Minas Gerais**. 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Línguas Modernas, Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

\_\_\_\_\_. The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, v. 6, n. 1, 2011. p. 149 – 170.

RIBEIRO, C. M. R. O comportamento geolinguístico do (r) posvocálico nos atlasbrasileiros publicados. **Letras escreve**, Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2011.

RYAN, E. B. Why do low-prestige language varieties persist? In: GILES, H.; ST CLAIR, R. (Orgs.). **Language and social psychology**. Oxford: Blackwell, 1979, p. 145-157.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> . Acesso em: 30 jun. 2014.

SELKIRK, E. **Phonology and syntax**: the relations between sound and structure. Cambridge: The MIT Press, 1984.

SENSIXDRONES. **Uberlândia Business Tower na Avenida Rondon Pacheco – UBT**. Uberlândia, 2013. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/7MOrIw\\_EF/?taken-by=prefuberlandia](https://www.instagram.com/p/7MOrIw_EF/?taken-by=prefuberlandia)>. Acesso em: 23 dez. 2013.

SILVA, A. do N. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-133.

SILVA, L. **Influências indígenas e africanas na cidade de Uberlândia**. Uberlândia, 2013. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/larissasilva315865/influncias-indgenas-e-africanas-na-cidade-de-uberlndia>> . Acesso em 24 abr. 2015.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994. 96 p. (Série Princípios)

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1939.

VIEGAS, M. C. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VILAÇA, D. W. A variável (R) em final de palavra no bairro Várzea, município de Lagoa Santa-MG. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro, **Cadernos do CNLF** – Instituto de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, 2011. (p. 1424 – 1437)

JAKOBSON, R; FANT, G; HALLE, M. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1952. (sixth printing, 1965)

## 5 ANEXOS

### Anexo I: ROTEIRO DE PERGUNTAS

#### QUESTIONÁRIO LIVRE

Tema A - infância:

- Onde você foi criado? Conte como foi sua criação.
- Como foi sua infância?
- Como era seu relacionamento familiar?
- Quais são suas melhores lembranças? Por quê?
- Qual era seu maior medo na infância? Por quê?
- E hoje, qual é seu maior medo? Por quê?
- Conte algo de engraçado que te marcou.

Tema B Uberlândia:

- Como é seu município?
- Quais as principais festas que acontecem Uberlândia? Conte como são e o que contecemnessas festas.
- Qual atividade econômica desenvolvida em seu município? Você já fez algo ligado a essaatividade? Comente.
- Fale sobre as atividades turísticas oferecidas na região, o que há de bom para fazer nos finaisde semana ou nos períodos de folga?

Tema C casamento:

SE CASADO:

- Como você conheceu seu esposo (sua esposa)? Foi amor à primeira vista?
- Conte como foi seu casamento.
- Você teve festa de casamento? Onde foi? O que aconteceu na festa que você está sempre recordando? Conte os fatos mais importantes.
- Se hoje você não fosse casado (a), você faria tudo de novo? Por quê?
- De que forma você definiria o casamento atual? Por quê?

SE NÃO FOR CASADO:

- Você tem planos de se casar um dia?

- Como imagina que será seu casamento?
- Você pensa em ter filhos? Quantos?
- Terá festa? Como imagina que será?
- Como você define um casamento?

#### Tema D religião:

- Qual é sua religião? Por que você escolheu esta religião? Comente.
- Como você vê as demais religiões? Por quê?
- Sua família frequenta a mesma igreja e/ou centro que você?
- Se você não tem nenhuma religião ao menos você crê em Deus? Por quê? Comente.
- Você tem algum tipo de preconceito entre certas religiões? Que preconceitos são esses? Comente.

#### Tema E trabalho:

- Em que você trabalha? Você se considera uma pessoa realizada profissionalmente? Por quê?
- Quais são suas metas no campo profissional? Você já cumpriu todas? Comente.
- Você já teve problemas com pessoas que fazem parte de seu ambiente de trabalho? Comente.
- Se você pudesse escolher em que trabalhar e como trabalhar, o que você escolheria e comotrabalharia? Por quê?

#### Tema F Literatura:

- Você tem o costume de ler? Quais livros já leu? Eles eram sobre o quê?
- Você prefere qual tipo de leitura: Gibis; Revistas; jornais; tabloides; romances?
- Qual livro marcou sua infância? Por quê?
- Quais tipos de livros chama sua atenção? Terror, autoajuda, amor, aventura, suspense?

#### Tema G televisão:

- Qual seu programa de televisão favorito?
- Você acha que a televisão “emburrece as pessoas” ou oferece informações interessantes que ajudam as pessoas a conduzir suas vidas?
- Qual sua preferência de gênero televisivo: novela, telejornal, *realityshow*, *talkshow*, entretenimento, esportes, filmes, desenhos animados?

Tema H internet:

- você tem acesso a internet? O que gosta de fazer nesta ferramenta mundial?
- Quais *sites* você considera muito ruins, e quais muito bons?
- Você já teve a curiosidade de entrar em *sites* de outros países?
- Participa de redes de relacionamentos? *Orkut, Twitter, Face book?*
- Tem e-mail, tem o costume de mandar que tipo de e-mail para sua lista: Religiosos, charges,músicas ou apenas textos?

Tema I animais:

- Quais animais você tem em casa?
- Qual seu animal favorito? Qual acha mais bonito dentre todos?
- Se você fosse um animal, gostaria de ser um animal grande ou pequeno, por que?
- Se você pudesse adquirir características de animais, qual escolheria: voar ou nadar?

Tema J crianças:

- Você gosta de crianças? Tem alguma criança na sua família? Como ela é?
- Com quantos anos teve filho? Comente sobre este momento. (caso já tenha filho)
- Com quantos anos pretende ter filho? Como imagina que será? (caso não tenha filho)

Tema K – Turismo:

- Quais cidades já visitou?
- Qual a menor cidade já visitou, qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual a maior cidade já visitou, qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual cidade você teve maior interesse quando visitou? Por quê?

Tema L – Família:

- Sua família é unida ou desunida?
- Onde mora seus familiares?
- Conte sobre sua família: como são seus avós, tios, sobrinhos, primos etc.

Tema M – Alimentação:

- Qual comida você prefere?

- Qual comida não te atrai?
- Sabe a receita de algum prato? Conte como é.
- Que tempero tem sua preferência?
- Gosta ou sabe cozinhar? Quais pratos prefere fazer?
- O que você acha que é uma alimentação saudável? Você se utiliza dela?